FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.123 SEGUNDA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO DE 2022 R$ 6,00

Detalhe de janela do museu restaurado Eduardo Knapp/Folhapress

Chile rejeita nova Carta e entra em fase de incerteza

População vota contra texto elaborado por Assembleia Constituinte, em derrota para o governo de Gabriel Boric

Os chilenos rejeitaram a proposta de nova Constituição que foi a votação ontem. Com 99,86% das urnas apuradas até as 22h30 de Brasília, o "não" à Carta vencia por 61,87% a 38,13%.

A rejeição ampla é vista como derrota da gestão do esquerdista Gabriel Boric, informa a enviada **Sylvia Colombo**. Boric disse que "a democracia sai mais robusta".

"É preciso escutar a voz do povo, devemos ser autocríticos", afirmou. A nova Carta era um dos motores de sua coalizão política e parte importante da campanha à Presidência.

A criação da Assembleia Constituinte para redigir texto substituto à Carta, da ditadura de Augusto Pinochet (1973-90), foi uma resposta aos protestos de 2019.

Entre os pontos controversos da nova Carta, estão a afirmação de que o Chile passa a ser um Estado plurinacional, reconhecendo autonomia de indígenas sobre suas terras, a aprovação de uma lei de aborto que considera apenas a vontade da mulher e a proteção ampliada do meio ambiente, o que desagrada interesses do setor minerador. Mundo A18

Lalo de Almeida/Folhapress

ENERGIA SOLAR APOSENTA NO SÉCULO 21 LAMPARINAS NA ILHA DE MARAJÓ

Lancha leva placas solares fotovoltaicas para ribeirinhos no Pará; Mais Luz para a Amazônia tem prazo ampliado para 2030 e não consegue engrenar Mercado A26

Dez morrem e 15 são feridos em ataque no Canadá

Mundo A19

ENTREVISTA DA 2ª

Kenneth Maxwell

Imagem do Brasil no exterior não poderia ser pior

Um dos principais brasilianistas do mundo, Kenneth Maxwell, 81, afirma que a imagem do Brasil no exterior não poderia ser pior. "É um reflexo do que acontece na Amazônia." O professor, que fez carreira nos EUA e vive na Inglaterra, chama Jair Bolsonaro de populista e diz se preocupar com possível volta de Trump à Presidência. A20

Projeção otimista vê crescimento de até 2,5% em 2023

Apesar do pessimismo com a economia em 2023, alguns analistas têm previsões otimistas para o início do próximo governo.

Se o gasto público for controlado, com queda de juros e inflação, sem recessão global, o PIB pode crescer até 2,5%, segundo especialistas. Mercado A21

Brasil come bem, mas consome mais ultraprocessados

O brasileiro ainda se alimenta de forma saudável em geral, mas tem consumido mais ultraprocessados, como refrigerantes e salgadinhos, segundo estudo da USP e UFMG. Alimentos in natura estão mais caros. Saúde B1

Celso R. de Barros

Bicentenário terá pior líder do país

É triste que a festa do bicentenário não seja em homenagem ao Brasil, mas ao pior líder que o país já teve, culpado pelas mortes na pandemia. Se fosse sincero, Bolsonaro gritaria no discurso: "Incompetência e morte!". Política A17

STF suspende novo piso da enfermagem

O STF concedeu liminar que suspende os efeitos da nova lei do piso da enfermagem, fixado em R$ 4.750. Sancionada por Bolsonaro, a medida não indicou fonte de custeio e gerou protestos de instituições de saúde. Mercado A21

Preparativo para ato de 7/9 vai de democracia a golpismo

Mensagens nos grupos bolsonaristas no WhatsApp e Telegram indicam que não há orientação homogênea sobre o mote principal e o conteúdo dos cartazes para os atos programados, em várias cidades, em comemoração ao 7 de Setembro.

Fala-se em destacar "democracia", mas há intenso compartilhamento de textos contra o Supremo Tribunal Federal e pedindo que o presidente acione as Forças Armadas. O levantamento foi feito pelo Observador Folha/Quaest. Política A4

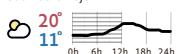
Pai é baleado e morre em frente ao filho em SP

Abordado por dois homens que anunciaram o assalto, um médico que estava no carro com o filho de 13 anos se rendeu, mas foi baleado, no Alto de Pinheiros, em SP. Cotidiano B2

ATMOSFERA

São Paulo hoje

20° 11°

0h 6h 12h 18h 24h

ISSN 1414-5723

9 771414 572025 34123

Aponte a câmera do celular no código acima e baixe o novo aplicativo da Folha

Alckmin criou onda de sigilos de dados em SP

Vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Geraldo Alckmin (PSB) foi pioneiro no uso do sigilo de dados públicos, tema que o petista tem criticado em Bolsonaro (PL). Política A7

EDITORIAIS A2

Orçamento fictício
Sobre previsões para as contas federais em 2023.

A arma apontada
A respeito de atentado contra Cristina Kirchner.

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Orçamento fictício

Após descalabro eleitoreiro, governo faz previsões irrealistas de receitas e despesas em 2023

A melhora do resultado fiscal do governo federal, com saldo de R$ 115,6 bilhões (ou 1,38% do Produto Interno Bruto) nos 12 meses encerrados em julho, não autoriza uma atitude de relaxamento.

Ao contrário, o prognóstico é de sensível deterioração em 2023, como fica claro no projeto de lei orçamentária anual recém-enviado pelo Executivo ao Congresso.

A peça, frágil, apresenta cenários irrealistas e serve para demonstrar o aviltamento continuado, no governo Jair Bolsonaro (PL), das regras e procedimentos que deveriam balizar a gestão das finanças públicas. O rombo esperado é de R$ 63,7 bilhões, sem considerar as despesas com juros —hoje mais elevados— da dívida pública.

O projeto começa mal ao prever para o próximo ano crescimento do PIB de 2,5%, muito acima das expectativas mais comuns entre analistas de mercado. Ficam assim excessivamente otimistas também as estimativas de receitas tributárias, uma prática sempre temerária.

É fato que a arrecadação tem surpreendido positivamente desde 2021, mas tal fenômeno decorre em grande medida da escalada da inflação, que, espera-se, deve perder força daqui em diante.

Superestimar receitas ajuda o governo a viabilizar, no papel, a continuidade da renúncia de impostos federais sobre combustíveis, abrindo mão de R$ 52,9 bilhões que farão falta diante de tantas demandas por mais gastos.

No total, a conta dos subsídios tributários voltará ao patamar exagerado de 4% do PIB, o dobro do que prometia o governo na agenda de reequilíbrio das contas.

Elimina-se, assim, o tênue progresso obtido desde 2016 em cortar essa rubrica, na contramão da diretriz inscrita na Constituição.

Do lado das despesas, o projeto usou como base o valor de R$ 405 mensais para o Auxílio Brasil, ao custo de R$ 105 bilhões em 2023, mesmo diante da quase certeza de que politicamente será obrigatório manter os atuais R$ 600.

Com a correção, serão necessários mais R$ 52 bilhões, montante que não cabe no teto de gastos, fixado em R$ 1,8 trilhão, o que deve levar a mais uma alteração casuística na Constituição.

Não se vê nenhum esforço em fazer com que o necessário programa social caiba nos limites da despesa, como se observa pela destinação de R$ 38,8 bilhões para emendas parlamentares ao Orçamento —dos quais R$ 19,4 bilhões para as opacas emendas de relator.

Foram reservados ainda R$ 14,5 bilhões para reajustes de salários do funcionalismo, sendo R$ 11,6 bilhões para um aumento linear de 4,85% no Executivo, num sinal de que o congelamento dos últimos anos será insustentável.

Como seria de esperar, o descalabro eleitoreiro promovido neste ano por Bolsonaro deixará sequelas que vão emparedar a próxima administração desde seu primeiro dia. Será necessário grande esforço para restabelecer a ordem fiscal.

Os órgãos de controle, aliás, não podem se omitir diante do crescimento contínuo de despesas sem disciplina nem transparência.

A arma apontada

Atentado contra Cristina Kirchner exige apuração rigorosa, isolada de paixões e pressões políticas

O pouco que se sabe acerca do atentado contra a vice-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, é mais que o bastante para repúdio e temor. O risco de que polarizações políticas descambem para a violência, lá como aqui, estava evidente mesmo antes do episódio.

Vídeos mostram com clareza chocante a pistola que se aproxima do rosto de Cristina, rodeada por uma multidão de apoiadores. A vice-presente se abaixa, aparentemente sem notar a ameaça. A arma não foi disparada, por motivos ainda não esclarecidos.

A polícia local prendeu o brasileiro Fernando Andrés Sabag Montiel, 35, identificado como o homicida em potencial. Informações preliminares dão conta de que ele vive no país vizinho desde 1993, trabalha como motorista de aplicativo e já teve problemas anteriores com as autoridades. Munições foram encontradas em sua casa.

Ademais, seria titular de conta em rede social que acompanha discursos radicais e teria tatuagens associadas ao nazismo. A sua versão para os acontecimentos é desconhecida até o momento.

Qualquer governo faria alarde em torno do caso, por bons motivos. Tratando-se da administração do presidente Alberto Fernández, que enfrenta severa crise política e econômica a um ano das eleições, a reação inflamada chegou a atropelar a prudência necessária.

Fernández decretou feriado para que a população prestasse solidariedade à vice e ex-presidente, que é alvo de processos na Justiça e se diz vítima de perseguição.

Fez ainda pronunciamento à nação, no qual se apressou a atribuir o ocorrido ao "discurso de ódio que está dividindo os argentinos". Desnecessário dizer que tal postura em nada contribui para uma apuração rigorosa e precisa dos fatos.

Também é recomendável cautela nos paralelos entre o episódio argentino e o infame ataque à faca a Jair Bolsonaro em 2018. Este já foi objeto de investigação, na qual se concluiu que o agressor sofria de transtornos mentais e agiu de modo próprio —o restante são teses conspiratórias e desinformação espalhadas à direita e à esquerda.

João Montanaro

Você conhece o "isentão"?

Lygia Maria

Quando todos começam a tomar partido, quem não toma geralmente é mal visto. Nas eleições esse fenômeno se escancara: quem vota nulo é criticado e recebe a pecha de "isentão". Nas redes sociais, conversas de botequim e almoços em família, vê-se o mesmo tipo de ataque, como esta postagem de um famoso jornalista no Twitter: "Isentos são cúmplices morais de assassinos". Ou seja, caso Bolsonaro vença, a culpa é do "isentão".

Curiosa essa visão de que voto nulo decide eleição. Na última eleição, por exemplo, seria necessário que todos os votos brancos e nulos fossem para Haddad para que ele pudesse vencer. Mais estranha ainda é essa ideia de que o eleitor seria obrigado a votar, mesmo que as opções disponíveis contrariem princípios que lhe são caros.

Se o objetivo é convencer o eleitor a votar no candidato X, deve-se partir desses princípios, em vez de fazer chantagem emocional através de discurso moralista. Ou seja, na verdade, o intuito mesmo do ataque ao "isentão" é apenas sinalizar virtude: "Vejam como somos superiores a essa gente alienada que não vota".

Esse mecanismo é similar ao do embate religioso: quem não crê em nada é mais repudiado do que o crente radical. Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo de 2009 mostrou que, de 14 grupos sociais, ateus e usuários de drogas são os mais odiados no Brasil, com 17%, seguidos por garotos de programa e transexuais (10%). Em 10º lugar, "gente muito religiosa" teve só 5%.

Tão pernicioso quanto deixar a religião comandar a política é tratar a política como religião. Porém é o que temos visto nos últimos anos: os candidatos dos dois polos políticos são tratados de forma messiânica, como epítomes do bem na luta contra o mal. Daí o tratamento dado ao "isentão", esse ateu da política, repudiado por seguir sua consciência e manter sua integridade. Qualidades que deveriam ser valorizadas como estratégia discursiva na hora de convencer o eleitor. Afinal, ninguém gosta de ser chamado de assassino.

É negro, mas...

Ana Cristina Rosa

Mesmo com a campanha passando ao largo da pauta racial como pontuei semana passada, as eleições gerais 2022 conseguiram explicitar que há candidato que considera a negritude uma característica incapacitante —ou um demérito pessoal.

Isso explica que um postulante a governador, especialmente de um estado de maioria negra como é o Piauí, possa ter considerado elogiosa a afirmação "você é quase negra na pele, mas é uma pessoa inteligente [...]", feita à jornalista que o questionou sobre planos para mulheres e minorias.

O abismo entre a elite e a realidade da maioria do povo (56% dos brasileiros são autodeclarados negros) é tão profundo que faz com que os negros tenham todos os indicadores sociais inferiores aos dos brancos. Também permite ecoar o pensamento torpe e infundado que associa um grupo étnico a tudo o que há de ruim.

Quem se dispõe a olhar com um pouco de atenção enxerga o cenário funesto no qual paira uma névoa de permanente desconfiança sobre pretos e pardos como se apenas em caráter excepcional um negro pudesse portar atributos —ou ser um "cidadão de bem".

O comentário do leitor Ricardo Batista sobre minha coluna "Uma voz das ruas", publicada na **Folha** em 29 de agosto de 2022, ilustra a situação: "Texto pungente. Outro dia tive que ciceronear um estrangeiro em passagem pelo Brasil, e ele me relatou: 'cara, não sabia que o Brasil era tão racista. Me olham sempre como se eu estivesse prestes a tirar uma arma da bolsa e anunciar um assalto'."

O depoimento contundente encontra respaldo na percepção da carioca Rita Monteiro, moradora do Reino Unido há 22 anos, com quem conversei. Ela tem clareza da distinção entre ser negro no Brasil e na Inglaterra. "Existe racismo, mas o negro em Londres tem direitos". Não vive sob pressão, não é tratado pela polícia como bandido, nem tem a capacidade intelectual avaliada pela cor da pele, por exemplo.

Às vésperas do bicentenário da Independência, fica a reflexão sobre a nação que podemos ser.

Pensei que ia morrer

Giovana Madalosso

Nada como uma boa turbulência para nos tirar do estado anestésico de estar vivo. Há poucos dias, eu voava para a minha cidade quando o avião começou a chacoalhar. Não foi o meu primeiro sacode aéreo mas foi o mais intenso e, por alguns minutos, acreditei que ia morrer.

Me sentindo um grão de açúcar na coqueteleira de Deus —e o pior, sem nem acreditar em Deus— passei rapidamente a minha vida em revista, me certificando de que as pessoas que amo podem viver sem a minha ilusória onipresença.

Tirando essas poucas relações, todo o resto pareceu tão pequeno quanto as casas lá embaixo. Como se o voo fosse uma experiência de autoajuda em que você paga para ver o mundo em maquete e perceber a dimensão irrelevante do que é material. "Atenção, senhores passageiros, percebam como diminuem até sumir os carros e piscinas à sua direita."

Pode parecer um lugar-comum, e talvez seja um lugar-comum, mas é isso mesmo que as melhores epifanias costumam descortinar: o óbvio que de tão óbvio não enxergamos. Foi assim quando tomei ayahuasca. Achei que descobriria a lâmpada pós-moderna mas tudo o que percebi é que não andava me abaixando para olhar nos olhos da minha filha —posteriormente, essa flexão de joelhos mudou a nossa dinâmica afetiva.

Dessa turbulência, saí com aquela sensação de ganhar um crédito. Desembarcando com minha bagagem de mão na vida extra, pensei que não quero mais usar o trabalho incessante para me esconder da angústia, não quero mais trocar rostos pela tela do Instagram e nem perder uma única chance de chutar a canela do patriarcado. De resto, agradeci ao Deus-barman por estar viva e (tomara) poder ver o Brasil acordar melhor em janeiro de 2023.

É o que ainda sinto dentro dessa frágil caixa torácica, sabendo que logo tudo voltará a anuviar-se no horizonte curto dos boletos e timelines. Até que a vida me dê um sacode de novo.

Orçamento secreto

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Em Moçambique, veio à tona, em 2016, a existência de despesas não contabilizadas e desconhecidas do Poder Legislativo e do Tribunal de Contas no valor de US$ 2 bilhões. O ex-presidente e seu filho foram acusados. O ex-ministro das Finanças está preso na África do Sul. No Brasil, as despesas —muitas superfaturadas— são registradas ("A Organização", 2020, de Malu Gaspar).

O jogo do Orçamento envolve os Poderes Executivo e Legislativo. Em democracias consolidadas o jogo é outro: o Orçamento é, em geral, impositivo e a execução, transparente. Nos EUA, Nixon chegou a contingenciar o Orçamento; o Congresso reagiu com o "Impoundment Act", que fechou as brechas de interpretação a respeito. Projetos localistas ("pork barrel") são objeto de intensa barganha que, no entanto, ocorre no Congresso. O Executivo não é parte da barganha.

Na maior parte das democracias parlamentaristas consolidadas a não aprovação do Orçamento do Poder Executivo equivale a uma moção de desconfiança. Não há emendas localistas ao Orçamento durante sua tramitação. Sob governos de coalizão, a barganha é programática.

Assim temos dois modelos polares: ora o Executivo não possui poder orçamentário; ora domina o Orçamento. O Brasil se enquadra neste último modelo. A aprovação das emendas impositivas em 2015 e 2019 atenuaram o padrão.

Na América Latina, o Brasil ostentava o escore mais elevado (0.91) no índice de "poder orçamentário do Executivo" do BID (o qual leva em conta: exclusividades de iniciativa, veto parcial, teto globais, limites ao emendamento, discricionariedade na execução etc). O Chile (0.73) é o país que chega mais perto do Brasil, mas Argentina (0.45), Colômbia, Uruguai (0.64) e México (0.36) têm escores bem mais baixos.

O índice de Wehner para o poder orçamentário do Legislativo não inclui o Brasil. Austrália, França, Reino Unido, Irlanda e Chile têm escores extremamente baixos (cerca de 20, em uma escala de 1 a 100; EUA = 88). O Brasil estaria neste cluster.

O Parlamento brasileiro já desfruta globalmente de prerrogativas expressivas, que se expandiram com a aprovação do orçamento impositivo. No índice de poderes legislativos de Chernykh, Doyle e Power, o escore do Brasil é 4,12, abaixo do parlamento mais poderoso do mundo —o alemão (escore de 5,93)— e do dos EUA (4,67) —mas acima de Chile (4,04), Argentina (3,6) e México (3,1).

No orçamento secreto há sim registro de transações. Ao fim e ao cabo, quem controla a execução orçamentária é a Fazenda, embora o custo político de sua maior opacidade seja transferido para o Congresso. Ele reduz a assimetria pró-Executivo mas representa forma predatória e risco de tragédia dos comuns.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O império do pensamento binário

Queremos apagar dois anos de confinamento como se nada tivesse acontecido

André Trindade

Psicoterapeuta e educador, é autor de "Gestos de Cuidado, Gestos de Amor" e "Mapas do Corpo" (Summus Editorial)

Gostaria de falar sobre flores, mas falarei sobre a guerra! Até quando vamos fechar os olhos para o que está acontecendo com nossas crianças e adolescentes? Quantos suicídios? Quantos "cancelamentos" (o novo bullying)? Quantas crises coletivas? Quantos flagelos esperaremos até tomarmos uma atitude digna que nos coloque novamente na posição de adultos?

Alunos e professores vêm sendo massacrados para dar conta dos conteúdos prometidos pelos gestores de escolas e exigidos pelas famílias que pagam altas mensalidades. Como escolas de tempo integral enviam deveres de casa, roubando um tempo precioso de convivência familiar? Como as famílias incentivam essa prática?

Queremos apagar esses dois anos de confinamento como se nada tivesse acontecido. Pensamos no futuro dessa geração e esquecemos de lidar com o presente. Se antes, numa classe de 30 alunos, 5 deles apresentavam dificuldades e os outros 25 fluíam, a situação se inverteu. O sofrimento é gigantesco, tanto na sala de aula quanto na sala de jantar. Tudo embaixo do tapete até que a tragédia se apresente.

Fala-se muito em mediar conflitos, mas esquecemos que nós, adultos, fazemos parte desses conflitos. Estamos todos "dodóis". É preciso descer de nossas plataformas de "sabedoria". O pensamento binário impera: vencedor ou perdedor. Esse conceito ainda é válido? Sim, está presente na maioria dos games que jogam, mas também em nossas atitudes e em nossas falas que reafirmam esse princípio.

Numa guerra, sentimentos cooperativos podem emergir em forma de colaboração, empatia e ajuda mútua. Como uma criança ou adolescente pode se concentrar na sala de aula se, no caminho entre sua casa e a escola, encontrou outros, iguais a eles, nos semáforos, com fome, pedindo ajuda? É fundamental que na sala de aula ou na mesa do jantar esses assuntos sejam discutidos. Mais importante ainda é agir: separar roupas para doação, separar brinquedos ou outros itens de valor que possam servir aos outros. Sobretudo, encarar e falar da dor de se viver em tempos de guerra.

Como psicólogo e terapeuta corporal, tenho que dizer que minha área foi a mais afetada. Imaginem dois anos de reclusão para uma criança de 2, 4, 6, 10 ou 16 anos. O impacto foi brutal! As crianças e adolescentes foram jogados em seus quartos, em posturas inadmissíveis, deitados, largados, focados em telas, na maioria das vezes fechadas para o grupo. Com isso, desapareceram, desaprenderam a conviver. Seus corpos perderam a noção de conviver entre corpos, nos recreios, nas entradas e saídas e na sala de aula.

Minha proposta é que o corpo seja reavivado a cada manhã, em casa e na escola. Em casa, proponho que a família acorde 30 minutos antes do tempo suposto como normal, que dedique 5 minutos para ler as mensagens do celular (essa praga que nos invade), e, depois, que se estabeleça um momento de convivência (sem celular), seja para falar de assuntos intrigantes, seja para cantar ou relatar sonhos e cuidar dos cachorros; enfim, mover-se. Que a vida da família cumpra seu tempo de trocas e comunicações significativas antes de partir para a vida social na escola.

A escola deveria receber seus alunos para o reaprendizado da convivência social. Ao chegar, o aluno colocaria seu material na sala de aula e partiria para uma experiência inicial em grupo, na quadra de esportes ou na área comum de convivência: uma dança (com música trazida por eles), algum jogo cooperativo e, principalmente, a discussão sobre algum tema atual proposto pelos estudantes. Depois desse tempo de reavivar o corpo e o pensamento, a mente se encontra livre para o saber, para o ensino acadêmico.

Complicado? Sim, criar filhos e educar é mesmo mais complicado do que supomos.

[...]

A escola deveria receber seus alunos para o reaprendizado da convivência social. Ao chegar, o aluno colocaria seu material na sala de aula e partiria para uma experiência inicial em grupo, na quadra de esportes ou na área comum de convivência (...). Depois desse tempo de reavivar o corpo e o pensamento, a mente se encontra livre para o saber

Guardiões digitais das florestas

Com drones e celulares, juventude indígena renova luta ambiental histórica

Alice Pataxó, Samela Sateré Mawé e Txai Suruí

Jornalista, ativista e comunicadora indígena

Comunicadora na Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)

Produtora-executiva do filme "O Território", é coordenadora da Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé e do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia; colunista da **Folha**

A nossa geração é herdeira de uma luta milenar iniciada com nossos antepassados. Ouvimos histórias dos mais velhos sobre como era a realidade dos povos nos seus tempos, escutamos relatos de guerras, acordos, massacres, violências e violações.

Como eles lutaram no passado? Quais eram suas ferramentas? Não existia diálogo. Não nos sobrava alternativa senão enfrentarmos com nossos arcos e flechas a invasão das nossas terras e o genocídio dos nossos no passado. Anos mais tarde, a luta se tornaria diferente, com novas armas: papéis e canetas. Fator importante para, em 1987, iniciar uma nova batalha: sermos ouvidos na Assembleia Constituinte e conquistarmos o direito à demarcação e ao usufruto dos territórios. Uma batalha que perdura até hoje.

A guerra continuou, mas seguimos mudando a nossa forma de lutar. Tecnologia, celulares, câmeras e computadores são nossas armas da contemporaneidade, que nos ajudam na defesa do território enquanto guardiões. Drones sobrevoam e procuram focos de desmatamento e invasões nas terras indígenas; câmeras fotografam e gravam as denúncias e os desejos dos anciões; celulares mostram a beleza e a riqueza cultural dos nossos povos enquanto desconstroem vários estereótipos. Notícias que transpassam o chão das aldeias e atravessam os oceanos são a nova forma de lutar da juventude indígena. Orientados pelos líderes indígenas e com a benção dos anciões, nos tornamos guerreiros digitais na defesa dos biomas.

É neste espaço que a tecnologia chega como esperança, conectando o planeta para um chamado para a ação. É assim que o documentário "O Território" —coproduzido pelo povo Uru-Eu-Wau-Wau, com estreia na quinta-feira (8) e com sessões antecipadas em 15 cidades brasileiras nesta segunda (5), em homenagem ao Dia da Amazônia— foi premiado em alguns dos festivais de cinema mais importantes do mundo. O filme vem ultrapassando fronteiras e mostra através do olhar dos povos originários a realidade das terras indígenas do Brasil, criando debates internacionais sobre a importância da Amazônia e dos seus povos no combate à crise climática.

Utilizamos o audiovisual e a tecnologia para denunciar, desconstruir e decolonizar, protagonizando e indo contra todos os estereótipos, paradigmas e preconceitos aí postos.

Essas novas ferramentas abraçam gerações de povos que por muito tempo foram silenciados, esquecidos nessa tentativa de sufocar os grandes poderes da floresta. E de calar grandes pensadores, que com suas pinturas não se encaixavam nessa ideia preconceituosa de sabedoria e contribuição com o futuro do mundo; um mundo que muito tentou dizimar tais civilizações dentro do coração brasileiro (seus biomas).

A luta, porém, ainda está longe do fim, e os guerreiros digitais ainda vivem a violência, o preconceito, o desrespeito e as ameaças, nas redes e fora delas, na corrida política, na proteção de seus territórios, de modos diferentes, mas longe de uma utopia, em um país onde a fake news se espalha e violenta de indígenas a indigenistas —que, em resposta, apontam suas câmeras e desvendam os olhares colonizados, rumo à verdade que habita e defende as florestas.

[...]

Utilizamos o audiovisual e a tecnologia para denunciar, desconstruir e decolonizar, protagonizando e indo contra todos os estereótipos, paradigmas e preconceitos aí postos. Essas novas ferramentas abraçam gerações de povos que por muito tempo foram silenciados, esquecidos nessa tentativa de sufocar os grandes poderes da floresta

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Protesto pede fim da violência contra as mulheres; síndica de prédio foi agredida por morador no Rio João Carlos Mazella - 15.jul.22/Fotoarena/Agência O Globo

Violência contra mulher

"Síndica é agredida por morador em condomínio na Barra da Tijuca, no Rio" (Cotidiano, 2/9). Espero que a Justiça ocorra neste fato e dê a este covarde uma pena que realmente o faça se arrepender do que fez. Claro, não deve ter sido a primeira vez nem será a última.

Lea Marta Geaquinto Santos (Brasília, DF)

*

Não tem nenhum sentido um direito que protege um imóvel em detrimento da vida de outrem. É óbvio que esse cara vai aprontar de novo.

Emilia Amoedo (Rio de Janeiro, RJ)

*

Macho violento é a pior praga atual deste país. Como a delegacia não entendeu que era crime contra mulher? Eu é que não entendi isso. Explique, quem puder.

Anna Amélia (Uberlândia, MG)

*

Toda vez que existir dúvidas sobre tratar-se de crime contra mulher, é só fazer a pergunta: se fosse homem teria ocorrido da mesma maneira?

Alessandro Mut (São Paulo, SP)

*

Minha nossa. Que tamanha covardia! Fez isso porque era uma mulher. Duvido que se atrevesse a fazer isso com um homem. Que seja punido com a Lei Maria da Penha!

Geísa Chagas (Fortaleza, CE)

*

Conservador, homem de bem, patriota, a defensor da família tradicional.

Pedro Omar (Lauro de Freitas, BA)

Busca e apreensão

"Justiça Eleitoral determina busca e apreensão na casa de Sergio Moro" (Mônica Bergamo, 3/9). Poxa, que injustiça invadir a casa de um cidadão sem mais nem menos, não é? Vejam só como o mundo dá voltas... Estou passada.

Ana Beatriz de Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)

*

É triste ver o que está acontecendo no Brasil! Virou um estado policial. Fazer busca na casa de quem quer que seja por centímetro a mais ou a menos no nome do suplente. É o fim!

José Batista (Goiânia/GO)

*

Lei é lei, eu respeito. Tipo, na Europa, pisar fora da calçada ou dirigir em velocidade, é fora da lei, e eu não faço. Mas um santinho que não respeitou os 30% da altura do nome do suplente? Não é um crime tão grave como a imprensa está mostrando! Parece a antiga Sunab, que fechava uma padaria quando o anúncio do preço do pão tinha 3, e não 3,5 centímetros no cartaz.

José Roberto Gomes Rocha (Aracaju, SE)

*

O mundo não gira, ele capota! Sergio Moro adorava fazer busca e apreensão, chamava toda a imprensa, não tem por que reclamar.

Soraya Terezinha Colmenarez (Caxias do Sul, RS)

*

Campanha antecipada pode, difamar pode, contar mentiras pode. Mas imprimir santinho com letra em tamanho diferente não pode.

Vicente Vieira (Brasília, DF)

Eleições 2022

"Discurso de Lula sobre corrupção cambaleia após se ajustar a cada momento político" (Política, 3/9). A dura realidade é que Lula não consegue encontrar um argumento firme e convincente para se desprender da corrupção em seus governos. Suas justificativas mudam a todo momento. É o carrapato nas costas que não alcança para arrancar.

Enio Schneider (Arapoti, PR)

*

Enquanto se insistir no discurso de que corrupção é coisa do PT ela vai permanecer. Os escândalos atuais seguem proporções iguais! O que mudou? A mídia não dá muito atenção e não se investiga mais. Mas o centrão, os pastores, os imóveis, o nepotismo, os desvios continuam como sempre.

Gustavo Souza Machado (Belo Horizonte, MG)

*

E o que foi exatamente o que Lula roubou? Ele talvez seja o político mais investigado do Brasil. Sua casa e as de seus filhos foram invadidas e revistadas pela PF. E o que encontraram? Nada! Os sigilos bancários, fiscais e telefônicos de Lula foram quebrados e nada de suspeito encontrado.

Márcia dos Santos Portero Simon (Goiânia, GO)

Sete de Setembro

"Bolsonaro mobiliza evangélicos, ruralistas e empresários para mostrar força no 7 de Setembro" (Política, 4/9). O restante da população vai mostrar a sua força no 2 de outubro.

Nana Hippolyte (Macaé, RJ)

*

No momento não entendo o papel das Forças Armadas quando ignoram a importância cívica dessa data. E, ao cruzar os braços, permitem que seja usada politicamente, pois desconhecem efetivamente o que a data de independência representa para qualquer país.

Joaquim Manoel Fortes de Castro (Belém, PA)

Decisão judicial

"Novo piso da enfermagem é suspenso no STF" (Painel S.A., 4/9). Mas os aumentos absurdos para os juízes e todos da Justiça e os do Legislativo que estão por vir após as eleições? Estes podem? Como assim?

Claudia Astrid Gregory Nunes Freire (Florianópolis, SC)

*

Data vênia, excelência! Quero ler os fundamentos expendidos pelo douto ministro! A mim me parece não ter nenhum respaldo constitucional apto a amparar a decisão! Sou contra decisão monocrática nos tribunais! Um país existe para o bem estar do seu povo! O Brasil existe apenas para sustentar políticos! Todos, sem exceção!

Neli de Faria (São Paulo, SP)

*

Barroso agiu corretamente. Congresso quis revogar a lei da oferta e da procura. Agora, se Bolsonaro tivesse vetado, seria mais uma ação do genocida, diriam alguns. Tempos difíceis, em que se quer legislar sobre tudo. Quando voltaremos à harmonia entre os poderes?

Alexandre Machado Kleis (Itajaí, SC)

política eleições 2022

PAINEL | *Fábio Zanini* painel@grupofolha.com.br

Viveiro

Desde que Rodrigo Garcia (PSDB) forçou uma mudança no Sebrae-SP em junho para acomodar Marco Vinholi, presidente do partido no estado, a entidade tem preenchido seus cargos de alto escalão com tucanos. Ao menos quatro foram nomeados: Carlos Balotta, Marcos Campagnone, Daniel Ramalho e Edgar de Souza, além de outros em postos mais baixos. Formalmente, o governador não tem poder sobre o Sebrae, mas exerce grande influência por meio do conselho, onde tem indicados.

CURRÍCULO Em nota, Vinholi diz que não há politização e que levou para o Sebrae nomes de sua confiança para ocupar cargos estratégicos e diretamente ligados a ele. Ele diz que os profissionais citados são qualificados e adequados às funções. As contratações, acrescenta, passam por rigoroso processo de controle de instituição, sendo aprovadas pelo conselho deliberativo.

EXPEDIENTE Embora visado por bolsonaristas, o TSE não vai adotar o ponto facultativo no 7 de Setembro e dias próximos. A decisão vai no sentido contrário à de Câmara, Senado e STF, que vão parar por questões de segurança, preocupados com manifestações golpistas.

WAZE Pesaram para a decisão dois fatores. A menos de 30 dias das eleições, a Justiça Eleitoral não vai conseguir interromper o expediente, e servidores devem trabalhar inclusive no feriado. Além disso, o tribunal não fica na Esplanada dos Ministérios, fora da rota de quem vai ao desfile.

VALE ESTE Um dia após sofrer ação determinada pela Justiça Eleitoral por supostos problemas com a formatação de seu material de campanha, Sergio Moro (União Brasil) modificou as peças de propaganda.

REPAGINADO A justificativa para a ação foi o tamanho dos nomes dos suplentes, que não cumpririam o mínimo estabelecido em lei. Eles agora aparecem com mais destaque. O candidato ao Senado do Paraná também passa a se apresentar como "Juiz Moro", uma alteração que já estava prevista e foi antecipada.

FUMAÇA Um dos responsáveis pelo programa econômico de Lula, o professor da Unicamp Guilherme Mello diz que o avanço do PIB no segundo trimestre, alardeado por Jair Bolsonaro, não altera significativamente a vida das pessoas, fundamenta-se em medidas pontuais e não tem sustentação no curto e médio prazos.

PÉS DE BARRO Ele aponta que a renda continua abaixo do que estava no ano passado, a inadimplência tem crescido e o governo não dá indicações definitivas de que vai manter medidas que estão entre os fatores de crescimento, como o Auxílio Brasil de R$ 600.

SECA 1 Lideranças do PSB avaliam que o partido terá dificuldade para repetir a bancada de 32 deputados federais eleita em 2018. Isso ocorre por causa do fim das coligações e pelo fato de puxadores de voto, como Alessandro Molon (RJ), disputarem cargos majoritários.

SECA 2 Para maximizar as chances, o partido concentrou os recursos do fundo eleitoral nas candidaturas mais competitivas. Postulantes à Câmara em quatro estados não receberam verba. No Piauí, onde a legenda elegeu um deputado há 4 anos, sequer há candidatos.

REPARAÇÃO Duas diretoras da associação das famílias de vítimas da tragédia de Brumadinho, em 2019, irão a Munique no dia 13 para acompanhar um julgamento contra a empresa Tüv Süd. Contratada pela Vale para certificar a estabilidade da barragem, cujo rompimento deixou 272 mortos, foi acusada pelo Ministério Público de fraudar laudos e sofre processo na Alemanha.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 827,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
349.464 exemplares (julho de 2022)

Cartazes defendendo intervenção militar no 7 de Setembro de 2021 em São Paulo Reinaldo Canato-7.set.2021/UOL

Grupos bolsonaristas têm mensagens dissonantes sobre 7 de Setembro

Convocações virais sobre os atos divergem entre pautas golpistas e busca por 'verniz democrático', aponta Observador Folha/Quaest

OBSERVADOR FOLHA/QUAEST

Renata Galf

SÃO PAULO De acordo com o que tem circulado em grupos bolsonaristas no WhatsApp e Telegram, não há uma orientação homogênea sobre qual deve ser o mote principal e o conteúdo dos cartazes para os atos que estão sendo organizados para o 7 de Setembro.

Se por um lado há mensagens que destacam os atos pela "democracia" e pela "liberdade" —termos que são comumente distorcidos na retórica do presidente Jair Bolsonaro (PL)—, há intenso compartilhamento de mensagens contra o STF (Supremo Tribunal Federal) e de teor golpista, pedindo que o presidente acione as Forças Armadas.

Um áudio que viralizou defende cartazes com frases como "fora, comunistas", "fora, STF" e "fora, Lula" e diferentes mensagens sugerem faixas com pedidos para que Bolsonaro "acione as Forças Armadas" junto a expressões como "voto impresso e contagem pública", "limpe o STF", "acabe com o comunismo" e "faça o saneamento dos ministros do Supremo Tribunal Federal".

O assunto aparece em mensagens sobre o 7 de Setembro que mais viralizaram nos grupos monitorados pelo Observador **Folha**/Quaest, entre 26 de agosto e 1º de setembro, considerando 511 grupos bolsonaristas no WhatsApp e 176 no Telegram. O restante da amostra é composto por grupos de esquerda ou que seguem classificados como indeterminados.

Além disso, continuam sendo compartilhadas teorias da conspiração que apontam para um plano para impugnar a chapa de Bolsonaro, incluindo participação de um trio de Brasília e do PT, e que também chamam para os atos.

Bolsonaristas estão organizando atos em diferentes cidades do país no mesmo feriado em que, no ano passado, Bolsonaro deu declarações golpistas e atacou o STF.

Apesar da busca em dar caráter eleitoral para as manifestações, é imprevisível qual será a conduta do presidente e agora candidato à reeleição. Neste sábado (3), Bolsonaro se referiu ao atual presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Alexandre de Moraes, como "vagabundo".

Nas semanas que antecederam o 7 de Setembro de 2021, o clima de alta tensão na crise entre os Poderes estava instalado. Havia temor de violência e até mesmo de insurreição de policiais pelo país, além do espectro de que Bolsonaro pudesse tentar algum tipo de golpe na data.

"Nunca outra oportunidade para o povo brasileiro foi tão importante" e "creio que chegou a hora, de nós, no dia 7, nos tornarmos independentes para valer" foram algumas de suas falas à época.

O 7 de Setembro deste ano marca os 200 anos da Independência do Brasil. O presidente deve participar dos atos em Brasília e no Rio de Janeiro.

Tanto no WhatsApp quanto no Telegram, parte das mensagens mais virais encontradas na última semana são de convocatórias sem ataques diretos às instituições.

"Atenção Patriotas! Dia 7 de Setembro vamos pintar as ruas de verde e amarelo!!! Pela liberdade! Pela democracia! Pela reeleição do nosso Presidente Jair Bolsonaro!", diz um dos exemplos.

Uma outra fala em liberdade, mas adota tom inflamado e letras maiúsculas: "Povo compatriota vamos reagir 07/09/2022 é nossa ultima manifestação passiva, vamos defender nossa liberdade, nosso Brasil depois pode ser tarde!!!!!", diz parte dela.

Ao mesmo tempo, o destaque no período nos grupos de WhatsApp foi de uma mensagem que diz também em letras maiúsculas: "Atenção pessoal, para 7 de Setembro não escrevam nos cartazes as palavras democracia e liberdade!!!!".

> **"Povo compatriota vamos reagir 07/09/2022 é nossa última manifestação passiva, vamos defender nossa liberdade, nosso Brasil depois pode ser tarde!!!!!**
>
> trecho de mensagem que circulou em grupos bolsonaristas no Telegram, convocando apoiadores para os atos no feriado da Independência

Ela vem acompanhada de um áudio de cerca de cinco minutos, em que entre outras coisas é dito que tais pautas seriam uma confirmação, para pessoas de fora do Brasil, de que Bolsonaro seria um ditador. "Vai parecer que a gente está pedindo socorro", diz.

A pessoa defende que os cartazes devam conter, em várias línguas, termos como "fora, STF", "fora, Ciro", "comunismo" e "fora, esquerda". É possível que a mensagem tenha sido reciclada do ano passado, quando narrativa semelhante foi divulgada. Em 2021, foram vários os manifestantes com cartazes contra o STF em inglês e outros idiomas.

Uma mensagem compartilhada nas duas redes orienta que não seja escrito o artigo 142 da Constituição —que bolsonaristas consideram uma autorização para intervenção militar— ao mesmo tempo em que sugere que sejam levadas faixas pedindo a Bolsonaro que acione as Forças Armadas junto a expressões como "voto impresso e contagem pública" e "limpe o STF".

"Olha o recado do nosso Presidente Bolsonaro! Última chamada 07/09/2022, Não vamos pedir fechamento de nada, tampouco 142 ou algo do tipo. O PR pedi que cobremos transparência nas eleições. Sejamos estratégicos e vamos às ruas pacificamente nesses termos", diz o texto (assim como os demais, reproduzido pela reportagem com as palavras e pontuação originais, incluindo eventuais erros gramaticais).

Na retórica de Bolsonaro, os termos transparência e limpas, ao falar das eleições, são

Continua na pág. A5

Continuação da pág. A4

usados como condicionantes para aceitar o resultado do pleito. “Serão respeitados os resultados das urnas desde que as eleições sejam limpas”, afirmou em recente entrevista ao Jornal Nacional.

Compartilhada no WhatsApp, uma outra mensagem diz que “os grupos de direita precisam fechar com uma pauta única!” e que “os administradores dos grupos precisam se comunicar”.

“Atenção urgente compartilhe”, começa o texto em letras maiúsculas, que na sequência traz horários dos atos em algumas cidades e dá as seguintes orientações: “Todos em verde e amarelo” e “Façam seus cartazes de cartolina e caneta esferográfica com a pauta única: presidente acione as FFAA e faça o saneamento dos ministros Supremo Tribunal!”.

A descrição de um dos grupos de Telegram monitorados diz: “Dia 7 de setembro decidirá as eleições deste ano. Se não mostrarmos nossa força nas ruas, a fraude poderá ser colocada em prática. Temos que fazer a maior manifestação da história do Brasil”.

Os termos pesquisados pela Quaest abrangeram variações da data, como 7/9, Sete de Setembro, e o 7 de setembro, além das palavras e expressões “Independência”, “Será gigante” e “Vai ser gigante”.

“Convoco todos vocês agora para que todo mundo, no dia 7 de Setembro, vá às ruas pela última vez”, disse Bolsonaro durante convenção do PL no Maracanãzinho, deixando no ar um sinal de ameaça. “Esses poucos surdos de capa preta têm que entender o que é a voz do povo”, completou em referência ao STF.

Em outros momentos, busca dar algum verniz democrático aos atos, como em evento no interior da Bahia, quando relacionou os mesmos à democracia e à liberdade. Disse, contudo, que “a democracia se faz no voto, no voto transparente, no voto confiável”.

No Jornal Nacional, Bolsonaro foi questionado sobre apoiadores que defendem pautas como golpe militar, fechamento do Congresso e do STF. “Quando alguns falam em fechar o Congresso, é liberdade de expressão deles. Eu não levo para esse lado”, respondeu.

Bolsonaro move aliados para mostrar força nos atos

Presidente mobiliza evangélicos, ruralistas e empresários para 7 de Setembro de teor ainda incerto

Marianna Holanda, Matheus Teixeira e Thiago Resende

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) quer usar o feriado de Independência, em 7 de Setembro, para dar uma demonstração de força e aglutinar suas bases eleitorais mais fiéis a menos de um mês do primeiro turno.

Bolsonaro e seus aliados têm mobilizado empresários, em especial do agronegócio, e líderes evangélicos para tentar garantir um público significativo.

Com isso, planejam insistir na tese apelidada por eles de “Datapovo”: tentar contrapor as pesquisas de opinião —em que Bolsonaro aparece atrás do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT)— com imagens de manifestações de grande adesão.

Pesquisa Datafolha divulgada na última quinta-feira (1º) mostrou Lula com 45% das intenções de voto, contra 32% do presidente.

No ano passado, as declarações golpistas de Bolsonaro e as ameaças do mandatário a ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) aprofundaram a crise entre o Planalto e o Judiciário.

Assessores do presidente dizem que, ao contrário do que ocorreu no ano passado, os atos devem ter um teor mais eleitoral. Há receio, no entanto, de possíveis ataques de Bolsonaro a instituições e ministros do Judiciário. Na campanha, o temor é que uma radicalização sirva para aumentar a rejeição ao chefe do Executivo —hoje no alto índice de 52%.

Levantamentos a que aliados tiveram acesso mostram que o eleitor indeciso, que Bolsonaro busca, não gosta da adoção de comportamento mais agressivo ou golpista.

A hipótese de radicalização do discurso de Bolsonaro ganhou força no sábado (3), quando ele se referiu ao ministro Alexandre de Moraes, presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), como “vagabundo” por causa da ação contra empresários bolsonaristas. Entre os alvos está Luciano Hang, aliado de primeira hora do presidente.

Bolsonaro deve acompanhar o desfile cívico-militar em Brasília pela manhã. À tarde, deve viajar ao Rio para um ato de apoiadores em Copacabana, que também terá demonstrações de aviões da FAB (Força Aérea Brasileira) e navios da Marinha.

Nas últimas semanas, líderes evangélicos passaram a convocar com mais ênfase pessoas para irem às ruas. O pastor Silas Malafaia, por exemplo, deve participar dos atos em Brasília e no Rio.

“Não acho que ele [Bolsonaro] vai usar o mesmo tom do 7 de Setembro do ano passado”, disse, destacando que o presidente agora está em campanha. “Se ele falar, não acredito que ele vá dizer alguma coisa de Supremo. Vai falar de Brasil, de governo.”

Após a operação contra os empresários, Malafaia divulgou vídeo dizendo que Moraes é um “desgraçado que rasga a Constituição”.

Bolsonaro participou nos últimos meses das principais edições da Marcha para Jesus em capitais e aproveitou para convocar fiéis para o feriado da Independência.

Além disso, ativistas evangélicos bolsonaristas, como o pastor Cláudio Duarte e JB Carvalho, iniciaram uma campanha de jejum e oração até a data da eleição.

Bolsonaro também tentou fidelizar outro apoio importante: o agronegócio. A convite do Planalto, 28 tratores devem participar do desfile cívico-militar na Esplanada dos Ministérios.

Em Mato Grosso, onde o setor é a base da economia, líderes políticos e empresários devem custear o transporte e, em alguns casos, alimentação de quem quiser viajar do estado a Brasília.

“Devemos encher um ônibus, mas outras cidades devem levar mais pessoas também”, disse o presidente do sindicato rural de Sinop, Ilson José Redivo.

O vice na chapa de Bolsonaro, Braga Netto (PL), visitou a cidade na última semana. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), na semana anterior.

Líder do Movimento Brasil Verde e Amarelo, que foi criado por ruralistas e bancou outdoors espalhados por Brasília de convocação para a data, o empresário Antônio Galvan também deve comparecer ao evento na capital.

“Vamos tentar levar muita gente para lá. Mas também deve haver atos nas cidades para quem não puder ir e [for] ficar no estado”, afirmou Galvan —citado no inquérito sobre os atos antidemocráticos do ano passado.

Outro nome do bolsonarismo que deve comparecer aos atos do Rio e de Brasília é Hang, dono das lojas Havan. Ele foi convidado por Bolsonaro para participar das manifestações. “Recebi o convite e estarei lá, como fiz em 2019, para celebrar os 200 anos de nossa Independência e liberdade”, disse.

Segundo membros da campanha, a ida do empresário simboliza o discurso pela liberdade de expressão do presidente, mas admitem que sua presença no palco pode ser entendida como uma afronta a Moraes .

Em 2021, além de ameaças golpistas contra o STF, Bolsonaro exortou desobediência a decisões da Justiça.

Um ano depois, o Bolsonaro que busca reeleição chegou a pedir a apoiadores que não levem cartazes defendendo golpe. O que não significa que não fará críticas às urnas eletrônicas e a Moraes.

Neste domingo (4), o ministro das Comunicações, Fábio Faria, publicou um vídeo em suas redes sociais sobre a Independência com o slogan “o futuro escrito em verde e amarelo” e as cores da bandeira. O material afirma que o Brasil é a “nação de um povo heroico” e independente há 200 anos por causa da “coragem constante”.

A veiculação da campanha do governo sobre o Bicentenário da Independência tinha sido barrada por Moraes em 25 de agosto, por viés político. No dia seguinte, ele voltou atrás, alegou erro material e liberou a peça vetando apenas um trecho, que falava na “construção de um Brasil melhor a cada dia”.

Candidatos usam Lula e Bolsonaro como alavanca em disputas estaduais

Voto cristalizado na eleição nacional impulsiona campanha casada com os dois presidenciáveis

João Pedro Pitombo

SALVADOR O cenário de voto cristalizado entre eleitores de Luiz Inácio Lula Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) na disputa pela Presidência impulsionou a estratégia de voto casado entre candidatos a governador.

Ao contrário de 2018, quando a esquerda foi tímida em se associar a Fernando Haddad (PT), e a direita embarcou na candidatura de Bolsonaro só na reta final da campanha, os candidatos em 2022 tentam surfar na popularidade dos presidenciáveis nos estados onde eles têm boa avaliação.

A estratégia é resultado da consolidação precoce de votos na disputa presidencial. Conforme pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira (1º), 76% dos eleitores sabem em quem vão votar no cenário espontâneo, em que não são mostrados nomes dos candidatos. Destes, 40% estão com Lula, e 29% com Bolsonaro.

Também há nível alto de convicção no voto de lulistas e bolsonaristas. Entre os eleitores que declaram voto no petista, 83% dizem estar convictos de sua escolha, taxa semelhante aos 84% entre eleitores do presidente.

O cenário contrasta com o das eleições estaduais, onde ainda é grande o número de indecisos e são poucos os eleitores com o nome de seus candidatos na ponta da língua e que se dizem totalmente decididos sobre quem vão votar.

Em São Paulo, por exemplo, 50% dos eleitores não sabem dizer em quem vão votar para governador na pesquisa espontânea, índice que se repete no Rio e é de 48% em Minas, segundo o Datafolha.

"A eleição presidencial, em geral, é muito mais magnética que a estadual. E, neste ano, a disputa nacional se antecipou, houve uma consolidação das preferências muito mais cedo que o normal", diz o cientista político Cláudio Couto, professor da FGV-Eaesp.

Lula com Jerônimo Rodrigues em Salvador Divulgação - 2.jul.2022/Assessoria Jerônimo Rodrigues

Bolsonaro com João Roma em Vitória da Conquista (BA) Max Haack - 27.ago.2022 - Divulgação

No caso das eleições para governos estaduais, diz ele, a definição do voto dos eleitores começa a se concretizar mais tarde, tornando as disputas mais imprevisíveis e sujeitas a mudanças nas semanas próximas à eleição.

Nesse cenário, os presidenciáveis assumiram ares de protagonistas no material de campanha, jingles e programas eleitorais de candidatos a governador, sobretudo os menos conhecidos do eleitorado.

Na Bahia, por exemplo, a popularidade de Lula está no centro da estratégia do candidato a governador Jerônimo Rodrigues (PT), que ainda é desconhecido de 59% dos eleitores baianos.

No primeiro programa de TV do petista, o nome do ex-presidente foi citado 18 vezes em pouco mais de três minutos, incluindo um jingle cujo refrão diz: "Lula é Jerônimo e Jerônimo é Lula".

Os candidatos a deputado federal e estadual do PT são apresentados ao eleitor como o "time de Lula", estratégia que contrasta com a de 2018, auge do antipetismo, quando os candidatos foram apresentados como o "time da correria", em referência ao governador Rui Costa (PT).

A ampla presença de Lula no programa eleitoral de Jerônimo fez com que a oposição acionasse a Justiça Eleitoral, já que a legislação diz que apoiadores só podem ocupar até 25% do tempo do programa.

O cenário se repete em estados como Pernambuco, Paraíba, Amazonas e Rio de Janeiro, onde há ampla presença de Lula, seja em depoimentos gravados, seja em discursos em atos da pré-campanha.

Mesmo nomes conhecidos, caso do senador Eduardo Braga (MDB), que concorre pela quinta vez ao governo do Amazonas, apostam em Lula para atrair eleitores. O emedebista lançou um jingle que diz: "É Dudu cá e Lula lá".

Em Minas Gerais, o candidato Alexandre Kalil (PSD) também iniciou sua campanha com forte vinculação com o ex-presidente e o mote: "Do lado do Lula, do lado do povo de Minas Gerais". A estratégia, contudo, ainda não surtiu efeito, e o governador Romeu Zema (Novo) segue com larga vantagem.

A estratégia de voto casado também tem sido usada por aliados de Bolsonaro, mesmo em estados onde o presidente tem rejeição mais alta.

Candidato a governador da Bahia, João Roma (PL) se anuncia como "o único candidato de Bolsonaro" no estado e repete o lema: "Quem vota 22 para Bolsonaro vota 22 para João Roma".

Mesmo tendo comandado o Ministério da Cidadania na gestão Bolsonaro, Roma ainda é desconhecido por 69% dos eleitores baianos, segundo pesquisa Datafolha divulgada em 24 de agosto.

Por isso, a estratégia de vinculação com a eleição nacional é vista como crucial para que ele saia dos atuais 7%, segundo o Datafolha, e chegue próximo ao patamar de Bolsonaro, que tem 20% das intenções de voto entre os baianos.

Também há forte presença de Bolsonaro nas campanhas de Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato em São Paulo, Carlos Viana (PL), em Minas Gerais, e Fernando Collor (PTB), em Alagoas.

Candidatos sem uma referência competitiva na eleição nacional, por outro lado, buscam esfriar a polarização da eleição presidencial e seus impactos nas campanhas estaduais. Em geral, vendem-se como uma espécie de candidato de unificação e consenso.

É o caso de Rodrigo Garcia (PSDB) em São Paulo, Romeu Zema (Novo) em Minas e ACM Neto (União Brasil) na Bahia.

Em seus programas de TV e rádio, Garcia passa ao largo da eleição nacional e se apresenta como um candidato que vai além das disputas partidárias: "Estou aqui para defender São Paulo dessa briga política que só atrasou o Brasil".

Na Bahia, ACM Neto vai na mesma linha. Em seu primeiro programa, ele destacou que foi prefeito tendo Dilma Rousseff (PT), Michel Temer (MDB) e Bolsonaro na Presidência.

Ao contrário de seus adversários, tem uma taxa de conhecimento de 92%. Dessa forma, sua campanha está centrada em evitar que potenciais eleitores de Lula que o apoiam migrem para Jerônimo Rodrigues.

O PT critica a estratégia de neutralidade. Ora associa ACM Neto a Bolsonaro, ora diz que o adversário deve descer do muro: "A Bahia tem lado, e não é o do tanto faz", disse o governador Rui Costa.

O cientista político Cláudio Couto destaca que a decisão de voto nacionalmente nem sempre se reflete nas escolhas nos estados. Mas há momentos em que a vinculação das candidaturas tem mais força.

Foi o caso do pleito de 2018, quando a antipolítica ajudou a criar uma onda em favor de Bolsonaro e aliados desconhecidos, como Romeu Zema, em Minas, Carlos Moisés, em Santa Catarina, e Wilson Witzel, no Rio.

A eleição deste ano, diz Couto, não será convencional, com as disputas nacional e estadual correndo em alas distintas. Mas tampouco será crítica como a de 2018.

"As eleições estaduais começaram agora, ainda estão sujeitas a volatilidade. Mas o efeito da disputa nacional sobre os estados será atenuado", afirma.

Concorrentes ao Governo de Goiás se dividem entre apoio ou distanciamento do presidente

Cleomar Almeida

GOIÂNIA A disputa pelo Governo de Goiás nestas eleições sinaliza para continuidade e sem polarização. Os dois palanques mais competitivos dividem a direita entre o distanciamento e a busca por apoio do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Mesmo com a fragmentação dos candidatos à direita, a possibilidade de segundo turno parece reduzida. Nas pesquisas eleitorais, os candidatos apoiados pelo presidente e candidato à reeleição e pelo seu maior adversário, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), não aparecem na liderança.

O governador e candidato à reeleição, Ronaldo Caiado (União Brasil), tem entre seus adversários o ex-prefeito de Aparecida de Goiânia Gustavo Mendanha (Patriota). Também concorrem o deputado federal Major Vitor Hugo (PL), a professora Helga (PCB), a socióloga Cintia Dias (PSOL) e o professor Wolmir Amado (PT).

Apontado como um dos favoritos, Caiado, que é médico, já foi aliado de primeira hora de Bolsonaro, de quem se distanciou nos dois últimos anos, após afirmar que não admitia discurso contra orientações das autoridades sanitárias durante a pandemia da Covid-19.

Depois, mesmo com a "divergência democrática", como o governador costuma dizer, os dois tentaram reatar a relação, que continua fria e distante.

Em abril deste ano, por exemplo, um grupo bolsonarista chegou a interromper discurso de Caiado, durante evento com o presidente em Rio Verde, no sudeste goiano. Houve gritos "fora, Caiado".

Apesar do distanciamento político de Bolsonaro, com quem trocou apoio declarado nas eleições de 2018, Caiado se esforça para evitar conflitos com eleitores bolsonaristas e não endurece as críticas ao presidente para manter o voto.

Constantemente, exalta as forças policiais e costuma dizer que "Goiás era dominado pela bandidagem" antes de seu governo.

Em 2015, a **Folha** revelou que Caiado designou uma servidora nomeada por ele no Senado para trabalhar em seu escritório particular, destinado a cuidar de suas fazendas. Pelas regras da Casa, assessores de senadores nos estados devem trabalhar em escritórios políticos previamente indicados pelos congressistas.

Já Mendanha tenta conquistar os eleitores destacando sua gestão como prefeito de Aparecida de Goiânia, a segunda maior cidade do estado, na região metropolitana.

É exatamente aí que Mendanha tem um de seus maiores obstáculos para crescer nas pesquisas eleitorais. O desafio dele é se tornar mais conhecido no interior do estado.

Ele foi eleito prefeito em 2016 e se reelegeu na disputa seguinte. Antes, conseguiu ser eleito vereador e atuou como secretário de Esportes do município.

Desde o início deste ano, Mendanha intensificou ainda mais a busca por apoio de Bolsonaro, mas ainda sem êxito.

A expectativa do ex-prefeito de Aparecida de Goiânia é levar a disputa para eventual segundo turno, já que, até o momento, o presidente apoia o candidato Major Araújo, presidente de seu partido em Goiás, ao governo do estado.

Em maio, Mendanha chegou a se reunir com Bolsonaro no Palácio do Planalto, para um possível alinhamento entre os dois e insistir no apoio do presidente.

Na época, ainda como pré-candidato, o ex-prefeito chegou a publicar em suas redes sociais que estava "dialogando pelo desenvolvimento de Goiás". Desde então, não conseguiu evoluir nas tratativas. Mesmo assim, já manifestou publicamente voto em Bolsonaro.

Na prática, ele tenta projetar declarações à imagem e semelhança do presidente da República durante o período eleitoral.

Em recente entrevista a jornalistas, ele ainda disse que o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) estava usurpando a função de outros Poderes e criticou o presidente da corte, o ministro Alexandre de Moraes.

O candidato Major Vitor Hugo, por sua vez, não tem conseguido obter o mesmo desempenho de seu principal apoiador. Em Goiás, Bolsonaro apresenta leve liderança nas pesquisas eleitorais em relação ao ex-presidente Lula.

Major Vitor Hugo, um dos candidatos mais próximos ao presidente nas eleições estaduais, aposta na amizade com o mandatário e no fortalecimento da relação dos dois, durante o período em que foi líder do governo na Câmara dos Deputados, de janeiro de 2019 a agosto de 2020.

Outro fator também influencia a corrida eleitoral. No início deste mês, o ex-governador Marconi Perillo (PSDB), maior inimigo político de Caiado, retirou sua candidatura ao Executivo estadual e decidiu se lançar ao Senado.

Não há candidato tucano a governador.

Raio-x da corrida para o Governo de Goiás

Candidatos	Alianças
Cintia Dias (PSOL)	apoia Lula (PT)
Gustavo Mendanha (Patriota)	apoia Jair Bolsonaro (PL)
Professor Pantaleão (UP)	apoia Leonardo Péricles (UP)
Ronaldo Caiado (União Brasil)	apoia Soraya Thronicke (UB)
Wolmir Amado (PT)	apoia Lula (PT)
Edigar Diniz (Novo)	apoia Felipe d'Avila (Novo)
Major Vitor Hugo (PL)	apoia Jair Bolsonaro (PL)
Professora Helga (PCB)	apoia Sofia Manzano (PCB)
Vinícius Paixão (PCO)	apoia Lula (PT)

Dados do estado

IDH: 0,735

Atual governador

Ronaldo Caiado (União Brasil) disputa a reeleição

Fontes: TSE, IBGE

Gestão Alckmin criou onda de sigilos em SP

Método é alvo de Lula contra Bolsonaro; ex-governador foi chamado de tirano pelo PT e cita revogação ao saber de medidas

Artur Rodrigues

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem concentrado artilharia nos sigilos da gestão Jair Bolsonaro (PL). O petista prometeu um “revogaço” dos decretos de segredo de informações, prática recorrente no atual governo — do cartão corporativo e de vacinação do presidente ao processo para a não punição do general Eduardo Pazuello por subir em palanque político.

Hoje vice na chapa de Lula, o ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSB) teve sua gestão como pioneira no uso do sigilo de dados públicos, como mostrou a **Folha** em 2015. Ele argumenta ter revogado as decisões, impostas pelas secretarias de seu governo, ao saber das medidas pela imprensa.

O caso mais ruidoso foi o sigilo de 25 anos sobre documentos do transporte público, uma das vidraças do PSDB. O assunto gerou questionamentos de TCE (Tribunal de Contas do Estado), Ministério Público e rivais políticos.

À época, o PT publicou texto dizendo que a decisão era “tirana” e que o então tucano “decidiu esconder da população as falhas do transporte”, além de uma ilustração do “cofre do Alckmin”.

Agora, Lula tem feito críticas recorrentes aos sigilos impostos por Bolsonaro. “Eu poderia fazer decreto de cem anos. Sabe decreto de sigilo que está na moda agora? Poderia não apurar nada e colocar decreto de cem anos de sigilo para o Pazuello, para os meus filhos, para os meus assessores. Ou poderia não investigar”, afirmou ao Jornal Nacional.

No debate organizado em consórcio por **Folha**, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura, Lula voltou a usar o assunto para se defender do tema da corrupção. “Hoje qualquer coisinha é sigilo de cem anos.”

Diferentes órgãos federais já decretaram sigilo a informações de interesse de Bolsonaro e de sua família.

No caso do governo Alckmin, os sigilos não envolviam pessoas ligadas ao ex-governador. No entanto, grandes conjuntos de documentos foram vetados à população de maneira indiscriminada e sem análise caso a caso, afetando a transparência e abrangendo pontos fracos das gestões tucanas no estado.

A decisão de impor segredo por 25 anos a centenas de documentos do transporte público metropolitano, às portas da eleição de 2014, deu-se em meio a atrasos em construções do setor e às investigações sobre um cartel para realizar obras e fornecer equipamentos ao Metrô e à CPTM em gestões tucanas.

O carimbo de ultrassecreto impossibilitava, na ocasião, acesso a documentos como estudos de viabilidade, relatórios de acompanhamento de obras, projetos, boletins de ocorrência da polícia e até a vídeos do projeto “Arte no Metrô”.

Na época, o governo alegou que o veto aconteceu para impedir que os dados fossem acessados por pessoas “mal-intencionadas” ou “inabilitadas”. O então governador, por sua vez, afirmou na ocasião que havia “muitas coisas sem sentido” na determinação de sigilo pela pasta e que mandaria revogar a decisão.

Publicação do PT em 2015 criticando Alckmin em razão de sigilos Reprodução

A onda de sigilos também atingiu documentos de outros órgãos, como a Sabesp, que tornou secretos por 15 anos procedimentos e projetos técnicos e operacionais do abastecimento hídrico paulista.

Após a repercussão negativa, o governo recuou e retirou o sigilo dos materiais.

A prática também se deu na Secretaria da Segurança Pública, que havia determinado, por exemplo, segredo de 50 anos em dados de boletins de ocorrência. Depois, o governo afirmou que não divulgaria mais tabelas de documentos restritos e que faria a análise caso a caso.

Na época, o governo realizou ainda mudanças que enfraqueceram o poder da sociedade civil no conselho estadual de transparência. Em um decreto, houve aumento no número de membros do governo no órgão para oito — enquanto representantes de entidades seguiram com seis, desequilibrando as votações.

Outra mudança se referia à cadeira da presidência, que, pelo regimento do órgão, tem o voto de desempate e organiza a pauta das reuniões. A princípio, a sociedade civil tinha a preferência para ocupar o cargo, mas, depois, a prioridade passou a ser de um integrante da Secretaria de Governo.

Questionada, a assessoria de Alckmin afirmou que ele nunca decretou sigilo sobre documentos oficiais. “Tão logo tomou conhecimento dos casos de sigilo do Metrô e da Sabesp, determinou a revogação dessas medidas. O ex-governador regulamentou a lei estabelecendo limites rígidos para a imposição de sigilo.”

No ano seguinte à publicação das reportagens, o governador publicou decreto sobre o tema que, entre outros pontos, estabelecia que o acesso aos dados deveria observar “os princípios da publicidade e da transparência com preceito geral e do sigilo como exceção”.

A campanha de Lula não quis comentar. O ex-presidente tem prometido revogar os sigilos relacionados ao governo Bolsonaro caso seja eleito.

Entre outros episódios, a Receita Federal impôs segredo de cem anos ao processo que descreve a ação do órgão federal para tentar confirmar uma tese da defesa do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) visando anular a origem do caso das “rachadinhas”.

Em 2021, o Exército apontou risco à segurança de Bolsonaro e da filha Laura, 11, para impor sigilo aos documentos que embasaram a matrícula excepcional dela no Colégio Militar de Brasília.

Uma comissão formada por servidores de alto escalão de sete ministérios do governo também negou pedido da **Folha** e manteve secreto por cem anos o processo interno do Exército que decidiu não aplicar nenhuma punição a Pazuello por ato político ao lado de Bolsonaro.

O GSI (Gabinete de Segurança Institucional) também colocou sob segredo as informações de visitas dos filhos do presidente ao Planalto e sobre reuniões de Bolsonaro com pastores suspeitos no MEC. Depois, porém, recuou.

Janja (mulher de Lula), Michelle (mulher de Bolsonaro) e Giselle (mulher de Ciro Gomes), no horário eleitoral Fotos Reprodução

Lula, Bolsonaro e Ciro miram voto das mulheres com esposas na TV

Mulheres de candidatos ganham visibilidade na campanha e falam sobre propostas e governo

Daniela Arcanjo e Paulo Passos

SÃO PAULO Na busca pelo voto das mulheres, maioria entre os eleitores, os líderes nas pesquisas Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL) e Ciro Gomes (PDT) adotam caminhos parecidos.

Na primeira semana de propaganda eleitoral no rádio e na televisão, o trio replicou o que vinha testando nas redes sociais, em entrevistas e discursos, com citações e espaços para suas esposas falarem.

"No momento, há um termômetro social de inserir a mulher em instâncias em que, em geral, ela é alijada", diz a professora de ciência política da Universidade Presbiteriana Mackenzie Carolina Botelho.

No sábado (3), foi a vez da socióloga Rosângela da Silva, a Janja, aparecer pela primeira vez no horário eleitoral reservado à candidatura à Presidência de seu marido, Lula, na TV. Se apresentou como esposa do candidato e disse estar ao lado dele "nessa caminhada pelo Brasil da esperança".

"Sabemos das dificuldades que nós mulheres enfrentamos atualmente. São milhões de mulheres endividadas para poder levar alimentos para suas famílias", afirmou Janja, filiada ao PT desde os anos 1980.

Além da esposa de Lula, outras dez mulheres apareceram na propaganda petista deste sábado na televisão, que teve locução de voz feminina. O candidato foi o único homem a falar nos 3 minutos e 40 segundos integralmente dedicados a propostas para elas.

O protagonismo de Janja contrasta com o papel desempenhado pela então esposa do petista em eleições anteriores. Morta em 2017, Marisa Letícia teve uma presença mais discreta nas disputas de 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006.

Não falava em propagandas ou comícios, quando conquistar o voto feminino era um problema para o petista, lembra Luciana Panke, pesquisadora da Universidade Federal do Paraná e doutora em comunicação política.

Na véspera do primeiro turno, há 20 anos, a campanha do ex-presidente veiculou um vídeo com mulheres grávidas e uma participação do cantor Chico Buarque. Foi a estratégia usada para atingir as mulheres na eleição de 2002.

"Vivemos um momento social em que a invisibilidade feminina não é mais aceita. Elas precisam aparecer, nem que seja como esposa", afirma Panke, que ressalta que a pauta de representatividade deixou de ser exclusiva de partidos de esquerda e centro-esquerda e aparece em candidaturas de direita.

Caso do atual presidente, que convocou a primeira-dama para a sua campanha. Michelle Bolsonaro fez discursos em comícios e apareceu em vídeo de 30 segundos no qual defende o governo do marido. Na peça, divulgada no YouTube e na televisão, o presidente não aparece.

O vídeo foi retirado do ar após uma decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), atendendo a um pedido da coligação de Simone Tebet (MDB). A campanha bolsonarista infringiu a regra que determina que outra pessoa que não o candidato pode ocupar 25% do tempo da propaganda.

A exposição da primeira-dama é usada para tentar melhorar a imagem do presidente com o público feminino, um ponto fraco da campanha.

No debate do dia 28 de agosto, Bolsonaro se exaltou e atacou a jornalista Vera Magalhães após ser questionado sobre vacinação. Disse que ela "era uma vergonha para a sua profissão", insulto que repetiu à adversária Simone Tebet.

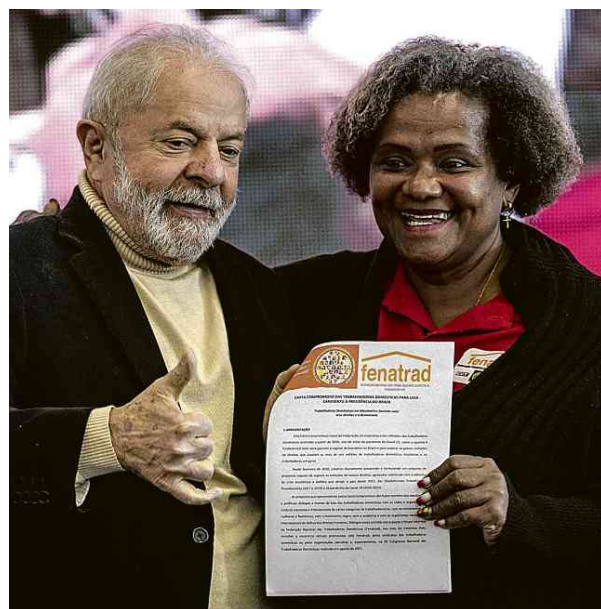
Na pesquisa Datafolha, divulgada na quinta (1º), 35% dos homens diziam votar no candidato à reeleição em resposta espontânea. O índice caía para 24% entre as mulheres. Os números variam menos entre os eleitores de Lula: 39% dos homens declararam voto no petista, contra 41% das mulheres.

Já a rejeição de Bolsonaro é mais discrepante. São 55% das mulheres as que dizem não votar nele de jeito nenhum, índice que cai para 35% quando se fala do petista.

Segundo o TSE, mulheres representam 52,65% do eleitorado, contra 47,33% dos homens. Entre os que disputam um cargo, ainda são minoria (33%). Mas o número é um recorde, assim como o de candidatas à Presidência e à Vice-Presidência. Oito mulheres estão na corrida ao Planalto.

Uma delas é a vice na chapa de Ciro Gomes, Ana Paula Matos, vice-prefeita de Salvador. Nos programas de televisão do candidato do PDT, ela apareceu numa imagem estática, com o santinho da dupla. Quem fala no programa é a esposa de Ciro, Giselle Bezerra.

Os movimentos das campanhas presidenciais são replicados nas corridas estaduais. No Rio Grande do Sul, Onyx Lorenzoni (PL) repetiu Bolsonaro e destacou a esposa, Denise, para uma propaganda.

Aparição mais discreta teve a esposa do aliado de Lula na Bahia, o candidato ao Senado Otto Alencar (PSD-BA), que falou em uma propaganda em que o político apresenta a família. "O Otto sempre foi isso, aquele ser humano, aquele braço, aquela mão que está sempre estendida", afirmou Márcia.

LULA DIZ A DOMÉSTICAS QUE JANJA E LU ENTENDEM MAIS DE MULHER QUE ELE
Petista disse que Janja, Ana Estela Haddad e Lu Alckmin "entendem mais de mulheres do que nós três [ele, Fernando Haddad e Geraldo Alckmin]" e deveriam ler a carta elaborada por entidades que representam as empregadas domésticas durante evento no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, em São Bernardo do Campo (SP) Bruno Santos/Folhapress

EstúdioFOLHA

APRESENTA

A AMAZÔNIA IMPORTA

Vegetação típica da área da Amazônica Legal, que tem 5 milhões de metros quadrados

FORÇA-TAREFA PELA AMAZÔNIA

Shutterstock

ALERTAS APONTAM UM RISCO CRESCENTE E REAL DE REDUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA FLORESTA CASO NADA DE CONCRETO SEJA FEITO ATÉ O INÍCIO DA PRÓXIMA DÉCADA; ATUANDO JUNTOS, EMPRESAS E DIVERSOS SETORES DA SOCIEDADE SE MOBILIZAM PARA, DE FORMA TRANSVERSAL E SUSTENTÁVEL, REVERTER ESSA SITUAÇÃO

A urgência da crise climática, e no caso do Brasil, a acelerada destruição da Amazônia têm feito surgir uma série de organismos interdisciplinares que pregam uma visão múltipla para não apenas salvar a floresta como também levar desenvolvimento sustentável para os ribeirinhos, indígenas e quilombolas que vivem na região. Para resolver o que o pesquisador Beto Veríssimo chama de "paradoxo amazônico", é preciso realmente a "ação de várias forças-tarefas". E elas estão bastante ativas.

O próprio Veríssimo, engenheiro agrônomo que estuda a Amazônia há décadas, está na coordenação de uma delas. O Projeto Amazônia 2030 é uma iniciativa conjunta do Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) – instituição cofundada por Veríssimo – e do Centro de Empreendedorismo da Amazônia, ambos situados em Belém (PA), com a Climate Policy Initiative (CPI) e o Departamento de Economia da PUC-Rio, localizados no Rio de Janeiro. O Mundo Que Queremos é a organização parceira responsável pela comunicação do projeto.

O objetivo macro do Amazônia 2030 é nada mais nada menos que arquitetar um plano de desenvolvimento sustentável para a Amazônia brasileira. Com isso, afirmam os coordenadores, a região terá condições de alcançar um patamar maior de desenvolvimento econômico e humano e atingir o uso sustentável dos recursos naturais em 2030.

O paradoxo a ser enfrentado, segundo o diagnóstico já feito, não é trivial, como ficou claro no debate realizado no fim de agosto para a apresentação detalhada do plano. A mediação das conversas coube ao Derrubando Muros, um movimento formado por empresários, investidores, banqueiros, políticos e intelectuais.

A contradição presente na região hoje, mostram os números, é gritante. As emissões de carbono da gigantesca área, por causa do desmatamento, equivalem a de um país rico, porém, o bem-estar da população local inexiste. Tudo o que o Movimento Amazônia 2030 sustenta está lastreado em um conjunto de 49 estudos que contaram com a participação de 60 pesquisadores.

Uma das pesquisas mostra que existem 8 milhões de desocupados na região que, se empregados, movimentariam R$ 200 bilhões/ano, a partir de um salário médio de R$ 2.000/mês. A Amazônia, onde 32% da população está na faixa da extrema pobreza, ainda tem um boom demográfico, ao contrário de outras regiões brasileiras.

As matrículas em cursos profissionalizantes entre jovens de 15 a 29 anos é de 9%, enquanto no resto do Brasil a taxa está em 16%. O que mostra que a educação também é um grande gargalo para os jovens da região.

Movimento empresarial

"Temos a oportunidade única, os recursos e o conhecimento para dar sequência às boas práticas e, mais do que isso, planejar estrategicamente o futuro sustentável do Brasil. Precisamos fazer as escolhas certas agora e começar a redirecionar os investimentos para enfrentamento e recuperação da economia brasileira em um modelo de economia circular, de baixo carbono e inclusiva, em que não haja controvérsias entre produzir e preservar. Em nosso entendimento, esse é o melhor caminho para fincarmos os alicerces do país para as próximas gerações. Caso contrário, corremos o risco de ficarmos à margem da nossa própria história."

O ponto de vista presente no parágrafo anterior não saiu de uma ONG ou do gabinete de trabalho de um acadêmico, mas faz parte de um documento público, apresentado à sociedade brasileira pelo CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro Para o Desenvolvimento Sustentável). Assinam o comunicado, que vem sendo entregue, em um outro formato, para os candidatos à Presidência, cem grandes empresas que operam no Brasil. São organizações que formaram o grupo Movimento Empresarial pela Amazônia. E o "combate inflexível e abrangente ao desmatamento ilegal na Amazônia e demais biomas brasileiros" é o primeiro eixo que precisa ser solucionado, segundo o documento assinado por boa parte de quem gera o PIB Nacional.

O CEBDS é apenas uma das instituições que formam a rede Uma Concertação pela Amazônia. Iniciativa também recente que reúne pessoas, instituições e empresas voltadas para o objetivo único de promover a conservação e o desenvolvimento sustentável do território amazônico. No total, são 400 lideranças engajadas na causa. Uma das iniciativas do grupo é a montagem da plataforma Amazônia Legal em Dados, que reúne a evolução, até 2021, de indicadores de Saúde e Economia, incluindo expectativa de vida, mortalidade infantil, gravidez na adolescência, PIB, taxas de desocupação e desalento.

ARTIGO
Marina Grosssi, do CEBDS, defende que o tradicional e o disruptivo podem conviver, desde que a lógica da floresta seja compreendida **Pág. 12**

'LOOPING POSITIVO'
Iniciativas como a pesca controlada do pirarucu e o cultivo de café orgânico capacitam e geram renda para as comunidades locais **Pág. 13**

POR UMA FLORESTA EM PÉ
Entenda por que é possível e necessário preservar de forma sustentável o ecossistema do qual toda a sociedade depende **Pág. 14**

A AMAZÔNIA IMPORTA

CEBDS/Divulgação

Marina Grossi, do CEBDS (ao centro), durante reunião com CEOs e pesquisadores na região amazônica

ARTIGO

O TEMPO DA FLORESTA

* MARINA GROSSI É PRESIDENTE DO CEBDS (CONSELHO EMPRESARIAL BRASILEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL), ENTIDADE COM CEM EMPRESAS ASSOCIADAS CUJO FATURAMENTO SOMADO EQUIVALE A QUASE 50% DO PIB BRASILEIRO

POR MARINA GROSSI*

Entre mergulhos em igarapés e visitas a comunidades ribeirinhas, conhecemos empreendedores locais e ouvimos pesquisadores para compreender o modus operandi da região. A experiência trará potentes inspirações para a jornada rumo a uma nova forma de fazer negócios na Amazônia

Não faltam holofotes sobre a Amazônia. A maior floresta tropical do mundo coleciona superlativos: abriga a maior bacia hidrográfica (apenas o rio Amazonas tem mais de 10 mil afluentes) e a maior biodiversidade do planeta, expressa em um conjunto de espécies ainda não totalmente desvendadas pela ciência. Infelizmente, ela ocupa parte do noticiário por motivos desabonadores: a floresta segue registrando altos índices de desmatamento que respondem por quase a metade das emissões de gases de efeito estufa do Brasil e colocam forte pressão sobre a fauna e a flora.

Desde 2007, a Amazônia ganhou uma efeméride para chamar de sua: 5 de setembro foi escolhido o Dia da Amazônia como uma forma de trazer consciência sobre a importância do bioma, a complexidade de protegê-lo e, ao mesmo tempo, gerar prosperidade de para os quase 30 milhões de brasileiros que ali vivem.

A data remonta à criação da Província do Amazonas por dom Pedro 2º em 1850, mas ganha atualidade no momento em que a sociedade se mobiliza pela sua preservação. É preciso um novo olhar para as questões amazônicas, com base na geração compartilhada de riquezas e para que os ativos ambientais sejam alavanca para o social. É legítima a demanda da sociedade para que a riqueza da Amazônia beneficie seus moradores, e a redução das agudas desigualdades regionais passa por um compromisso de todos os agentes - poder público, sociedade civil e setor privado.

Há um ano, o Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) lançou o Movimento Empresarial pela Amazônia, com o objetivo de estimular nossas empresas a inserir a Amazônia nas suas estratégias de negócios e ajudar o país a cumprir os compromissos climáticos assumidos - entre eles, zerar o desmatamento ilegal até 2028 e alcançar a neutralidade de carbono em 2050.

Para o CEBDS, que acaba de chegar ao marco de cem grupos associados, os negócios são parte importante da equação de proteger o nosso maior patrimônio natural e evitar que a temperatura global se eleve acima de 1,5°C até o fim do século.

Dentro desse objetivo, promovemos na última semana de agosto uma imersão de lideranças empresariais no coração da Amazônia. Levamos um grupo de oito CEOs de grandes companhias, de setores como energia, mineração, saneamento, logística e finanças, para conhecer um recorte da realidade local, partindo de Alter do Chão, no Pará.

Durante quatro dias, entre mergulhos em igarapés e visitas a comunidades ribeirinhas, conhecemos empreendedores locais e ouvimos pesquisadores de universidades para compreender o modus operandi da Amazônia. A experiência trará potentes inspirações para a jornada rumo a uma nova forma de fazer negócios na Amazônia.

Ao criar o Movimento Empresarial pela Amazônia, o CEBDS partiu do pressuposto de que são vastas as oportunidades nas áreas de infraestrutura, conectividade, créditos de carbono e soluções baseadas na natureza. Hoje, a Amazônia gera um PIB de R$ 660 bilhões, que representa 9% do PIB nacional, mas é possível ir além. Ao pisar em seu solo, porém, foi inescapável pensar que não é qualquer negócio que combina com a Amazônia.

A região pode abrigar setores tradicionais, tais como infraestrutura e mineração, desde que mitiguem os impactos sociais e ambientais gerados por essas atividades econômicas. Ao mesmo tempo, é preciso ampliar o olhar para as novas frentes de negócios que fazem sentido na região, como cosméticos, fármacos e alimentos.

A bioeconomia baseada em produtos da sociobiodiversidade local tem sido apontada como um dos segmentos com maior potencial. Segundo estudo do hub Amazônia 2030, entre 2017 e 2019, 64 produtos foram classificados como "compatíveis com a floresta" e geraram uma receita anual de US$ 298 milhões. Esse valor representa apenas 0,17% dos mercados globais de cadeias agroflorestais.

Além de estruturar esses sistemas produtivos e dar condições para que novas empresas floresçam, é preciso reconhecer e valorizar o "terroir" dos produtos amazônicos, tal qual fazemos com um vinho ou queijo francês. É preciso respeitar o ritmo da Amazônia e de seus povos, um tempo que não condiz, necessariamente, com a lógica apressada do fazer negócios no centro-sul do Brasil. Basta pensar na logística da região, que faz pessoas e mercadorias dormirem nos barcos.

Também é preciso romper com o paradigma de ganhar escala a qualquer custo, porque na Amazônia nem sempre é possível ter escala - mas pode-se agregar valor ao que brota dali, com todas as suas singularidades.

Na Amazônia, o tradicional e o disruptivo podem conviver, desde que se compreenda a lógica da floresta, das chuvas, dos rios, de suas populações e da profunda conexão com o belo que sua exuberância proporciona. Esse é o ponto de partida para a construção de um novo modelo de desenvolvimento para a região, no qual a Amazônia tenha papel central no combate à emergência climática e se torne próspera, inclusiva e orgulhosa de suas vocações.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO É ESSENCIAL NA BUSCA POR SOLUÇÕES

O morador da floresta não só sabe onde está o problema, mas também como resolvê-lo; educação, conectividade e tecnologia devem ser tratadas como prioridade

A Amazônia é hoje peça central para a compreensão do desenvolvimento sustentável e o melhor exemplo de que manter uma floresta em pé é muito melhor do que derrubá-la.

O tema é sensível porque evidencia problemas como desmatamento, queimadas, extração ilegal de madeira e de garimpo e por isso, segundo ambientalistas e cientistas do clima, é preciso foco no território.

Natalie Unterstell, presidente do think tank Talanoa, um instituto dedicado à política climática, explica que é necessário investir em um capital humano de qualidade no território.

"O mercado de trabalho na Amazônia ainda é muito informal. É preciso se concentrar em gerar emprego e qualificar a mão de obra local", explica Unterstell.

Alguns estudos de caso mostram que importar mão de obra de fora pode prejudicar indicadores sociais e que, por isso, o desenvolvimento precisa andar junto com a população que ali reside.

"Além de mão de obra, é importante lembrar que já temos um ecossistema de empreendedorismo na Amazônia. Há quem esteja trabalhando com o manejo de pirarucu e extração de açaí para exportação, por exemplo."

Um dos cases de sucesso é o projeto da pimenta Jiquitaia Baniwa, em que mulheres do povo Baniwa do Alto do Rio Negro (AM) protagonizam a produção da especiaria em busca de maior autonomia e geração de renda. Em parceria com o Instituto Socioambiental, o projeto acontece desde 2005 e é exemplo de interculturalidade e da parceria entre povos indígenas e não indígenas.

"É preciso investir nas pessoas", explica Virgílio Viana, superintendente da Fundação Amazônia Sustentável (FAS), ONG voltada para a capacitação de agentes comunitários da região amazônica.

"O foco está na cocriação das soluções. O morador da floresta não só sabe onde mora o problema mas também como resolvê-lo", afirma.

Em operação desde 2008, a FAS promove o desenvolvimento sustentável da região por meio de programas de educação que começam na primeira infância. Em parceria com governos locais, operam iniciativas que vão desde a alfabetização de crianças até cursos técnicos após o ensino médio.

Michael Dantas/Divulgação

Virgilio Viana, da Fundação Amazônia Sustentável (FAS)

"Precisamos promover uma educação que enfrente os problemas reais e gerir um ecossistema para a solução desses desafios", completa Viana.

A ONG também trabalha com programas que implementam conectividade e tecnologia social. O objetivo é oferecer infraestrutura e conhecimento para que os jovens possam gerar renda e fortalecer as suas respectivas identidades.

"Esse envolvimento é muito importante para manter o conhecimento vivo e fazer com que a população local tenha a oportunidade de se tornar empreendedora", comenta Viana.

Seja no turismo, na pesca ou na extração sustentável de recursos, a FAS promove o empreendedorismo local por meio de cursos e da conexão de agentes: "Há um caso muito interessante de dois jovens que fizeram um dos cursos técnicos da FAS e abriram uma startup de óleo de andiroba. Hoje faturam mais de R$ 300 mil por ano. Há muitos cases mostrando que, de fato, as pessoas podem ganhar muito mais dinheiro com a floresta conservada", conclui.

BIOECONOMIA

'LOOPING POSITIVO' POTENCIALIZA CADEIAS AMAZÔNICAS DE PRODUÇÃO

Projetos que integram proteção da natureza, ciência e conhecimento tradicional, como a pesca sustentável do pirarucu e o cultivo de café de forma orgânica, ganham escala e geram renda para as comunidades

Idesam/Divulgação

Produção de café feita de forma orgânica com apoio do Idesam em Apuí, no sul do Amazonas

O ciclo destrutivo da Amazônia é bem conhecido. A floresta cai por causa da especulação fundiária, muitas vezes atrelada à cadeia da pecuária. Grileiros e desmatadores, ao lado dos garimpeiros ilegais, são a força motriz do desmatamento. A falta de uma fiscalização efetiva apenas alimenta esse ciclo vicioso.

O outro lado da moeda, entretanto, também existe em várias regiões da floresta. É o chamado "looping positivo", como afirma o biólogo João Campos-Silva, presidente do Instituto Juruá, que há mais de dez anos desenvolve projetos de produção sustentável com comunidades locais da Amazônia, principalmente ligados à cadeia de produção do pirarucu – também chamado de arapaima e maior peixe de escamas de água doce do planeta. "Quanto mais as pessoas melhoram de vida, mais elas cuidam e querem cuidar da natureza", afirma o pesquisador, vencedor em 2019 do Prêmio Rolex de Empreendedorismo por seu trabalho voltado para a preservação do peixe.

Para Campos-Silva, não há dúvida de que o pirarucu, que pode alcançar 3 metros de comprimento e pesar até 200 kg, deveria merecer um local especial na vitrine de produtos amazônicos.

"Essa cadeia nos ajuda a cunhar um conceito realmente amazônico para a bioeconomia. É um processo que integra proteção da natureza, ciência, conhecimento tradicional e justiça social. Trata-se portanto de um exemplo fantástico que inspira otimismo para muitas outras cadeias produtivas da Amazônia", explica o pesquisador.

Em linhas gerais, as comunidades tradicionais que estão conseguindo gerar renda com a comercialização do pescado respeitam não apenas o ciclo natural da espécie como também o que os trabalhos científicos apontam. No fim do século passado, a espécie quase desapareceu dos lagos amazônicos por causa da pesca predatória. Mas quando os cientistas começaram a entender melhor o ciclo de vida do peixe, e aplicar esse conhecimento em políticas públicas regionais, facilmente compreendidas pelos pescadores, a situação mudou.

Hoje em dia, existe um rodízio na pesca do pirarucu. Ou seja, lagos explorados neste ano não são usados para a pesca no ano seguinte. Com isso, as populações vão se recuperando. E também existe um limite de captura em cada um dos corpos d'água. O envolvimento das comunidades tradicionais é fundamental, porque são elas que ajudam na fiscalização desse processo.

O resultado já é visível. No rio Juruá, por exemplo, o fechamento de lagos conectados aos rios associado ao manejo dos estoques de peixes pela população local resultou em uma recuperação da espécie, multiplicando por 30 o número de pirarucus. O plano de Campos-Silva é ampliar ainda mais esse plano de preservação.

"Temos muitos resultados importantes desse ciclo virtuoso", explica Campos-Silva. Entre eles, não apenas a recuperação das populações de pirarucus mas de outras espécies, que vivem no mesmo habitat, como jacarés, tartarugas e tambaquis.

Pesca sustentável de pirarucu desenvolvida por comunidades na região de Juruá (AM)

Instituto Juruá/Divulgação

"E existem vários outros ganhos, como a melhoria da infraestrutura das comunidades, a redução da desigualdade de gênero dentro da pesca, a organização e coesão social, a oportunidade de treinamento, o aumento da autoestima local e a redução da migração rural urbana", afirma o biólogo que decidiu trocar o interior de São Paulo pelo interior do Amazonas.

Fora da água, e além dos tradicionais açaí, castanha e dendê, até mesmo a produção de café vem sendo incrementada na Amazônia. A produção orgânica dos grãos também ajuda a preservar a floresta, uma vez que as plantas de café estão se dando bem com as sombras geradas pelas grandes espécies de árvores da floresta.

Um projeto-piloto pioneiro de produção orgânica de café está em curso na cidade de Apuí, onde, inclusive, os índices de desmatamento estão bastante altos. No município do sul do Amazonas, 50 famílias da região tocavam a produção até o início do ano quando tudo mudou.

"A demanda está alta. Vamos agora mais do que dobrar o número de famílias e atingir também 70 hectares de área de produção", afirma Mariano Cenamo, criador e diretor do Idesam (Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia), que há aproximadamente 20 anos resolveu implantar todo o seu conhecimento de engenheiro agrônomo obtido na USP (Universidade de São Paulo) na Amazônia.

No início do ano, a organização de Mariano recebeu um aporte de investidores da ordem de R$ 11 milhões. Recursos que estão permitindo dar escala para o projeto de produção de café orgânico com as comunidades locais. "Os desafios são grandes, mas estamos conseguindo estruturar a operação, as equipes, e produzir em maior escala", explica.

Um dos grandes trunfos do projeto, que permite uma geração de caixa extra, inclusive para que o dinheiro chegue na ponta da cadeia, entre os moradores da floresta, é que ele está atrelado ao mercado de créditos de carbono. "Se não fosse isso, a conta não fecharia", diz Mariano.

FUNDO APOIA PROJETOS QUE ESTIMULAM AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Em uma nova rodada, o Fundo JBS pela Amazônia vai apoiar mais sete iniciativas voltadas para o estímulo da bioeconomia, visando a melhoria na qualidade de vida das comunidades tradicionais e o desenvolvimento científico e tecnológico da região. Pela primeira vez, haverá suporte financeiro para um projeto em andamento em terras indígenas.

Por volta de 650 famílias, espalhadas por 16 terras indígenas no centro-sul de Rondônia e noroeste do Mato Grosso serão beneficiadas. É esperado que as famílias envolvidas com as cadeias de produção da castanha, de sementes florestais e de artesanato aumentem suas rendas anuais em 5%.

O projeto Corredor Sustentável do Cacau, no sudoeste do Pará, tem como objetivo criar um plano de negócios para um futuro Corredor de Cacau, o primeiro do mundo que combina a preservação florestal e restauração. Já o Ingredientes da Amazônia visa o desenvolvimento de novos produtos e ingredientes com base na biodiversidade local (cupuaçu, guaraná, castanha, babaçu e cogumelos, entre outros) para serem utilizados no setor de alimentos vegetais (plant-based).

O incremento tecnológico também faz parte dos objetivos do fundo da empresa JBS. Um outro projeto selecionado vai pesquisar a possibilidade de que matérias-primas vegetais encontradas na floresta sejam usadas na produção de bioplásticos. A iniciativa apoia pesquisa já existente no qual o resíduo do ouriço da castanha-do-Pará é pré-beneficiado na própria comunidade, por meio de suas cooperativas ou associações, e enviado para indústrias para ser inserido na composição do plástico.

A AMAZÔNIA IMPORTA

EstúdioFOLHA

POR QUE É MELHOR UMA

AMAZÔNIA EM PÉ

Dados e realidades das comunidades da floresta revelam que o desmatamento não garante em nada o desenvolvimento de uma região, muito pelo contrário. Confira alguns exemplos que mostram que não é apenas fundamental mas também posssível preservar de forma sustentável esse ecossistema do qual toda a sociedade depende e se beneficia

Pedro Carrilho/Shutterstock

A IMPORTÂNCIA DOS RIOS VOADORES

A Amazônia é fundamental para o **regime de chuvas** do Brasil. A conexão existe por causa dos chamados **rios voadores**, cursos de água atmosféricos formados por massas de ar carregadas de vapor de água que são empurradas pelos ventos. Essas correntes de ar **carregam umidade** da bacia Amazônica para o Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. É um processo que **tem influência** em toda a América do Sul.

VEJA COMO ELES FUNCIONAM:

1 As **altas temperaturas** provocam uma **forte evaporação** na região equatorial do oceano Atlântico

2 O vapor que **sobe para a atmosfera** é então **levado pelos ventos** para a floresta, causando tempestades tropicais. No solo, as raízes das árvores **drenam a água do subsolo** e a lançam novamente na atmosfera, **retroalimentando** o ciclo hidrológico

3 Como o vento sopra de leste para oeste, uma **grande quantidade de umidade** chega até a região dos Andes. Ao encontrar as montanhas, **desvia em direção ao Brasil** central **irrigando** lavouras no centro oeste e **abastecendo** usinas hidrelétricas no sudeste

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL CONTRA O DESMATAMENTO

Ainda que o avanço do desmatamento e da grilagem de terras continue a destruir a floresta, muitas comunidades da Amazônia vêm apostando e se beneficiando do **desenvolvimento socioambiental** com uma **produção perene** de castanha, açaí, cacau, dendê e até café. A **produção de pescado**, como o pirarucu e o tambaqui, também gera renda, assim como a **valorização de produtos regionais** para uso culinário, inclusive por chefs renomados de outras regiões do país

R$ 8,6 bilhões

Foi quanto o setor de turismo de natureza movimentou em 2018, gerando 80 mil empregos diretos no Brasil. Dados do Ministério do Turismo mostram que, nos últimos três anos, 19 milhões de turistas vieram ao Brasil, mesmo com a pandemia, sendo que 20% optaram por cenários de natureza

75% da área

na Amazônia é composta por cobertura de floresta, segundo o MapBiomas. Em seguida, vêm as áreas para a agropecuária (17%), formação natural não florestal (5%), corpos d'água (2%) e outra formação não vegetada (0,2%)

5 milhões de metros quadrados

É a área total da Amazônia Legal, que abrange 59% do território brasileiro incluindo oito estados – Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins – e parte do Maranhão. Ela representa 67% das florestas tropicais do mundo, segundo dados do Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia)

28,1 milhões de habitantes

ou 13,3% da população brasileira vivem na Amazônia Legal, segundo dados de 2020 do Imazon. Se fosse um país, por sua extensão territorial, ocuparia a sexta posição no ranking global. Seus rios representam 20% das águas doces do mundo

MADEIRA CERTIFICADA GANHA O MUNDO

O Brasil tem hoje por volta de 8 milhões de hectares que produzem **legalmente madeira certificada** (entre elas, espécies nobres como o ipê, a maçaranduba, o jatobá, o cumaru, o cedro e a itaúba). Essa **cadeia produtiva** faz com que sejam **gerados recursos** às comunidades da Amazônia que trabalham com o manejo florestal

O SALTO DO ECOTURISMO

Não há mais dúvidas de que a indústria do turismo é uma das **mais potentes do mundo**. E, no caso da Amazônia, ela está **100% ligada à floresta**. O que significa que o ecoturismo responsável deve ser tratado como um **grande catalisador** para o **desenvolvimento econômico** da região. É um setor que crescia por volta de 20% ao ano antes da pandemia

BIODIVERSIDADE QUE GERA RENDA

Manter a floresta em pé significa preservar toda a ecologia funcionando de **forma orgânica**. Com base no **conhecimento tradicional** dos indígenas, ribeirinhos e quilombolas, empresas socialmente responsáveis estão **comercializando produtos** alimentícios locais como pimenta, cogumelos e óleos vegetais. As dos segmentos de saúde e beleza, usam sementes como as de andiroba, buriti e urucum

BIOINOVAÇÃO ANTECIPA O FUTURO

Em 2018, cientistas descobriram em um lago da Amazônia **microorganismos** que contêm uma **enzima especial**. No laboratório, as moléculas mostraram ter a capacidade de ajudar na produção do **etanol de segunda geração** a partir do bagaço ou da palha da cana. Se o processo ganhar escala, a produção de etanol nacional pode **aumentar em até 50%**

Geraldo Magela, 63, eleitor de Lula, em seu bar, em Garanhuns (PE) Luara Olivia/Folhapress

Apoiadoras de Bolsonaro durante 'adesivaço' em Eldorado (SP) Henrique Santana/Folhapress

Clima eleitoral esquenta com fake news e TV

Nas terras de Lula e Bolsonaro, Garanhuns (PE) e Eldorado (SP), eleitores de ambos exibem afinação com campanhas

RAÍZES PRESIDENCIAIS

José Matheus Santos e Joelmir Tavares

GARANHUNS (PE) E ELDORADO (SP) As toalhas com o rosto de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) incorporadas à decoração, o vermelho na cor das roupas, a bandeira com o número 13 estendida na varanda e os adesivos de apoio colados nos dois carros do lado de fora não deixam dúvida: é lulista, com certeza, a casa do servidor público e biólogo Pedro Passos, 52, em Garanhuns (PE), terra natal do ex-presidente e líder da corrida ao Planalto.

O clima de campanha se completou nos últimos dias com os coros de "Lula lá", no ritmo do tradicional jingle. Ao lado da esposa, primos e da filha, o morador entoou os versos com vigor no último dia 27, enquanto assistia à estreia da propaganda obrigatória na TV. Não só a música ecoou na sala, mas também o discurso usado pelo ex-presidente.

"O governo de Lula trouxe oportunidades para as pessoas, que hoje estão passando fome", afirma Passos, filiado ao PT e afinado com a mensagem petista contra o candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL).

"Você vai ao supermercado e não consegue mais fazer nada. Precisamos falar de fome. Lula fala com a autoridade de quem já viveu isso."

A guerra de narrativas, a enxurrada de fake news nas redes sociais, as entrevistas com presidenciáveis, o primeiro debate e os anúncios na programação da TV esquentaram o interesse pela eleição no berço de Lula e também em Eldorado (SP), onde Bolsonaro passou a juventude.

A **Folha** acompanha em uma série de reportagens o desenrolar da disputa nas duas cidades, que tiveram papel decisivo na trajetória de ambos os líderes políticos e repetem a polarização nacional em torno deles, embora com proporções e características próprias.

Enquanto o município pernambucano devota apoio ostensivo ao PT e sempre votou em peso nos presidenciáveis da sigla, Eldorado tem divisão mais escancarada. Bolsonaristas se concentram no núcleo urbano e lulistas predominam na zona rural —habitada, simbolicamente, por 13 comunidades quilombolas.

No Nordeste, a batalha eleitoral vai gradualmente dominando o boca a boca e aparecendo em fachadas. Lula nasceu em Caetés, que era na época um distrito de Garanhuns e só depois se emancipou.

"Esta é uma eleição plebiscitária. É preciso romper com o modelo de gestão genocida e fascista que está no país", diz Passos, alardeando a tese de que o petista, se vencer, vai salvar a democracia e retomar políticas de inclusão social, deixando para trás o desemprego e as desigualdades.

Dono de um bar em uma região mais pobre da cidade, Geraldo Magela, 63, nem precisaria de palavras para declarar seu voto —o estabelecimento ostenta adesivos de "fora, Bolsonaro" e bandeira do PT. A trilha sonora tem músicas favoráveis a Lula que ele bota para tocar no YouTube.

Mesmo assim, o comerciante não economiza na retórica: "Considero Lula como Mahatma Gandhi, o homem que libertou a Índia dos ingleses".

Mentiras e acusações contra os candidatos vez ou outra entram nas rodas, mas o amplo suporte a Lula nas redondezas acaba por neutralizar discussões. Informações falsas, como a espalhada por bolsonaristas dando conta de que o petista fechará igrejas se voltar ao governo, costumam ser relativizadas.

Apesar do petismo evidente do dono do bar, eleitores adversários são bem aceitos no local, segundo Magela. Ele gostou da entrevista do ex-presidente no Jornal Nacional, da TV Globo, e diz admirá-lo por olhar para os pobres, que mais sofrem em tempos de crise.

Para o advogado João Paulo Vasconcelos, 39, no entanto, Lula "se esquece" propositalmente de Dilma Rousseff (PT). O apoiador de Bolsonaro, crítico à omissão da sucessora nos anúncios, responsabiliza a ex-presidente por problemas econômicos que se arrastam até hoje.

"Lula fala de inflação, mas esse índice no Brasil é um dos menores do mundo entre os países", diz ele, na contramão de dados oficiais.

No caso de Istherfany Pereira, 18, o crucial para seu apoio ao atual mandatário é a agenda de costumes. Fiel da Assembleia de Deus, a aprendiza de auxiliar administrativo vê o postulante como representante autêntico da fé cristã, o que o marketing de-le busca reforçar.

"A esquerda vai muito contra o que não aceito. Seguimos [na direita] princípios baseados na Bíblia e em valores cristãos. E entender que é preciso o melhor para o Brasil", diz. A jovem defende, por exemplo, que família é "mãe, pai e filho" e nega influência da igreja em seu voto.

Em Eldorado, a pauta conservadora justifica o apoio a Bolsonaro, ao lado da agenda anticorrupção e antiesquerda. Para muitos, é a combinação perfeita: o candidato encarna bandeiras em que acreditam e ainda carrega o valor sentimental de ter vivido na localidade dos 11 aos 18 anos. Ele recebeu 54% dos votos válidos no município no segundo turno de 2018.

As raízes do presidente em Eldorado foram tema de um de seus primeiros programas de TV no horário eleitoral, com fotos dele na juventude e depoimentos de conhecidos.

No último domingo de agosto (28), a cidade despertou sob o canto dos pássaros nas árvores da praça central e os versos repetidos à exaustão da música "Eu Te Amo, Meu Brasil", hino ufanista da ditadura militar (1964-1985).

A canção vinha da caixa de som colocada no carrinho da catadora de materiais recicláveis Marli Miranda, 62, que circulava na concentração de um "adesivaço" pró-Bolsonaro. Ela, que pertence à Igreja Evangélica Pentecostal Betânia, fica emocionada ao falar do mandatário: "É um homem de Deus".

Foi a primeira grande mobilização desta eleição no município. Simpatizantes de Lula se declaram mais abertamente nos quilombos. Os da zona urbana evitam se expor por razões profissionais ou pessoais. Muitos se recusam a dar entrevista e nem sequer cogitam manifestações de rua.

Ao longo do dia, foram colados adesivos de Bolsonaro em 130 carros, segundo os coordenadores, uma turma de cerca de 15 pessoas. Bandeiras do Brasil, faixas e adereços em verde e amarelo foram espalhados pelo local.

Enquanto acompanhavam a atividade, os apoiadores discutiam detalhes do 7 de Setembro —uma parte fará uma marcha no município, outra irá ao ato pró-Bolsonaro na avenida Paulista.

Segundo a professora Vania Brisola, 60, que ajudou na manifestação, parte dos materiais de divulgação foi repassada por Renato Bolsonaro, irmão do presidente e agitador da campanha no Vale do Ribeira.

"Isso é coisa do capiroto! Espírito do Lula! Tá repreendido", zombou alguém quando a folha seca de uma palmeira da praça despencou no chão, sem atingir ninguém.

Uma mulher, antes de lanchar, ironizou: "Vou comer um pão porque eu apoio o agro" —alfinetada no petista por dizer no JN que parte do agronegócio é fascista. Um motorista mandou o filho tirar o boné vermelho: "Dá azar". Outra participante completou: "PT aqui não!".

Além de desacreditar institutos de pesquisa, o grupo repercutia conteúdos que associam o ex-presidente ao demônio e comentava informações já desmentidas pelo PT e por agências de checagem, como a insinuação de que o candidato bebeu cachaça no palanque.

O funcionário público Heber Teles, 29, mostrava no celular o vídeo em que Lula supostamente recebe um papel com uma "cola" durante o telejornal da Globo. Mesmo confrontado com elementos que contrariam a história, ele pareceu não se convencer.

À noite, parte dos militantes se reuniu em um bar para assistir ao primeiro debate entre os presidenciáveis. Aplausos se seguiam a cada resposta dura de Bolsonaro ao antagonista. Quando Lula aparecia na tela, eram ouvidos gritos de "ladrão", "safado" e "mentiroso".

- **População no último Censo (2010)** 129.408
- **População estimada (2021)** 141.347
- **Densidade demográfica (2010)** 282,21 hab./km²
- **PIB per capita (2019)** R$ 18.622,87
- **IDH** 0,664 (16º no estado, entre 184 municípios)
- **Principais atividades econômicas** Pecuária leiteira, comércio, serviços e turismo
- **Prefeito** Sivaldo Albino (PSB)

Fontes: Prefeitura de Garanhuns e IBGE

- **População no último Censo (2010)** 14.641
- **População estimada (2021)** 15.592
- **Densidade demográfica** 8,85 hab./km²
- **PIB per capita (2019)** R$ 19.766,99
- **IDH** 0,691 (607º no estado, entre 645 municípios)
- **Principais atividades econômicas** Agricultura (produção de banana e de palmito), pecuária, turismo
- **Prefeito** Dinoel Rocha (PL)

Fontes: Prefeitura de Eldorado e IBGE

COMO CHEGAMOS AQUI?

A grande quantidade de roubos e furtos de celulares e as quadrilhas que limpam as contas de vítimas pelos aparelhos são desafios para o próximo governador de SP. O estado ainda lida com problemas relativos ao crime organizado e mega-assaltos no interior, fenômeno conhecido como novo cangaço. As câmeras acopladas aos uniformes, medida bem-sucedida na redução da letalidade policial, foram postas em xeque por pré-candidatos. Especialistas veem risco de retrocesso.

FOLHA EXPLICA

OS NÓS DE SP | SEGURANÇA

Ladrões de celular e golpe do Pix são desafios para próximo Governo de SP

Manutenção da bem-sucedida política de câmeras acopladas aos uniformes da PM é uma das questões

VIDA PÚBLICA

Artur Rodrigues

SÃO PAULO Veja os principais temas da segurança pública em São Paulo.

*

Como está a situação de roubos e furtos no estado? No primeiro trimestre deste ano, houve aumento de furtos e roubos no estado, mas o patamar ainda é menor do que o do início da pandemia.

Segundo dados do governo, foram registrados 132.782 furtos no primeiro trimestre do ano, alta de 28,5% em relação aos três primeiros meses de 2021 e de 7% na comparação com 2020. Em relação ao mesmo período em 2019, antes do início da crise sanitária, houve diminuição de 2,7%.

Nas cifras de roubos, foram contabilizados 59.905 casos nos primeiros três meses do ano, alta de 7,4% na comparação com 2021. Mas o valor representa queda de 4% em relação aos 62.372 episódios no período em 2019, e de 12% na comparação com 2020.

Ao analisar a sequência histórica, porém, enquanto houve grande queda de homicídios, roubos e furtos se mantiveram em patamares relativamente estáveis.

Quais são os maiores desafios no combate a esses crimes? Roubos e furtos de celulares têm aumentado a sensação de insegurança na população. Muitas vezes, os crimes são feitos em combinação com quadrilhas especializadas em limpar as contas das vítimas usando o sistema Pix.

Considerando os números gerais, de 2019 para 2020 os episódios de roubos de celular na capital paulista caíram de 114.050 para 92.195. Em 2021, chegaram a 89.866.

Os furtos, também de 2019 a 2020, diminuíram de 113.783 para 81.172 e registraram alta de 6,9% no ano passado, chegando a 86.754.

O combate a esse tipo de crime passa por maior integração entre Polícia Civil e Militar. "É histórica a ausência de articulação entre as polícias em SP. É fundamental desmontar as quadrilhas, atuando na busca de objetos roubados", diz Luis Flávio Sapori, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

O governo tem feito operações voltadas à fiscalização de motociclistas, já que muitas vezes os delitos são praticados com os criminosos em motos.

Ainda segundo a administração, a Polícia Civil, em colaboração com a Polícia Federal, já prendeu receptadores e localizou centrais de Pix com dezenas de aparelhos, além de ter detido mulas que levavam celulares roubados para países africanos.

Além de roubos e furtos comuns, que outros crimes patrimoniais preocupam? As ações do chamado novo cangaço causam grande apreensão em cidades do interior. Embora não sejam tão frequentes, esses crimes são marcados por cenas de terror.

Uma das últimas ações do tipo em SP ocorreu em Araçatuba, a 521 km de São Paulo, em agosto de 2021. Criminosos explodiram e roubaram duas agências bancárias, fizeram moradores reféns e incendiaram veículos.

Nesses casos, muitas vezes policiais não têm capacidade de reagir a bandidos em maior número e mais bem armados.

O governo diz que foram criados nessa gestão dez novos Baeps (batalhões de ações especiais de polícia), focados no policiamento ostensivo, e que já foram presos 60 criminosos especializados nesse tipo de crime. Além disso, no geral, roubos a banco seguem tendência histórica de queda.

Qual é a situação do combate ao crime organizado? A principal facção criminosa do país, o PCC (Primeiro Comando da Capital), é sediada em São Paulo. Embora o grupo tenha atuação internacional, muitos dos principais líderes continuam coordenando a facção de dentro de presídios paulistas. Os integrantes da organização atuam em diversas modalidades criminais, mas o principal negócio do grupo é o tráfico de drogas.

A atuação do PCC começa em países vizinhos, de onde é trazida a droga para o Brasil. Aqui, ela é distribuída e, em alguns casos, exportada para a Europa. A organização atua em diversos negócios com fachadas legais, usando laranjas em empresas de ônibus e postos de gasolina.

"Todo esforço para desmontar e desmobilizar os mecanismos de lavagem de dinheiro do PCC é uma tarefa constante para o governador do estado", diz Sapori, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Segundo dados do governo, 59 integrantes de facções já foram transferidos para prisões federais fora do estado —a lista inclui o líder máximo da facção, Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola.

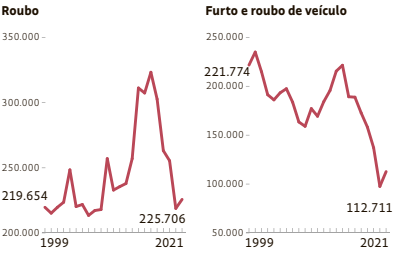
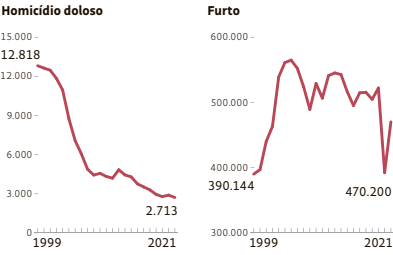
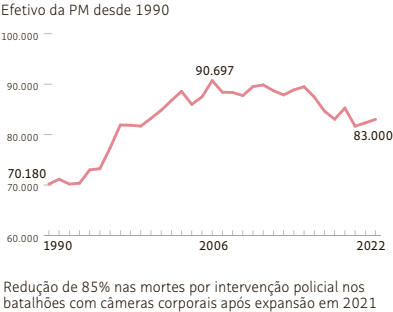
Além disso, diz o governo, já foram recuperados mais de R$ 1 bilhão em ativos.

Como a segurança tem sido tratada pelos pré-candidatos? O tema aparece principalmente relacionado às câmeras acopladas aos uniformes dos policiais. Um dos pré-candidatos, Tarcísio de Freitas (Republicanos), sugeriu que as câmeras podem atrapalhar policiais e prometeu acabar com a política.

As críticas fizeram com que outros candidatos botassem os equipamentos em dúvida, incluindo o atual governador Rodrigo Garcia (PSDB), que, depois, recuou.

As críticas às câmeras fazem sentido? Números não corroboram a teoria do ex-ministro da Infraestrutura. Em 2021, em meio à implantação das câmeras, a PM registrou o menor número de agentes mortos em serviço em 31 anos.

A política de redução da letalidade policial levou a uma queda de 36% no número de pessoas mortas em supostos confrontos em SP em 2021.

Além disso, nas 18 unidades participantes dos programas de câmeras corporais —na capital, no litoral e no interior—, a diminuição de mortos resultantes de ações policiais chegou a 85% nos últimos sete meses do ano passado em comparação ao mesmo período de 2020.

Para Carolina Ricardo, diretora-executiva do Instituto Sou da Paz, o próximo governador terá de ter coragem para não ceder às pressões.

"São Paulo tem uma solução nas mãos. O estado profissionalizou o uso da força pela Polícia Militar", diz ela, acrescentando que a redução da letalidade não envolve apenas as câmeras.

Ela cita, por exemplo, uma comissão interna que discute os casos com uso de armas de fogo, além de investimentos em armas não letais.

Após Rodrigo cogitar mudanças, o governo afirmou que a política será ampliada, com 10 mil policiais militares utilizando as câmeras nos uniformes até agosto.

Do ponto de vista de segurança, qual é a situação da cracolândia? A polícia paulista passou a fazer sucessivas operações na cracolândia, o que espalhou usuários de drogas por diversas áreas do centro.

A estratégia é similar à adotada em 2012, quando, após diversas operações, a cracolândia voltou ao ponto original, ainda que com pequenas aglomerações em novos locais.

Com a prisão de traficantes, o tráfico ficou a cargo de usuários que prestam serviços em troca de crack —eles são conhecidos como "lagartos".

Questionado, o governo afirmou tratar-se de uma questão de saúde pública e que houve aumento das internações.

A prefeitura paulistana anunciou diversas internações involuntárias, mas a grande maioria não tem relação com a cracolândia ou com o uso de drogas.

A administração afirma que, desde 2019, mais de 1.700 pessoas foram presas por tráfico na região, e 3,8 toneladas de droga, apreendidas.

Os homicídios no estado seguem tendência de queda. Há espaço para redução maior? O índice de homicídios de SP é o menor do país, com redução em mais de 80% nos últimos 22 anos. Em 2021, a redução foi de 6% —de 2.893, no ano anterior, para 2.713.

Apesar dos resultados, especialistas consultados pela **Folha** frisam que ainda há espaço para uma redução maior.

Uma das principais estratégias seria a maior fiscalização das armas em circulação. Entre essas possíveis irregularidades está o uso de laranjas como falsos colecionadores.

Neste ano, a polícia apreendeu uma série de armas de fogo em endereços ligados a supostos membros do PCC. As apreensões levaram à abertura de uma nova investigação, porque todo o armamento estava registrado legalmente em nome de CACs (colecionadores, atiradores e caçadores).

Qual é a situação das polícias? Durante a gestão de João Doria (PSDB), havia grande descontentamento com o governo por parte dos policiais. Neste ano, o agora ex-governador deu aumento de 20% às forças de segurança.

As entidades de classe que representam tanto a PM quanto a Polícia Civil, porém, afirmaram que o reajuste não cobre a inflação.

Entre policiais civis, há ainda o sentimento de que a corporação é sucateada e preterida em relação à PM, que recebe equipamentos melhores e não enfrenta a mesma falta de funcionários. No entanto, apesar disso, a PM tem o menor efetivo desde os anos 1990.

Atualmente, o efetivo da corporação é de 83 mil homens, o menor desde 1999, quando havia 81 mil.

Rodrigo, ao assumir, tem feito uma série de acenos às polícias. Recentemente, autorizou a abertura de editais para a contratação de 2.700 policiais militares e para a reforma de 27 distritos policiais.

Segurança no estado de SP

Roubos e furtos aumentaram e homicídios seguem em queda

Principais problemas da segurança em SP

Dados são de pesquisa Datafolha, em %

Efetivo da PM desde 1990

Redução de 85% nas mortes por intervenção policial nos batalhões com câmeras corporais após expansão em 2021

10 mil é a previsão de PMs atuando com câmeras até agosto

Fontes: SSP, PM e Datafolha

Câmera corporal utilizada pela Polícia Militar de São Paulo Bruno Santos/Folhapress

Incompetência e morte!

Bicentenário será festa em homenagem ao pior líder que o Brasil já teve

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

O bicentenário da Independência do Brasil deveria ser um momento de grandes eventos culturais e discussões públicas sobre o que foi a história brasileira até aqui e o que devemos fazer de agora em diante. Em vez disso, Bolsonaro está andando pra lá e pra cá com um pedaço de defunto e vai fazer um comício a favor do golpe de Estado no dia 7 de setembro.

Ainda não se sabe o quanto o ato de quarta-feira será comício e o quanto será tentativa de golpe: só se sabe que será uma mistura dos dois, e que crimes serão cometidos. Golpe de Estado é proibido, usar as Forças Armadas em comício também.

No último sábado, o presidente da República já chamou o ministro Alexandre de Moraes de vagabundo, de modo que, se eu fosse o Temer, deixaria a cartinha preparada.

No fundo, Bolsonaro deve estar em dúvida sobre o que fazer. As pesquisas não o ajudam. Se Bolsonaro tivesse ultrapassado Lula, seria melhor desistir do golpe e se concentrar em ganhar a eleição. Se Lula estivesse com 20 pontos na frente de Bolsonaro, a vitória nas urnas seria impossível e só restaria a Jair tentar um golpe. Com a diferença estável, mas não intransponível, fica a dúvida.

Não é fácil tentar um golpe de Estado e fazer uma campanha eleitoral ao mesmo tempo.

Todas as pesquisas mostram que o eleitorado em geral não quer um golpe, quer comida. Mesmo o eleitor de 2018, aliás, podia não querer um político, mas queria um governo: queria vacina, queria salário-mínimo com reajuste real que lhe permitisse sobreviver à alta dos preços, queria, enfim, tudo que o governo Bolsonaro não lhe entregou.

Quatro anos depois, os brasileiros ainda querem um governo, e, se não quiserem um político, não vai ser Bolsonaro quem vai representá-los. Jair é o candidato do centrão e sua única esperança de reeleição é o uso da máquina pública durante a campanha. Sobre isso, aliás, recomendo o artigo do cientista político Jairo Nicolau na última edição da revista piauí.

Por isso, se Bolsonaro tiver como prioridade vencer a eleição, deve fazer o que fez durante sua entrevista no Jornal Nacional: mentir o tempo todo, mas mentir sobre coisas que interessam à população, como emprego, comida e vacina.

Por outro lado, se Bolsonaro tiver como prioridade dar um golpe, deve mentir sobre coisas que mobilizam o ódio de seus seguidores mais radicais: as urnas eletrônicas, as mulheres, o STF, os LGBTs, a esquerda. Aqui a prioridade não é tanto prometer bem-estar aos aliados, é prometer que os inimigos, reais ou imaginários, sofrerão. Para um público de sádicos, funciona.

Note-se que a única opção que Jair não tem é falar a verdade: como candidato à reeleição, não tem nada a dizer sobre seu governo que seja ao mesmo tempo bom para o Brasil e verdade. Como golpista, só lhe resta entregar a seus seguidores as teorias conspiratórias mais alucinadas sobre inimigos da liberdade. Se falasse a verdade, teria que admitir que o inimigo da liberdade é ele.

Seja como for, é triste que nosso bicentenário seja comemorado como uma festa em homenagem não ao Brasil, mas ao pior líder que o país já teve, culpado pelo assassinato em massa de brasileiros durante a pandemia, militante do ódio às mulheres e à liberdade democrática. Se fosse sincero, Bolsonaro terminaria seu discurso no dia 7 gritando: "Incompetência e morte!".

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

TSE manda excluir fake news sobre Instituto Lula

BRASÍLIA O ministro Paulo de Tarso Sanseverino, do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), determinou neste domingo (4) que Twitter, Facebook e TikTok removam do ar vídeos falsos que diziam que o Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) fica no mesmo endereço do Instituto Lula.

O conteúdo falso passou a circular no último dia 31, quando um youtuber divulgou vídeo com a mentira.

Na representação entregue ao TSE, a Coligação Brasil da Esperança, que reúne partidos aliados de Lula, afirma que o vídeo tinha o intuito de descredibilizar as pesquisas de intenção de voto do Ipec e dar a entender que o petista seria beneficiado, de maneira ilegal.

Na decisão, o ministro disse que a informação é sabidamente falsa e possibilita "repercussão negativa de difícil reparação na imagem do candidato". As publicações devem ser removidas por Twitter, Facebook e TikTok em até 24 horas, sob pena de multa diária de R$ 10 mil. **Cézar Feitoza**

mundo

Chile rejeita nova Constituição por ampla margem, em derrota do governo

Presidente Boric diz que 'é preciso escutar o povo' e enviará projeto para redação de outra Carta

Sylvia Colombo

Partidários do 'não' à nova Constituição comemoram em Santiago Martin Bernetti/AFP

SANTIAGO O Chile rejeitou por ampla margem a proposta de nova Constituição que foi a votação neste domingo (4). Com 99,86% das urnas apuradas até as 22h30 de Brasília (21h30 locais), a rejeição à Carta vencia por 61,87% a 38,13%. O presidente Gabriel Boric convocou uma reunião com todos os partidos nesta segunda-feira (5), às 16h locais.

A jornada foi marcada por grandes filas, uma vez que, neste plebiscito, o voto era obrigatório. Não houve episódios de violência nem irregularidades, segundo as autoridades eleitorais.

A rejeição é uma derrota do governo do esquerdista Boric, pouco antes de completar seis meses de mandato. Apesar de não ter apoiado abertamente a aprovação, a gestão se debilita pelo fato de a nova Constituição ter sido um dos motores de sua coalizão política e parte essencial de sua campanha à Presidência.

Boric se manifestou depois do resultado. Disse que "a democracia sai mais robusta", mas que "é preciso escutar a voz do povo, devemos ser autocríticos". "Comprometo-me a pôr tudo de minha parte para construir em conjunto com o Congresso e a sociedade civil um novo itinerário constituinte. Não podemos deixar passar o tempo nem nos enredarmos em polêmicas."

"Não esqueçamos por que chegamos aqui. Este mal-estar segue latente e não podemos ignorá-lo", disse Boric, em referência à onda de protestos nas ruas de 2019.

Assim que a apuração começou a apontar para a derrota da aprovação, ouviam-se buzinaços e gritos de "Viva, Chile" nos arredores da Praça Dignidad, epicentro dos protestos e festejos. As comemorações ocorreram em vários pontos de Santiago, principalmente no norte da cidade, onde estão os bairros mais ricos. Nas esquinas dos bairros de Vitacura e Las Condes, havia gente carregando bandeiras do Chile e fogos de artifício.

Agora, o caminho a ser seguido é mais espinhoso. Boric e os principais partidos do país haviam acordado, embora não formalmente, que o processo constitucional teria sequência mesmo com o cenário da rejeição, com o início da redação de uma nova Carta.

Boric convocará os principais partidos do país para formular uma proposta, que será enviada ao Congresso, no qual o governo não tem maioria, para aprovação. Entre os pedidos da direita para o novo processo estão o de diminuir a cota de participação de independentes e dos indígenas, que tiveram 17 cadeiras na Assembleia, cada um representando uma nação indígena do país. A direita prefere que, desta vez, exista uma maior participação dos partidos tradicionais.

61,87%
foi o percentual dos eleitores que rejeitaram a nova Constituição, com a quase totalidade das urnas apuradas

Após o resultado, o presidente da UDI, principal partido direitista, Javier Macaya, disse que cumprirá o acordo de "continuar com o diálogo por uma nova Constituição, mas dessa vez uma Constituição que una os chilenos".

Já a esquerda quer que o texto rejeitado sirva de base para o próximo e que mantenha as ideias de plurinacionalidade, defesa do ambiente e dos direitos da mulher. O plano da ala progressista também é que o novo texto fique pronto em um ano e que seja aprovado antes de 11 de setembro do ano que vem, quando se completam 50 anos do golpe militar que deu início à ditadura Pinochet (1973-1990).

Um dos empecilhos, porém, será o fato de que, segundo a lei eleitoral, não é possível realizar uma nova eleição de integrantes de uma nova Assembleia Constituinte em menos de 125 dias depois do plebiscito deste domingo.

Há outras opções na mesa, por exemplo, em vez de eleger uma nova Assembleia Constituinte. Uma delas é que o Congresso escolha um comitê de especialistas, constitucionalistas e advogados para que redija a Carta. Também se discutirá se seria necessário outro plebiscito de aprovação ao final ou se o próprio Congresso poderia ou não aprová-la.

De todo modo, mesmo que o processo constitucional siga adiante, o país continuará em um compasso de espera política, enquanto se acumulam problemas econômicos, como uma inflação em torno de 13%, e sociais, como o aumento das denúncias de violência em 30% no último ano.

Gabrie Boric surgiu no contexto dos protestos estudantis de 2011, que pediam reformas no sistema educacional. Em 2019, novas manifestações ampliaram essas reivindicações para incluir o acesso a pensões, saúde e moradia de qualidade. O atual presidente foi um dos articuladores do acordo que acalmou as ruas e pressionou o então governo do direitista Sebastián Piñera a dar início ao processo constitucional.

Em outubro de 2020, 80% dos chilenos decidiram num plebiscito aposentar a Constituição de 1981, promulgada na ditadura militar. Dois anos depois, porém, não houve consenso para aprovar a nova Carta, redigida por uma Assembleia Constituinte composta em sua maioria por legisladores independentes de esquerda. Houve paridade de gênero e representação dos povos originários.

Ao longo do dia nas urnas, ex-presidentes chilenos também votaram e se expressaram. Eduardo Frei (1994-2000), que defendia a rejeição, afirmou que "um novo texto precisa unir o Chile, ouvir ainda mais pessoas do que foram ouvidas neste processo". Já Michelle Bachelet (2006-2010 e 2014-2018), que votou em Genebra, apoiou a aprovação, afirmando que era "mais fácil aprovar e depois consertar" do que começar tudo do zero. Enquanto isso, Ricardo Lagos (2000-2006), que havia feito várias críticas ao processo e chegado a anunciar que rejeitaria a Carta, recuou dos ataques e preferiu não declarar voto. O antecessor de Boric, Sebastián Piñera, apoiou abertamente a rejeição.

Carola Torello, 48, eleitora que votou no fim da tarde em uma seção de Las Condes, era uma das que rejeitaram a proposta. "Nesta Constituição não se diz nada sobre segurança, e é o principal problema desse país. A violência só aumentou desde que começaram a chegar tantos venezuelanos. Este governo não me representa, e essa Carta é nefasta", afirmou.

Já Sergio Oruño, 35, afirmou que votou pela aprovação porque "temos de virar a página do regime militar, lutar por um país mais igualitário e inclusivo".

> **É preciso escutar a voz do povo, devemos ser autocríticos. Comprometo-me a pôr tudo de minha parte para construir em conjunto com o Congresso e a sociedade civil um novo itinerário constituinte.**
>
> **Gabriel Boric**
> presidente do Chile

Suposto amigo de agressor de Cristina diz que 'intenção era matá-la'

SÃO PAULO A juíza federal María Eugenia Capuchetti ordenou neste domingo (4) que um suposto amigo do brasileiro que tentou disparar uma arma contra a vice-presidente argentina Cristina Kirchner preste depoimento, de acordo com informações do jornal Clarín.

Identificado como Mario, o homem fez declarações ao canal de televisão Telefé e afirmou que a "intenção [do brasileiro] era matá-la, mas infelizmente ele não ensaiou antes".

A polícia identificou Fernando Andrés Sabag Montiel, um brasileiro de 35 anos com antecedentes criminais como o homem que tentou atirar contra o rosto da vice-presidente da Argentina quando ela chegava em casa, no bairro da Recoleta, em Buenos Aires, na quinta-feira (1º). Em março de 2021, Sabag já havia sido detido portando uma faca de 35 centímetros, no bairro de La Paternal, onde supostamente morava.

Também de acordo com o Clarín, a juíza Capuchetti fez uma intimação a jovem que há cerca de um mês morava com o brasileiro em Buenos Aires. Essas ações, segundo a publicação argentina, buscam esclarecer se ele agiu de f orma premeditada.

Sabag foi preso na noite de quinta, logo após tentar disparar contra Kirchner. Imagens mostram a vice-presidente sendo saudada por apoiadores ao sair do carro quando ele se aproxima a menos de 1 metro dela com uma pistola.

Segundo a imprensa argentina, o brasileiro estava com touca e máscara, e teria saído correndo depois de tentar atirar, mas foi seguido por cinco pessoas, permitindo aos agentes o identificarem.

Capuchetti, foi à sede da Polícia Federal argentina para colher o depoimento de Sabag na sexta-feira (2), mas ele se recusou a ser interrogado, ainda de acordo com a imprensa local.

A vice-presidente contou sua versão do caso pela manhã, em sua casa, que ela transformou numa espécie de quartel-general nas horas após o crime. Segundo o jornal argentino La Nación, ela relatou não ter se dado conta de que uma arma havia sido apontada perto de seu rosto, só percebendo o que acontecera ao chegar em casa.

Constituinte chilena merece respeito

Menosprezado, processo entra na história pela força da sua proposta ecológica

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

"Ingênuo", "idealista", "radical". O processo constituinte chileno, que terminou ontem com a realização do plebiscito, foi alvo de toda sorte de críticas. Entregue ao presidente Gabriel Boric no dia 5 de julho, o documento redigido por uma Assembleia de 154 cidadãos independentes aborda todos os temas estruturantes da sociedade chilena, incluindo os mais difíceis, como os direitos de reprodução, de paridade de gênero e do reconhecimento dos direitos dos povos indígenas.

Sua legitimidade histórica é inequívoca. A Constituinte cumpre a missão que se atribuiu a geração do 18-O, do nome da explosão social que aconteceu a 18 de outubro de 2019. No cerne da sua divergência com a geração anterior, a do 11 de setembro de 1973, estava o diagnóstico sobre o legado da ditadura de Augusto Pinochet. As antigas lideranças do Chile acreditavam na melhora progressiva e negociada do quadro constitucional, embasada pelo projeto político da Concertación. As novas chegaram ao poder com a promessa de refundar o Estado.

Os constituintes chilenos, no entanto, padeciam de duas limitações decisivas. Eles são os representantes de uma nova classe política inspiradora, mas que está no início da sua trajetória. Uma realidade distante da Constituinte brasileira de 1988, por exemplo, composta por políticos experientes, representantes inatacáveis da sociedade civil, e por inúmeras velhas raposas de Brasília.

A segunda limitação é socioeconômica. Embora a situação social chilena seja difícil, é muito melhor do que a sul-africana, quando Nelson Mandela chegou ao poder com a missão de encerrar o apartheid. A defesa de uma mudança constitucional não encontrou aderência entre os vencedores do capitalismo chileno, que a repudiaram como uma aventura desnecessária num momento de incerteza geopolítica.

Atentos a essas questões, os constituintes foram hábeis ao deixar de lado os moinhos de vento da velha esquerda, como o discurso contra o "modelo neoliberal" e, em vez disso, colocaram a política climática no coração do novo desenho institucional.

A ecologia não consta em apenas alguns artigos da Carta proposta. Ela a permeia e a organiza. Ela introduz noções fundamentais de justiça climática e de preservação intergeracional que ainda estão longe de existir mesmo nas democracias mais avançadas. O novo direito ambiental altera a relação de força entre a sociedade e a indústria extrativista.

O fracasso não teve a ver com os seus supostos exageros utópicos. O movimento pela aprovação da Constituição foi vítima do desgaste do processo de transformação política que o deflagrou. Ele sofreu com a associação negativa ao governo Gabriel Boric e às suas dificuldades em desenrolar o seu programa econômico e social.

Em seguida, seus defensores tiveram de apresentar um texto repleto de conceitos novos num contexto de alta inflacionária inédito para os padrões chilenos. Por fim, uma onda de fake news inundou o debate público com acusações de amadorismo e desorganização.

Retumbante, a derrota representa uma ameaça existencial para o projeto de Boric. O documento, no entanto, fica na história como a primeira tentativa concreta de preparar a América Latina para a nova era climática.

Ataques matam 10 no Canadá, diz polícia

Agentes procuram dois suspeitos, que teriam ferido ao menos outras 15 vítimas a faca na província de Saskatchewan

OTAWA (CANADÁ) | REUTERS A polícia canadense disse neste domingo (4) que está à procura de dois suspeitos que teriam matado dez pessoas e ferido ao menos outras 15 em ataques a faca na província de Saskatchewan (centro).

Os ataques foram registrados no início da manhã. Por volta das 8h do horário local a polícia emitiu um alerta para que os moradores de toda a província se mantivessem abrigados. Outros alertas de cautela também foram emitidos à tarde nas províncias vizinhas de Saskatchewan, Alberta e Manitoba.

As autoridades identificaram Damien Sanderson e Myles Sanderson como suspeitos e afirmaram que eles estariam viajando em um Nissan Rogue preto.

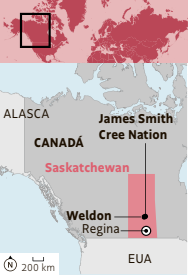
"Os ataques em Saskatchewan hoje são horríveis e de partir o coração. Estou pensando naqueles que perderam um ente querido e naqueles que ficaram feridos", disse o premiê do Canadá, Justin Trudeau.

Em entrevista coletiva na tarde de domingo em Regina, capital da província, Rhonda Blackmore, comandante da Royal Canadian Mounted Police de Saskatchewan, disse que as autoridades não sabiam se eles haviam trocado de veículo.

"Sua localização e a direção em que seguiram viagem são desconhecidas", afirmou Blackmore. "É horrível o que ocorreu em nossa província hoje", completou.

Blackmore disse também que a polícia ainda está nos estágios iniciais da investigação e que está tentando determinar a relação entre os dois suspeitos e se eles já tinham registros na polícia.

Segundo a Royal Canadian Mounted Police, os ataques aconteceram em localidades distintas em Saskatchewan, incluindo as comunidades de James Smith Cree Nation e Weldon, e 13 cenas de crime estão sendo investigadas.

A polícia do Canadá disse que algumas das vítimas pareciam ter sido alvo dos suspeitos, enquanto outras foram atacadas aleatoriamente, de acordo com informações da agência Reuters.

É possível que existam outras vítimas, que podem ter se deslocado por conta própria para hospitais.

Um porta-voz do departamento de saúde de Saskatchewan disse em comunicado que a província pediu ajuda adicional para ajudar na resposta à situação.

Um dos ataques mais recentes no país aconteceu em 2020, quando um homem vestido de policial matou 16 pessoas na província de Nova Escócia.

Ed Jones/AFP

EM ATO, TRUMP CHAMA BIDEN DE 'INIMIGO DO ESTADO'
Em seu primeiro comício desde que sua casa foi revistada pelo FBI no início de agosto, o ex-presidente dos EUA Donald Trump acusou seu sucessor, Joe Biden, de ser um "inimigo do Estado" durante um comício na Pensilvânia no sábado (3). Respondendo aos ataques de Biden de dois dias antes, Trump classificou a operação policial do mês passado de paródia judicial, alertando que ela poderia causar uma reação "que ninguém nunca viu". A busca da polícia federal encontrou dezenas de documentos confidenciais do governo. "Não pode haver exemplo mais claro das verdadeiras ameaças à liberdade do que o que aconteceu há algumas semanas, quando assistimos a um dos mais chocantes abusos de poder por parte de um governo na história dos EUA", afirmou Trump.

Diplomacia brasileira faz 200 anos e busca se reinventar

INDEPENDÊNCIA, 200

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Quando se emancipou de Portugal, o Brasil teve de conquistar o reconhecimento da comunidade internacional sobre sua soberania. É por isso que a Independência, cujo bicentenário é celebrado nesta quarta (7), também marca o nascimento da diplomacia brasileira, que chega aos 200 anos com o desafio de romper com o isolamento do país e a imagem de pária adquirida durante a gestão de Jair Bolsonaro (PL).

A independência inaugura uma diplomacia nacional propriamente dita, que começa sob a batuta de José Bonifácio (1763-1838). Considerado um dos principais conselheiros de dom Pedro 1º, ele se torna o primeiro chanceler do Brasil —embora não fosse esse o título oficial.

"No começo, o Brasil tinha algo como quatro funcionários e mais dois mensageiros a cavalo. Essa era toda a diplomacia na época de José Bonifácio", diz Rubens Ricupero, embaixador e ex-ministro do Meio Ambiente e da Fazenda.

O objetivo de Bonifácio era o Brasil ser reconhecido sem fazer nenhuma concessão à Inglaterra, principal potência da época. A atitude soberana não consegue prosperar. Em 1823, o chanceler é derrubado do cargo, preso e exilado com a dissolução da Assembleia Constituinte por dom Pedro. O próprio imperador assume as relações exteriores do Brasil —e com uma postura completamente oposta.

No afã de obter rápido reconhecimento, e também interessado em assegurar direitos ao trono de Portugal, dom Pedro 1º se dobra à Inglaterra e aceita um tratado cheio de concessões. O Brasil se compromete a assumir metade da dívida externa portuguesa, sendo que boa parte dela havia sido contraída exatamente para combater a independência brasileira. Daí vem a ideia de que o país teria comprado sua emancipação.

Curiosamente, as duas estratégias de inserção internacional que dominaram o primeiro momento do Brasil independente —a posição soberana pretendida por Bonifácio e o alinhamento a uma grande potência adotado pelo imperador— marcam os padrões que a diplomacia seguiu ao longo de seus 200 anos.

Do fim do século 19 até os anos 1930, a política externa se moldou de acordo com desdobramentos do imperialismo europeu. É nesse contexto que a atuação do Barão de Rio Branco (1845-1912) para consolidar as fronteiras nacionais ganha destaque. Considerado o patrono da diplomacia brasileira, ocupou o cargo de ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912, e adotou uma postura de aproximação com os Estados Unidos.

A proximidade com Washington promovida por Rio Branco se tornará um paradigma da política externa brasileira por um bom tempo. No governo Dutra (1946-1951), a postura foi tão marcante que ganhou o título depreciativo de alinhamento automático.

O retorno a uma estratégia de inserção internacional autônoma só ocorre com Jânio Quadros e João Goulart (1961-1964), que promovem uma política dita não subordinada aos norte-americanos. Mas a postura independente acaba com o golpe militar. O governo de Castelo Branco, o primeiro da ditadura, representa uma aposta quase total nos EUA.

Segundo Ricupero, 1964 foi a primeira vez que uma questão de política externa se torna uma causa importante de golpe de Estado no Brasil. "Todos os outros golpes tinham sido por questões internas. Dessa vez a política independente que era vista pela direita como pró-Cuba foi um elemento poderoso", afirma.

É a partir do governo Geisel (1974-1979) que ocorre um afastamento em relação aos EUA, e uma política externa mais independente volta à superfície. Até o fim da ditadura, apesar das diferentes estratégias, houve uma certa compatibilidade de valores, baseados em autonomia e participação maior no mundo, sem visão ideológica. A lógica muda com o governo Bolsonaro.

Para o historiador Rodrigo Goyena Soares, o Brasil vive o seu pior momento nas relações externas desde José Bonifácio. Além de romper com uma tradição secular do multilateralismo, a diplomacia bolsonarista, ele afirma, opta por um alinhamento motivado por razões particulares e ideológicas.

O historiador Thiago Krause concorda e diz que é possível notar ecos da postura de dom Pedro 1º em Bolsonaro, como os impulsos autoritários e a preocupação excessiva com a questão familiar.

"Poderíamos pegar momentos mais brutais da política externa, como o apoio à ditadura do Pinochet, a Operação Condor, ou o fim da Guerra do Paraguai, mas em termos de estatuto do Brasil no mundo, acho muito difícil pensar num momento em que o país seja mais pária do que agora."

Ricupero concorda. "O período de Ernesto Araújo é o pior do pior. É quando o Brasil destrói todo o patrimônio de soft power que havia acumulado", afirma.

Na visão de Krause, os principais desafios da política externa brasileira hoje incluem a construção de uma política ambiental crível para reposicionar o Brasil na discussão climática e a reconstrução dos laços com a América Latina e com o Sul Global.

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Índia deixa para trás o Reino Unido, que já causa 'alarme'

Em destaque no fim de semana da Bloomberg, "Reino Unido fica atrás da Índia e se torna sexta maior economia". Logo abaixo, "ex-colônia britânica à frente do Reino Unido".

Em mídia social, analistas como Anshul Saxena trataram de corrigir os dois enunciados, para "Índia passa Reino Unido e se torna quinta maior economia do mundo" e "Índia à frente do ex-colonizador".

A Bloomberg deu primazia ao Reino Unido na notícia, como seu texto deixa claro, porque "o declínio britânico nos rankings internacionais é um pano de fundo indesejado para o novo primeiro-ministro", que sai nesta segunda (5).

A favorita é Liz Truss, que vem sendo questionada por "aliados" via New York Times, Financial Times e outros. "Diplomatas dizem que as relações podem ficar turbulentas com os EUA e, mais ainda, a Europa", publicou o primeiro.

Em discurso em julho, Boris Johnson aconselhou a quem o suceder: "Fique perto dos americanos". Mas Truss "não mostra reverência pela 'relação especial' entre" os dois, citando outros "aliados importantes", como países bálticos.

Também se esperam turbulências com a China. Segundo o Times de Londres, Truss prometeu declarar o gigante asiático, terceiro maior parceiro comercial britânico, atrás só dos EUA e da União Europeia, uma "ameaça" ao país.

O Global Times, ligado ao PC chinês, publicou análise defendendo "pragmatismo" do novo governo nas relações bilaterais, argumentando que a "cooperação com Pequim oferece a Londres uma saída" para os seus problemas atuais.

Como destacou a CNBC, o banco central britânico avisou que o país entraria em outubro na sua mais longa recessão, desde a crise de 2008; e um banco financeiro avaliou que ele está "cada vez se parecendo mais com um mercado emergente", listando, para tanto, "instabilidade política, disrupções no comércio, crise de energia, inflação disparada".

BONDADE DE ESTRANHOS A Bloomberg publicou no fim de semana reportagens como "Até apoiadores de Truss temem que seus planos causem estragos" e "Plano de Truss para turbinar economia já alarma mercados", pela queda de arrecadação. O Bank of America avisou em nota que o país vai "depender da bondade de estranhos" para se financiar.

LIVRE DA BAGAGEM
Com extensa cobertura no país, o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, lançou a nova bandeira da Marinha, sem a 'cruz colonial' britânica; 'um passo histórico que livrará nossa nação da bagagem colonial', publicou ele em mídia social

entrevista da 2ª

Kenneth Maxwell

Imagem do Brasil no exterior não poderia ser pior, um reflexo do que acontece na Amazônia

Um dos maiores brasilianistas em atividade, historiador inglês exalta o papel de José Bonifácio na Independência

Zanone Fraissat/Folhapress

Kenneth Maxwell, 81
Nascido na Inglaterra em 1941, graduou-se em história no St John's College, em Cambridge. Nos EUA, lecionou nas universidades Yale, Princeton e Columbia, e dirigiu o Centro de Estudos Brasileiros do David Rockefeller Center for Latin American Studies, da Universidade Harvard. Autor de livros como 'A Devassa da Devassa', sobre a Conjuração Mineira, 'O Livro de Tiradentes' e 'O Império Derrotado', a respeito da revolução e da democracia em Portugal. Foi colunista da **Folha** durante vários anos.

ILUSTRADA
INDEPENDÊNCIA, 200

Naief Haddad

SÃO PAULO Quando estava na graduação em história no St John's College, em Cambridge, na Inglaterra, Kenneth Maxwell ouviu do seu tutor, Harry Hinsley: "Olhe para o sul".

Foi o que fez desde então. O britânico de 81 anos está entre os maiores brasilianistas em atividade desde a década de 1970. Observador atento do passado e do presente do país, Maxwell afirma: "A imagem do Brasil no exterior não poderia ser pior, um reflexo do que acontece na Amazônia".

A avaliação dele em relação ao cenário global passa longe do otimismo. "Bolsonaro é populista como Trump e Boris Johnson. Esse é um grande perigo para o mundo. Estou muito preocupado com o futuro porque Trump pode voltar à Presidência dos EUA."

De volta há quase dez anos à Inglaterra, seu país natal, Maxwell passou a maior parte da sua carreira nos EUA. Como especialista nas relações entre Brasil e Portugal no século 18, lançou livros que se tornaram referências, como "A Devassa da Devassa" (1977), a respeito da Inconfidência Mineira —na verdade, Conjuração Mineira, conforme ele ensina.

Na segunda (29), Maxwell apresentou uma conferência em congresso da USP dedicado ao bicentenário da Independência. Na ocasião, discorreu sobre o marquês de Pombal, poderoso ministro sob o reinado de dom José 1º na segunda metade do século 18, e a vinda da Corte para o Brasil, em 1808. Cinco dias depois, o historiador visitou a **Folha**, jornal do qual foi colunista, e falou à reportagem.

*

O senhor tem conseguido acompanhar os novos livros lançados por conta dos 200 anos da Independência? Não tenho acompanhado tudo. Li "Adeus, Senhor Portugal", interessante ao fazer uma crítica à historiografia relacionada a esse assunto. Mostra também a crise fiscal no fim do regime do Dom João 6º e depois, sob dom Pedro 1º. São dados novos que explicam como esses problemas financeiros estimularam as agitações populares em cidades como Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

Outro livro que me parece importante é "Planos para o Brasil, Projetos para o Mundo: O Novo Imperialismo Britânico e o Processo de Independência", de José Jobson Arruda. Fala dos planos da Inglaterra e de Portugal antes da vinda da Corte para o Brasil e mostra como essa transferência foi totalmente planejada.

Esses novos estudos também têm reavaliado o papel de dom Pedro 1º. O que o sr. pensa sobre a relevância histórica dele? Teve, sim, um papel importante, mas acho que as intervenções de José Bonifácio e do grupo de pessoas que tinham sido formadas em Portugal, os brasileiros de Coimbra, também foram bastante relevantes. Bonifácio queria o Brasil como uma amálgama, com negros, indígenas, com todos. Propôs o fim da escravidão, mas acabou sendo jogado fora pelo dom Pedro.

E qual sua opinião sobre Lorde Cochrane? Era o Lobo do Mar durante as Guerras Napoleônicas e depois acabou expulso das Forças Armadas britânicas. Após passagem pelo Chile, veio para o Brasil, chamado por dom Pedro 1º e Bonifácio. Era um navegador de enorme capacidade e foi graças a ele que o Norte e o Nordeste ficaram com o Brasil. Sem Cochrane, seria impossível que o Brasil tivesse saído como um país unificado. Os portugueses queriam manter o domínio sobre Recife, Belém e outras cidades e foi ele quem impediu.

Há algo que considere especialmente relevante nas suas pesquisas sobre a Inconfidência? Descobri, por exemplo, que o fim da Devassa da Conjuração Mineira [processo que resultou mais tarde na condenação à morte de Tiradentes] aconteceu antes da denúncia de Silvério dos Reis [que ficou conhecido como delator do movimento mineiro]. Isso muda totalmente a história tradicional da Inconfidência, quero dizer da Conjuração Mineira —Inconfidência foi a palavra imposta pelo grupo que estava no poder.

> "José Bonifácio queria o Brasil como amálgama, com negros, indígenas, com todos. Propôs o fim da escravidão, mas ele acabou sendo jogado fora pelo dom Pedro 1º
>
> Esses questionamentos em relação à eficácia do sistema eleitoral são idiotas, o sistema brasileiro é fantástico
>
> O principal efeito da guerra da Ucrânia na Inglaterra é a alta de preços. Vejo isso nas minhas contas de água e de luz

Eu escrevi sobre essa cronologia no meu livro, mas as pessoas ainda acham que foi daquela forma [muitos livros indicam que o Barbacena, governador da província de Minas Gerais, suspendeu a derrama e abriu a Devassa após as denúncias de Silvério dos Reis, o que é incorreto segundo as pesquisas de Maxwell].

O sr. teve longa carreira nos EUA e voltou para Inglaterra, onde está há quase dez anos. O que poderia dizer sobre a imagem do Brasil lá fora nesse momento? Não poderia ser pior, um reflexo do que acontece na Amazônia. Os ambientalistas têm bastante influência na mídia. Na década de 1990, escrevi artigos sobre as queimadas no Brasil e, já naquela altura, foram um escândalo. Além disso, Bolsonaro é populista como Donald Trump e Boris Johnson. Esse é um grande perigo para o mundo. Estou muito preocupado com o futuro porque Trump pode voltar à Presidência dos EUA.

Na Inglaterra, não temos um governo, temos um zumbi [o primeiro-ministro renunciou há quase dois meses].

Essa imagem tão negativa do Brasil no exterior se justifica? Ou há exagero? Faz sentido. Bolsonaro tem esse discurso atrasado há muitos anos.

É possível haver uma ruptura antidemocrática no Brasil nos próximos meses? Existe a tentação de Bolsonaro querer fazer como Trump [em janeiro de 2021, o então presidente dos EUA incitou seguidores a invadirem o Capitólio]. Não se pode desconsiderar isso. Esses questionamentos em relação à eficácia do sistema eleitoral são idiotas, o sistema brasileiro é fantástico. Não estou dizendo que vai acontecer [uma ruptura], mas é preciso ter atenção.

Quais os efeitos da guerra da Ucrânia na Inglaterra? O principal é a alta de preços. Vejo isso nas minhas contas de água e de luz. Com exceção dos mais velhos, os ingleses não têm experiência com inflação. E vai piorar porque o inverno está chegando em quatro meses. Agora, no verão, não precisamos usar o sistema de aquecimento, mas daqui a pouco ele será necessário. Como as famílias mais pobres farão? Vão escolher comprar comida ou pagar o sistema de aquecimento?

Projeções que destoam do consenso veem controle das contas em 2023

Brasil pode crescer até 2,5% se próximo governo não usar licença para gastar, dizem analistas

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Apesar do predominante pessimismo com o desempenho da economia brasileira em 2023, alguns analistas têm apresentado prognósticos otimistas para o primeiro ano do próximo governo.

A **Folha** ouviu alguns dos economistas que estão com projeções distantes do chamado "consenso de mercado", representado pela mediana (a estimativa que está no meio da amostra) da pesquisa Focus do Banco Central, de 0,4% na divulgação mais recente.

Eles têm em comum a expectativa de que o vencedor das eleições manterá os gastos públicos sob controle e não pedirá uma licença para gastar sem limites. Também esperam queda dos juros e da inflação e descartam a hipótese de recessão global.

Nesses cenários, o PIB (Produto Interno Bruto) pode crescer até 2,5%, com o BC cumprindo (ou quase) a meta de inflação e cortando os juros para até 9% no final de 2023.

"Acho muito difícil um cenário de PIB próximo a zero. Se o Lula for responsável fiscalmente, tenho muita convicção de que o cenário vai ser mais construtivo. Se for irresponsável, tenho certeza de que o PIB vai cair", afirma Alexandre de Ázara, economista chefe do UBS BB.

Com projeção de crescimento de 1,7% para o próximo ano, ele diz que o mesmo raciocínio vale para o caso de reeleição de Bolsonaro: o cenário mais positivo depende de uma regra fiscal crível, seja ela ou não o teto de gastos.

"A liberdade que gostariam de ter [para gastar sem limites] não será dada. Não com um resultado bom", diz Ázara, que projeta queda da inflação para 4%, abrindo espaço para os juros caírem dos atuais 13,75% para 9,25%.

Rafaela Vitória, do banco Inter, também espera juros de um dígito (9,5% ao ano), com o BC entregando uma inflação abaixo do limite da meta (4,7%). A projeção de crescimento de 0,7% é o dobro da mediana do Focus, e ela deve rever o número para cima, com base nos bons resultados vistos nos investimentos e no mercado de trabalho recentemente.

Um cenário mais positivo, afirma a economista, depende da questão fiscal, mais do que do ritmo de desaceleração da economia global.

"O ponto de atenção é o que o governo vai fazer. Pode dar uma atrapalhada, com mais risco fiscal, dólar e juros piorando o cenário. Ou a gente pode ter mais previsibilidade no fiscal, o que permite até que o investimento cresça mais."

Fernando Rocha, economista-chefe da gestora JGP, afirma que os cálculos realizados pelos modelos de projeção tradicionais apontam para uma economia fraca em 2023, com PIB próximo de zero, dado o nível de juros ainda elevado no próximo ano. Uma análise que vá além dos modelos matemáticos, no entanto, leva a resultados melhores, mesmo com sua previsão de juros de 10,25% no final de 2023.

Ele projeta crescimento de 1,5%, considerando continuidade de recuperação dos serviços, uma normalização das cadeias produtivas que ajude a indústria, e um ano sem problemas climáticos para a agropecuária. Rocha não descarta um crescimento de até 2,5% com um cenário externo sem recessão e efeitos da normalização pós-pandemia.

"Eu estou fora do consenso. O pessoal está achando que o juro alto vai ter um efeito maior. Outra possibilidade é o mercado financeiro reagir mal às políticas do próximo governo, seja ele quem for, e as condições financeiras piorarem: juro sobe, Bolsa cai, gera efeito riqueza negativo, falta de confiança nas empresas e nas pessoas e pode puxar a atividade mais para baixo", afirma.

Natalie Victal, economista-chefe da SulAmérica Investimentos, está entre os que esperam um impacto forte do aperto monetário em 2023. Na outra ponta das projeções, ela estima retração do PIB de 0,7%, apesar de estar alinhada com o consenso em relação a juros (11%) e inflação (5,2%).

A economista diz que os principais fatores que empurram o crescimento de 2022 para algo próximo de 3% — Victal sempre esteve entre os mais otimistas — não vão ajudar no ano que vem. Apenas um mercado de trabalho que continue surpreendendo pode levar a uma queda menor do PIB. "O grande motivador da maior cautela com 2023 é a política monetária muito mais restritiva, mas tem esse vetor que pode ajudar um pouco no ano que vem, que é o mercado de trabalho."

Sobre o fiscal, ela coloca na conta a continuidade dos R$ 600 no Auxílio Brasil e das desonerações de PIS/Cofins e do ICMS nos combustíveis, mas com alguma regra que limite outros gastos.

"Se a gente começar a discutir ausência de modelo fiscal, aí é outro jogo."

Variação das projeções para indicadores econômicos em 2023

Boletim Focus — Mínimo / Mediana / Máximo

	IPCA (Em %)	Selic (Em % ao ano)	PIB (Em %)	Desemprego (Em %)	Dólar (Em %)
Mínimo	3,3	9	-0,7	7,1	4
Mediana	5,3	11	0,4	9,5	5,2
Máximo	7	13,8	2,5	11,2	5,8

Projeções selecionadas

	BB UBS	JGP Asset	Banco Inter	SulAmérica Investimentos
IPCA Em %	4	5	4,7	5,2
Selic Em % ao ano	9,2	10,2	9,5	11
PIB Em %	1,7	1,5	0,7	-0,7

Fontes: Boletim Focus/Banco Central e instituições citadas (consultados até 01.set.2022)

> O ponto de atenção é o que o governo vai fazer. Pode dar uma atrapalhada, com mais risco fiscal, dólar e juros piorando o cenário. Ou a gente pode ter mais previsibilidade no fiscal, o que permite até que o investimento cresça mais
>
> **Rafaela Vitória**
> economista do Banco Inter

O ministro Luís Roberto Barroso, do STF — Eduardo Anizelli/Folhapress

STF suspende piso da enfermagem até que impacto financeiro seja esclarecido

Matheus Teixeira e Cézar Feitoza

BRASÍLIA O ministro Luís Roberto Barroso, do STF (Supremo Tribunal Federal), suspendeu neste domingo (4) o piso salarial nacional da enfermagem "até que seja esclarecido" o impacto financeiro da medida para estados e municípios e para os hospitais.

A norma fixou o salário mínimo de R$ 4.750 para os enfermeiros. Técnicos em enfermagem devem receber 70% desse valor, e auxiliares de enfermagem e parteiras, 50%. A lei foi aprovada pelo Congresso após grande pressão da categoria e sancionada em 4 de agosto.

Barroso deu 60 dias para que os entes da federação, entidades do setor e os ministérios do Trabalho e da Saúde se manifestem sobre a capacidade para que o piso seja cumprido.

A decisão foi dada em ação apresentada pela Confederação Nacional de Saúde, Hospitais e Estabelecimentos e Serviços. O ministro afirmou que a entidade apresentou "alegações plausíveis" de possíveis demissões em massa.

"Embora ainda não haja dados oficiais sobre as demissões no setor, tendo em vista que a lei sequer completou seu primeiro mês de vigência, as entidades representativas do setor são unânimes em afirmar que a dispensa de funcionários será necessária para o equacionamento dos custos", afirmou.

Além disso, ele também citou possível "prejuízo à manutenção da oferta de leitos e demais serviços hospitalares, inclusive no SUS".

Em nota, a Confederação Nacional dos Municípios comemorou a decisão. Ela alega que o piso custa R$ 9,4 bilhões para cidades, sem que o governo ou o Congresso apresentem uma fonte de custeio.

"A confederação destaca que a medida é fundamental para corrigir a situação atual, tendo em vista que, passados 31 dias desde a promulgação da medida que implementou o piso, o Congresso Nacional não resolveu, até o momento, qual será a fonte de custeio para o mesmo, apesar de [os parlamentares terem] se comprometido com isso no momento da votação", completa.

Já o presidente do CNS (Conselho Nacional de Saúde), Fernando Pigatto, considerou que a decisão foi errada. "Continuamos dialogando com as entidades de enfermagem e tudo faremos para que o piso seja efetivado o mais rapidamente possível."

O presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL), também discordou da decisão tomada por Barroso.

"Respeito as decisões judiciais, mas não concordo com o mérito em relação ao piso salarial dos enfermeiros. São profissionais que têm direito ao piso e podem contar comigo para continuarmos na luta pela manutenção do que foi decidido em Plenário", afirmou nas redes sociais.

Presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) afirmou que vai buscar "imediatamente" caminhos para a efetivação do piso salarial.

Orçamento de 2023 tem desafios que vão além do Auxílio Brasil; entenda

Desaceleração da inflação vai achatar espaço para despesas discricionárias, pressionando fatura extra em 2023, pós-eleição

Nathalia Garcia e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Sem espaço para abrigar as principais promessas eleitorais dos candidatos à Presidência da República, a proposta de Orçamento de 2023 carrega desafios fiscais e políticos que vão além da trinca Auxílio Brasil, reajuste para servidores e correção da tabela do Imposto de Renda.

Os três temas predominam no debate econômico e eleitoral diante da pobreza e da inflação elevada —que achata os salários tanto do funcionalismo como dos trabalhadores da iniciativa privada.

Só para assegurar a continuidade do aumento de R$ 400 para R$ 600 no piso do Auxílio Brasil, são necessários mais R$ 52,5 bilhões. Alguns candidatos prometem um valor ainda maior. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fala em pagar um adicional de R$ 150 a cada criança de até seis anos. Já o ex-ministro Ciro Gomes (PDT) promete um benefício mínimo de R$ 1.000.

A reserva de R$ 11,6 bilhões para ampliar salários de servidores do Executivo garante um reajuste de ao menos 4,85%, percentual distante das reivindicações das carreiras, que buscam algo entre 20% e 30% para repor perdas passadas.

A correção da tabela do IR, por sua vez, não tem impacto na despesa, mas pode drenar ao menos R$ 17 bilhões em receitas, a depender da magnitude da mudança.

No entanto, esses não são os únicos desafios a serem enfrentados pelo presidente eleito e pelo Congresso, que terá menos de três meses para reformular e votar a peça orçamentária.

O relator-geral, senador Marcelo Castro (MDB-PI), afirma que em setembro muitos parlamentares ainda estarão focados em suas campanhas, mas os debates podem avançar a partir de outubro. "Dá tempo. O que precisa é fazer as coisas de maneira razoável e transparente", diz.

Se por um lado a desaceleração da inflação até o fim do ano deve proporcionar alívio no bolso das famílias, por outro ela deve diminuir a correção do teto de gastos, regra que limita o avanço das despesas à inflação.

Embora tanto o presidente Jair Bolsonaro (PL) quanto Lula, seu principal adversário na corrida eleitoral, acenem com mudanças futuras no teto, o limite ainda está em vigor e tem sido o ponto de partida do debate sobre o espaço adicional necessário para acomodar as despesas em 2023.

No cenário atual, especialistas calculam que a desaceleração da inflação até o fim do ano pode significar um corte adicional de até R$ 15 bilhões nas despesas discricionárias do Poder Executivo, que bancam o funcionamento dos órgãos e os investimentos.

Elas já estão em patamar historicamente baixo (R$ 83,1 bilhões), e uma nova redução poderia levar a um apagão no governo.

O Orçamento foi enviado ao Congresso tendo como premissa um IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de 7,2%. Só que a expectativa de mercado já vem sendo menor —de 6,7%, segundo o boletim Focus divulgado no fim de agosto.

Com esses parâmetros, o gasto discricionário teria um achatamento de R$ 8 bilhões, segundo as contas do economista Marcos Mendes, pesquisador associado do Insper e colunista da **Folha**.

Na semana passada, a Petrobras anunciou um novo corte na gasolina, comemorado pelo governo, mas que deflagrou uma nova rodada de ajustes nas projeções de inflação – indicando uma correção ainda menor do teto de gastos.

A ASA Investments revisou sua estimativa para o IPCA no ano para 6%. Ainda que a inflação menor também atenue o crescimento dos gastos com benefícios previdenciários e assistenciais, a alteração provoca um corte líquido de R$ 15 bilhões nas discricionárias, calcula o economista Jeferson Bittencourt, ex-secretário do Tesouro Nacional.

A compressão das despesas de custeio e investimentos a níveis insustentáveis tende a ampliar a pressão por uma recomposição desses gastos na tramitação do Orçamento.

Na prática, isso deve elevar a fatura do "waiver", uma licença para gastar além do teto, tida como necessária para o próximo presidente conseguir atravessar o ano de 2023 enquanto se discute um ajuste estrutural nas regras fiscais.

Em uma primeira análise do Orçamento, Mendes estima que o aumento no teto de gastos para o ano que vem será de no mínimo R$ 87 bilhões (o equivalente a 0,9% do PIB). O cálculo foi feito considerando o corte menor nas despesas discricionárias e uma fatura extra de R$ 51 bilhões com o Auxílio Brasil.

O pesquisador do Insper também incluiu na conta R$ 3 bilhões da Lei Aldir Blanc, de repasses ao setor cultural, e R$ 6 bilhões em gastos do FNDCT (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), na expectativa de que o adiamento e a limitação dessas despesas sejam revertidos.

O economista ainda prevê um gasto adicional de R$ 10 bilhões com a aceleração nas concessões de benefícios do INSS, mediante redução da fila, e outros R$ 10 bilhões para recompor despesas obrigatórias que o governo só conseguiu atender porque recorreu a emendas parlamentares —cuja indicação depende da vontade dos congressistas e pode ser diferente da sugerida.

A conta pode ser ainda maior. No Boletim Macro da FGV (Fundação Getulio Vargas), os economistas Manoel Pires, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, e Bráulio Borges, economista sênior na LCA, estimam que a ampliação das despesas deve ultrapassar os R$ 120 bilhões (1,2% do PIB).

O tamanho da licença para gastos extras em 2023 é, para o mercado financeiro, uma das grandes incógnitas do Orçamento.

"A magnitude da despesa do Auxílio Brasil é muito grande, e apesar disso o 'waiver' não pode ser um trem da alegria para atender a todos os anseios por mais despesas, sob pena de minar a credibilidade da trajetória fiscal já no início do governo", diz Bittencourt.

O economista também alerta para o risco político de uma fatura excessivamente elevada.

Continua na pág. A23

R$ 87 bi é a estimativa de **aumento do teto de gastos** para 2023 feita por Marcos Mendes

Desse total,
R$ 51 bi correspondem ao Auxílio Brasil

R$ 3 bi à Lei Aldir Blanc

R$ 6 bi a gastos com o FNDCT

R$ 10 bi a gastos com benefícios do INSS

R$ 10 bi a despesas discricionárias

O relator-geral da proposta de Orçamento para 2023, senador Marcelo Castro (MDB-PI) Roque de Sá/Agência Senado

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Termômetro

Depois da decisão do ministro do STF Luís Roberto Barroso de suspender liminarmente o novo piso da enfermagem, neste domingo (4), representantes da categoria se reuniram para começar a discutir uma paralisação. Solange Caetano, secretária-geral do SEESP (sindicato dos enfermeiros de São Paulo) e diretora na FNE (Federação Nacional dos Enfermeiros), afirma que os profissionais vão pressionar congressistas pela aprovação de fontes de custeio para bancar o piso.

EMERGÊNCIA A CNSaúde, representante de empresas de saúde, que propôs a ADI (ação direta de inconstitucionalidade) contra o piso salarial, disse que a liminar vai permitir que o setor tenha mais tempo para pensar em uma solução que valorize os trabalhadores da enfermagem.

UTI Sancionada por Bolsonaro no mês passado, a medida não indicou fonte de custeio e gerou uma onda de reclamações de instituições de saúde, que previam um incremento acima de R$ 17 bilhões por ano nas contas dos hospitais, com perspectiva de milhares de demissões e corte de leitos.

BOLSO Na semana passada, conforme o Painel S.A. antecipou, o UnitedHealth Group, dono da Amil, enviou comunicado aos funcionários avisando que aguardaria o posicionamento do STF sobre o caso antes de começar a efetivar os pagamentos do novo valor. A previsão do setor era a de que outras empresas fariam o mesmo. Representantes da categoria vinham ameaçando denunciar ao MPT.

PALCO O Rock in Rio definiu uma meta de atender 100 mil profissionais até 2030 no seu novo programa de capacitação, chamado Rock U, para expandir a oferta de trabalhadores qualificados no mercado de eventos ao vivo. Para este ano, a expectativa é atender 30 mil profissionais pelo modelo, que é online e tem acesso gratuito, segundo a empresa.

SOM Organizado em parceria com o Sesc RJ e o Senac RJ, o Rock U também deve capacitar em São Paulo, no contexto do novo festival de música, The Town, da família do Rock in Rio, marcado para estrear em 2023 na capital paulista.

CABIDE A C&A fez parceria com a Ambev para equipar sua nova loja com manequins feitos de plástico de engradado reciclado. Metade dos manequins da nova unidade, que será inaugurada na terça (6) em São Paulo, serão sustentáveis. Segundo a rede de moda, a decoração tem vasos feitos da fibra de jeans. A unidade é parte do plano de expansão da C&A Brasil, que chega a 330 lojas físicas.

CURTIDA A percepção do público das redes sociais sobre a economia vem oscilando nos últimos meses. As mensagens de apoio ao cenário econômico, que se limitavam a 37% em junho, no momento de piora na inflação dos combustíveis, e chegou ao pico de 68% no mês seguinte, agora gira em torno de 50%, segundo monitoramento da agência de análise de dados e mídia Map.

TUÍTE Apesar da queda nas avaliações positivas, em agosto, o patamar permanece acima dos últimos oito meses. No mês passado, as menções ao assunto inflação tiveram 60% das abordagens positivas. O tema do mercado de trabalho teve quase 65% de aprovação, ainda segundo a pesquisa, realizada com base na avaliação qualitativa de publicações no Twitter e no Facebook.

TELA Para as próximas semanas, a Map aponta focos de alerta. Quando o assunto é a fome, só 1,5% das manifestações são positivas. Hoje, a economia representa pouco mais de 10% do debate das redes, segundo o monitoramento.

FRENTISTA Em patamar abaixo do restante do país, a região Sudeste fechou agosto com o litro da gasolina custando em média R$ 5,59, um recuo de quase 10% em relação a julho, segundo levantamento da empresa de gestão de frota Ticket Log. A média nacional ficou em R$ 5,75.

SACOLA Os programas de fidelização com selinhos colecionáveis, que já foram febre nos supermercados, agora serão levados para os shoppings centers. A rede Iguatemi abre nesta segunda-feira (5) um modelo semelhante por meio de seu aplicativo, em que o consumidor vai poder juntar os selos nas compras para trocar por produtos.

CARTELA A campanha foi desenvolvida com a L-Founders Of Loyalty, companhia holandesa que implantou programas anteriores no varejo de alimentos. No caso dos shoppings, o programa vai registrar as notas de compras feitas acima de R$ 100 em 12 unidades do Iguatemi. Os brindes abrangem copos, taças, pochetes, mochilas e malas.

com Paulo Ricardo Martins e Diego Felix

INDICADORES

JUROS
Ago., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,72	8,64

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência agosto

Autônomo e facultativo			
Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

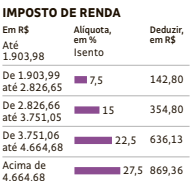
O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.set

MEI (Microempreendedor)			
Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.set. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 6.set. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Continuação da pág. A22

O governo enviou a proposta de Orçamento com um rombo de R$ 89,2 bilhões na chamada regra de ouro, que impede a emissão de dívida para bancar despesas correntes (como salários e benefícios).

Desde que o Brasil passou a ter problemas para cumprir a norma, o Congresso ganhou um poderoso instrumento de barganha, pois a única possibilidade de superar o problema é a aprovação de uma autorização especial pelo Legislativo.

Sem esse aval, o governo fica sem dinheiro para pagar aposentados e servidores, uma situação catastrófica do ponto de vista econômico e político.

"Ter um tema em que o Congresso tem um poder de barganha tão grande é uma fragilidade. E o efeito colateral de um 'waiver' muito grande é que o novo governo pode começar o ano nas mãos do Congresso", diz Bittencourt.

Otimismo com o ano que vem é criticado por especialistas

As premissas do governo sobre a conjuntura econômica usadas no projeto de Orçamento para 2023 também têm sido questionadas.

A economista Vilma Pinto, diretora da IFI (Instituição Fiscal Independente), vinculada ao Senado, destaca o otimismo do governo em relação ao vigor da economia no próximo ano, observado no descolamento entre as projeções do Ministério da Economia e do mercado financeiro para o PIB de 2023.

A pasta trabalha com um crescimento de 2,5% para o ano que vem, enquanto o consenso dos economistas da iniciativa privada prevê expansão de 0,37%. A IFI, por sua vez, projeta alta de 0,6%.

"Tenho uma certa dificuldade para entender esse cenário de crescimento de 2,5% sem levar em consideração o efeito de uma prorrogação do benefício [Auxílio Brasil], que aumenta a renda das famílias e o consumo, podendo gerar mais PIB no curto prazo", diz.

A especialista destaca que a previsão de crescimento "muito otimista" se reflete na projeção de receitas para o próximo ano e que isso, de certa forma, pode compensar a manutenção de benefícios fiscais que seriam válidos até o fim deste ano —o principal deles a desoneração de tributos sobre combustíveis, ao custo de R$ 52,9 bilhões.

"Uma maior projeção de receita pode estar compensando o conservadorismo do governo quando leva em consideração a manutenção dos benefícios fiscais para o ano seguinte", afirma Pinto. **Nathalia Garcia e Idiana Tomazelli**

Movimento na rodovia Raposo Tavares, em São Paulo; empresas de ônibus e apps disputam mercado Ronny Santos/Folhapress

Empresas de ônibus e aplicativos travam briga no Congresso para mudar regulação do setor

Julio Wiziack

BRASÍLIA Em meio à frustração das expectativas com a abertura do mercado de transporte coletivo durante o governo Jair Bolsonaro (PL), aplicativos e até empresas regulares de ônibus interestaduais se armam no Congresso para tentar mudar as regras do setor.

Representantes de novas operadoras no Brasil, como FlixBus e Buser (conhecida como a Uber dos ônibus), estão criando sua própria bancada para fazer frente a empresários tradicionais, como Jacob Barata (dono do grupo Guanabara) e Nenê Constantino (controlador de Itamaraty, Breda e outras).

Esse grupo tem o apoio de diferentes parlamentares —alguns pertencentes a famílias proprietárias de empresas de ônibus, caso de Acir Gurgacz (PDT-RO) e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Representantes das empresas contam ainda com deputados como Carlos Chiodini (MDB-SC), Hugo Mota (Republicanos-PB), Alê Silva (Republicanos-RJ) e Felipe Rigoni (UB-ES).

A disputa de forças políticas já derrubou praticamente toda a diretoria da ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) que, em 2019, começou a liberar mais de 2.000 pedidos engavetados de empresas interessadas em explorar novas linhas.

Para isso, à época, a diretoria da agência, então comandada por Davi Barreto, regulamentou um decreto de Bolsonaro que, na prática, permitiu à ANTT liberar os pedidos de autorizações pendentes desde 2016. Naquele ano, a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) também tentou abrir o mercado, mas não obteve sucesso.

Barreto, egresso do TCU (Tribunal de Contas da União), era um dos nomes de confiança do então ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas e tinha a missão de conduzir esse processo. Tarcísio hoje disputa o governo de São Paulo.

Com as autorizações concedidas, as novas empresas geraram incômodos em um mercado que, devido à elevada concentração de rotas, impõe preços elevados e obtém margens de lucro superiores a 50%.

As entrantes passaram a dominar 15% das viagens interestaduais e intermunicipais, segundo estimativas do Ministério da Economia.

Com um sistema similar ao das companhias aéreas, elas passaram a otimizar a venda dos assentos que, antes, eram vendidos para uma viagem de longo percurso e chegavam ao destino vazios porque o viajante descia em uma cidade no meio do caminho.

Por essa eficiência, os preços dos bilhetes oferecidos chegam a ser, em média, 30% mais baratos do que os cobrados por companhias tradicionais, as forçando a reduzir valores e margens de lucro.

Diante desse crescimento, considerado desenfreado pelas empresas tradicionais, a Anatrip (Associação Nacional das Empresas de Transporte Rodoviário de Passageiro) fez uma denúncia ao TCU em 2020.

Já entidade defende que a abertura do transporte interestadual não pode ser "indiscriminada". "A diretoria [da ANTT] estava abrindo os mercados sem observar requisitos de segurança", disse o advogado da associação, Gabriel Oliveira. "Não via o capital social, se as empresas teriam condições caso houvesse acidente. A ANTT não tinha tamanho de fiscalização. Como libera e diminui sua capacidade de fiscalização?", questionou.

Em decisão cautelar, o plenário do tribunal decidiu suspender as autorizações até que a ANTT comprovasse capacidade de fiscalização das rotas liberadas.

Ministros do TCU afirmam que, no entanto, o mercado está aberto. A ANTT pode conceder uma licença desde que garanta a fiscalização do serviço prestado —o que não ocorre diante do corte de mais da metade do orçamento para esse tipo de atividade.

O mérito do processo, no entanto, ainda não foi julgado e o caso está com o ministro do TCU Antonio Anastasia, ex-senador do PSD que chegou ao cargo por uma indicação do Senado contando com o apoio de Pacheco.

Barreto, que conduzia o processo de abertura do mercado, teve sua indicação à presidência da agência retirada pelo governo. Ele era um dos nomes de confiança de Tarcísio. Hoje, continua como diretor e seu mandato vence no próximo ano.

O comando do órgão está a cargo de Rafael Rodrigues, ligado a Pacheco. Segundo assessores do Planalto, Pacheco indicou os nomes na ANTT.

Procurado, o presidente do Senado respondeu que não houve veto ou indicação por parte dele em relação aos atuais diretores, "que foram escolhidos por critérios técnicos do governo federal e sabatinados pelo Senado". "Sobre o tema em si, não interfiro em questões técnicas de agências reguladoras", afirmou em nota.

A assessoria do ministro do TCU Antonio Anastasia disse que ele não iria se manifestar porque "ainda não há decisão do tribunal". Informou também que não há previsão para que o processo seja levado a julgamento.

Naquele momento, o governo abriu mão das indicações para tentar selar um acordo com o Senado, que vinha travando a maior parte dos nomes do governo para órgãos reguladores e autarquias.

A nova diretoria decidiu submeter à consulta pública novas regras para o transporte coletivo interestadual. De acordo com elas, a agência deverá atestar o fôlego de investimento das empresas interessadas em atuar nesse mercado de forma a garantir sua capacidade operacional. Alguns diretores acham que R$ 200 mil de faturamento é pouco e preferem R$ 600 mil.

O novo marco, no entanto, só entrará em vigor um ano após a aprovação da nova regulamentação setorial —o que, para as entrantes, já demonstra interferência política no processo.

Segundo a Amobitec (Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia), que representa empresas de tecnologia líderes de mercado no desenvolvimento de plataformas e aplicativos para o transporte de passageiros de longa distância, por ano, há 48,8 milhões de assentos ociosos no transporte rodoviário, refletindo um custo de oportunidade de R$ 5,4 bilhões para o setor.

A resistência à abertura desse mercado fez a ANTT desagradar a boa parte dos prefeitos que hoje buscam ao menos uma linha de ônibus que ligue sua cidade a outras.

Para eles, a conexão intermunicipal —seja pelas estradas, seja via internet (com infraestrutura de qualidade)— virou um meio de obter voto.

Essa divergência entre prefeituras e bancadas estaduais vem ajudando os novos aplicativos que, no Congresso, conquistam adesões de parlamentares mais ligados a esses municípios.

Recentemente, essa bancada conseguiu incluir no texto de uma Medida Provisória um artigo prevendo mudanças de interesse no fretamento de ônibus, outro segmento fechado dentro do transporte coletivo. O texto, no entanto, não foi votado.

A ANTT disse, por meio de sua assessoria, que o mercado de transporte rodoviário interestadual de passageiros já opera em regime de autorização desde o ano 2014 por força de uma lei. Em 2022, houve atualização da legislação com novas diretrizes e, diante disso, a agência informou que trabalha na atualização do marco regulatório.

Gastar mais do que ganha é sinal de falta de treino para fazer escolhas

Muitos acham que frustrações podem ser aliviadas abrindo a carteira, dizem especialistas

Daniele Madureira

SÃO PAULO Avôs e avós costumam ser lembrados por provérbios como "A justiça tarda, mas não falha", "pau que nasce torto, morre torto", "beleza não se põe à mesa" —sentenças com um fundo moral, dadas como orientação às novas gerações. Paula Caldeira, 46, porém, lembra-se de receber um conselho inusitado da avó, Adelina: "Compra agora, depois a gente vê como paga."

Hoje Paula passa por apertos financeiros. Microempresária, ela tinha um buffet que quebrou durante a pandemia. Com dívidas, se viu obrigada a procurar um emprego fixo e hoje trabalha como assessora em uma instituição de ensino.

Não renegociou todos os débitos, 20% do seu salário vai direto para parte das dívidas em atraso, seu nome ainda está no SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) e, por conta do seu baixo score (pontuação que indica a adimplência do pagador) no mercado, só lhe restou um único cartão de crédito, com limite baixo.

Paula não culpa a avó, mas sabe que nunca aprendeu a lidar com o dinheiro. "Não peso as consequências dos meus gastos", diz ela, que ainda tenta, com um sócio, retomar os serviços do buffet.

Ela já cogitou sofrer de "fobia financeira": expressão criada pelo psicólogo britânico Brendan Burchell, professor da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, para indicar quem tem repulsa a qualquer contato com as próprias finanças e sofre um mal-estar físico quando é obrigado a isso.

"Só de pensar nas minhas dívidas, tenho palpitação e suo frio", diz Paula.

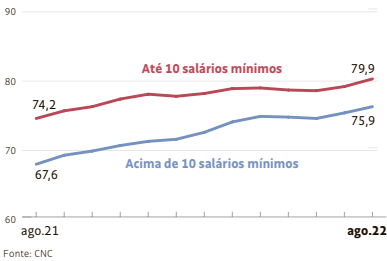
Independentemente de ter ou não a fobia, Paula engrossa o time de devedores brasileiros, que vem crescendo mês a mês.

Segundo o mais recente levantamento da CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo), antecipado para a **Folha**, em agosto deste ano, o nível de famílias endividadas bateu um novo recorde: 79%, contra 78% de julho. Em agosto de 2021, era 72,9%. No mês passado, 29,6% das famílias brasileiras estavam inadimplentes (frente a 25,6% de um ano atrás), enquanto uma fatia de 10,8% admitem que não vão pagar os débitos (eram 10,7% em agosto de 2021).

A sociedade ainda enfrenta os efeitos da pandemia que paralisou grande parte das atividades econômicas. Na retomada, muitos negócios não voltaram ao mesmo ritmo de 2019, antes da Covid. Mas economistas e especialistas em psicologia financeira acreditam que a atual crise não é o principal motivo para o endividamento da população.

A evolução dos endividados

Famílias que relatam ter dívidas a vencer

Por renda mensal, em %

Fonte: CNC

Afinal, por que gastamos mais do que ganhamos?

"O dinheiro é um papel pintado ao qual damos vida e é capaz de comprar muito mais do que bens e serviços", diz Paula Sauer, economista e mestre em administração pela PUC-SP, doutoranda em comportamento do consumidor pela ESPM.

"Ele diz aos outros qual o seu status social e lhe dá liberdade de escolha: desde o que você vai comer na hora do almoço até a decisão de deixar um casamento abusivo ou um emprego que te faz infeliz", afirma.

Nesse contexto, diz ela, é natural que as pessoas associem o dinheiro à conquista da felicidade.

"Mas nossos recursos são finitos, enquanto os nossos desejos —ou o que a publicidade e as redes sociais vendem como se fossem nossos— são infinitos", afirma.

"Ao mesmo tempo, nós não somos treinados a fazer escolhas. Mas observamos a relação que as pessoas que admiramos têm com o dinheiro. Vamos imitar o seu comportamento ou, ao contrário, evitá-lo, se presenciarmos alguma angústia envolvida."

Para Vera Rita de Mello Ferreira, doutora em psicologia social pela PUC-SP e especialista em psicologia econômica, o alto nível de endividamento da população mostra o quanto não estamos preparados para lidar com dinheiro.

"Isso gera uma tensão que, muitas vezes, leva as pessoas a fazerem escolhas equivocadas. Desde cair em golpes financeiros até comprar por impulso quando não têm dinheiro."

De acordo com a especialista, presidente do Iarep (International Association for Research in Economic Psychology), e que está à frente da consultoria Vértice Psi, em São Paulo, o dinheiro sempre está carregado de representações emocionais.

"As pessoas gastam mais do que ganham por conta do desejo: você está insatisfeito, mas se depara com um produto que te encantou. Na hora, pensa: 'É isso que vai me trazer felicidade, alívio'. E compra".

A especialista em psicologia econômica chama a atenção ainda para a "contabilidade mental" que as pessoas adotam, a fim de encaixar uma nova conta no orçamento.

"O que costuma durar mais na carteira: 10 notas de R$ 10 ou 1 nota de R$ 100? Com certeza, a nota de R$ 100", diz.

"Temos uma grande dificuldade em vincular o gasto atual com a sua consequência futura. Você gasta várias notas de R$ 10, achando que é só uma nota. Daí o endividamento com as compras parceladas", diz ela.

"É como o fumante, que diz que vai fumar 'só um cigarrinho', mas acaba com o maço."

Vera chama a atenção ainda para a fartura de oferta de crédito, que dá a sensação de que a pessoa pode tudo. "A psicologia econômica diz que o problema de crédito e endividamento são os dois lados da mesma moeda. Uma pessoa só vai se endividar se tiver crédito. Se ninguém oferecer, ela não se endivida."

Não por acaso, o levantamento da CNC apontou o aumento das dívidas em cartões e carnês de lojas.

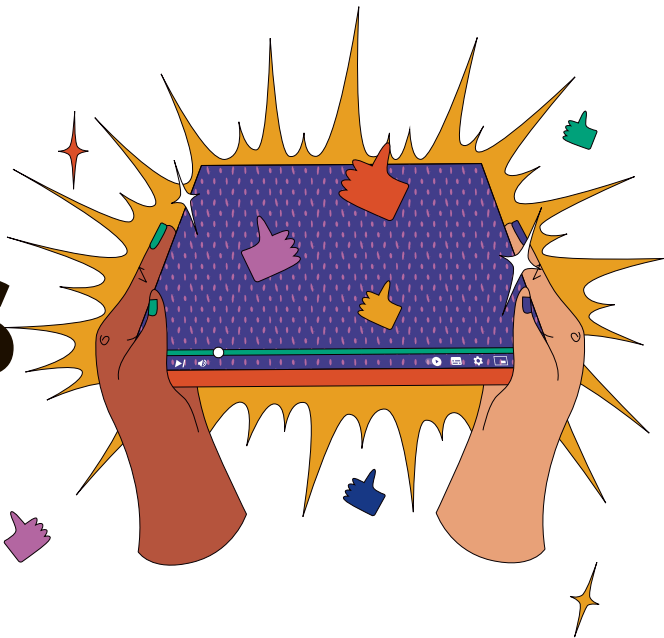
A alta se deu principalmente no grupo de maior renda: 16,8% das famílias que ganham mais de dez salários mínimos têm dívidas nesta modalidade (contra 13,8% há um ano). Já entre as que ganham até dez salários, 19,8% estão com dívidas nos carnês de lojas (frente a 19,1% de agosto de 2021).

"Com a elevação dos juros, as famílias buscam alternativas mais baratas ao cartão de crédito tradicional", diz Ízis Ferreira, economista da CNC.

"As pessoas estão se endividando por um prazo um pouco mais curto, cerca de 6,9 meses agora, contra 7,3 meses de um ano atrás", diz ela. "Por outro lado, o endividamento de longo prazo, para bens como carro e casa, vem caindo".

Na opinião do administrador Diogo Angioleti, especialista em finanças e comportamento do sistema de cooperativas de crédito Ailos, ao comprar supérfluos, a pessoa pega atalhos para lidar com as próprias frustrações.

"A gente acha que sabe mexer com dinheiro, mas não fomos educados para isso, e acabamos cada vez mais endividados e frustrados."

Continua na pág. A24

Continuação da pág. A23

A saída passa, necessariamente, pela educação financeira. "A BNCC [Base Nacional Comum Curricular] incluiu no final de 2017 educação financeira entre os temais transversais que devem constar nos currículos de todo o país. Mas é preciso fazer mais, a disciplina não está no eixo obrigatório", diz.

Para Angioleti, ao trazer o tema para o contexto pedagógico, é possível ajudar as próximas gerações a quebrarem o tabu de falar sobre dinheiro, algo que tem fortes raízes históricas e culturais.

A primeira coisa a fazer é desmistificar ainda em casa essa ideia, diz Paula Sauer.

"Quando uma criança pergunta para a mãe ou o pai por que eles têm que sair para trabalhar, a resposta não é 'para ter dinheiro para comprar comida, brinquedos, passeios'", afirma. "Se você responder isso, a criança vai associar o trabalho a algo penoso. O correto é dizer que vai trabalhar porque gosta do que faz, porque vai ajudar outras pessoas de alguma maneira, e que de quebra ainda vai conseguir um dinheiro para juntos fazerem coisas legais."

Mariana Rocha, principal executiva de marketing da fintech Mozper, concorda. "As crianças precisam entender que o trabalho é algo prazeroso, mas que não vai lhes dar todo o dinheiro do mundo", diz ela. A proposta da startup é ajudar os pais a educar crianças e adolescentes para tomar decisões financeiras responsáveis, a partir da adoção de um cartão de crédito pré-pago, administrado via aplicativo por um adulto.

"Mas não existe inclusão financeira sem educação. Não basta dar um cartão, é preciso ensinar a lidar com dinheiro."

A pedagoga Janaína Tifoski, 35, com 3 dos 5 filhos; controle de gastos é ensinado às crianças Zanone Fraissat/Folhapress

Educação financeira ajudou professora mãe de cinco filhos a superar relação abusiva

SÃO PAULO Janaína Tifoski, 35, foi obrigada a aprender educação financeira de uma das maneiras mais dolorosas para uma mulher: após deixar o que ela vê como uma relação abusiva. Ela se casou jovem, aos 19 anos, com um homem quatro anos mais velho. Desse relacionamento teve quatro filhas, as duas primeiras fruto de gestações planejadas.

Mas o marido começou a beber demais e se mostrou extremamente ciumento, abusava dela física e psicologicamente, afirma Janaína. Sem sintomas, ela diz que só soube que estava grávida da terceira filha no nono mês de gestação. Depois de ter a criança, tentou a laqueadura pelo SUS (Sistema Único de Saúde), mas encontrou barreiras.

"Eles queriam que eu tivesse passado por pelo menos duas cesarianas para liberar o procedimento, mas tinha tido dois partos normais e uma cesárea", afirma.

Em meio a um relacionamento segundo Janaína cada vez mais conturbado, ela engravidou pela quarta vez. Na época, como professora de uma escola de educação infantil, ela respondia pelos gastos das filhas com educação —as crianças recebiam bolsa de estudos, ela comprava uniforme, material escolar, alimentação.

"Mas nenhum de nós dois controlava os gastos. Não havia planejamento, sempre faltava dinheiro, a gente pegava empréstimo e se endividava cada vez mais", diz.

Até que a escola onde ela trabalhava fez um corte de pessoal e Janaína foi demitida. A filha mais nova tinha apenas 2 anos. E foi neste momento que ela decidiu que não iria depender de um marido alcoólatra e que não a respeitava, segundo Janaína.

"Eu o coloquei para fora de casa, troquei as fechaduras e pedi ajuda para os meus pais. Comecei a procurar cursos que ensinavam como lidar com dinheiro, precisava reconquistar minha autonomia, parar de gastar com supérfluos."

Hoje com 35 anos, ela se formou em pedagogia. Está casada pela segunda vez, com Alan, técnico em logística. Eles têm um filho de 3 anos. As filhas do primeiro casamento estão com 14, 13, 11 e 9 anos. Diferentemente do primeiro companheiro, Alan ajudou Janaína a controlar o orçamento e a pensar no futuro, afirma ela.

"Ele gasta menos que eu, mas compra coisas mais caras. Ele avalia muito a qualidade, sabe que algo que custa mais hoje pode render melhor. Eu não tinha essa ideia clara na cabeça. Comprava sempre o tênis mais barato, que logo estragava e eu precisava comprar de novo", diz.

Com uma renda familiar de R$ 4.000, eles investem na Bolsa e em títulos públicos de renda fixa. A família mora com os pais de Janaína, mas já tem uma poupança para dar entrada na casa própria. A educação financeira está passando de mãe para filhas.

"Tenho um aplicativo, o Mozper, que ajuda a gerenciar os gastos das meninas. Cada uma tem a sua conta e o seu cartão. Deposito uma quantia por mês e também parte da pensão delas", diz Janaína.

"Temos um combinado: tudo o que custar até R$ 100 eu pago. Acima disso, elas vão ter que juntar dinheiro para comprar", afirma. Ela acredita que, ao aprender a lidar com o dinheiro agora, as meninas vão aprender o valor das coisas e se tornarão independentes financeiramente.

"Não vão precisar passar pelo que eu passei." **DM**

Lancha leva placas solares fotovoltaicas até a casa de uma família ribeirinha no Arquipélago do Marajó, como parte do programa Mais Luz para a Amazônia Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

Energia na Amazônia

Painéis solares aposentam no século 21 lamparinas na Ilha de Marajó, no Pará

Instalações são parte do programa Mais Luz para a Amazônia, que teve prazo ampliado para 2030 e não consegue engrenar no país

Alexa Salomão e Lalo de Almeida

ILHA DE MARAJÓ (PA) É inevitável descrever a cena. Palmas, pulinhos, braços fazendo olé. Francisca de Oliveira Damião, 68, adiou a ida à cidade, escolheu a roupa, colocou brincos e passou maquiagem para receber a equipe responsável pela instalação do sistema de energia solar em sua casa. "Agora, aqui vai ser água gelada", disse ela olhando a lâmpada na cozinha e explicando que a geladeira seria sua primeira compra.

Morando há 30 anos ao lado de um estreito igarapé, na Ilha de Marajó, no Pará, Dona Chica, como todos a chamam, criou ali os 12 filhos, mesmo depois de o marido ir embora.

Até aquele dia, 25 de julho de 2022, dependia da luz de lamparina, como ela chamava a latinha com um pedaço de pano embebido em combustível, que usava para iluminar a casa à noite.

O Brasil ainda tem 1 milhão de pessoas desconectadas da rede de transmissão de energia elétrica. Para esse grupo, o governo federal lançou o Mais Luz para a Amazônia, programa que busca atender moradores de áreas isoladas nos estados da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins).

A geração precisa ser de fontes limpas —solar, eólica, hídrica ou biomassa. No entanto, é a fotovoltaica a que mais avança. O trabalho de implantação dos módulos de geração de energia cabe à distribuidora local.

Dentro do programa, a Equatorial Pará tem a meta mais ambiciosa, atender 154 mil em todo o estado. No Arquipélago do Marajó, o seu desafio é dobrado. A população local é essencialmente ribeirinha. Assim, além de superar a dispersão geográfica das pessoas em grandes áreas, um desafio comum em toda a Amazônia Legal, o trabalho demanda ainda percorrer longas distâncias fluviais.

Apesar de haver vilas e algumas cidades, o normal na região é encontrar uma casinha aqui e outra ali, na beira de rios, riachos, córregos espalhados pelo arquipélago.

Em Marajó, inicialmente, estavam previstos 9.000 sistemas, sendo que 7.000 já foram instalados. Mas novas negociações ampliaram o compromisso para a instalação de um total de 25,4 mil sistemas em Breves, Portel, Oeiras do Pará, Curralinho, Melgaço e Bagre.

Os seis municípios somam 53,6 mil km2, uma área equivalente ao estado do Rio Grande do Norte, que precisa ser percorrida de barco.

A CGB Engenharia, de Pernambuco, prestador de serviço responsável pela instalação, criou uma força-tarefa flutuante com cerca de 200 trabalhadores embarcados.

Na linha de frente, seguem uma balsa, dois barcos, com alojamentos e refeitórios, e mais 20 lanchas. Esse grupo reúne os 120 profissionais responsáveis pelas estruturas metálicas que sustentam os equipamentos fotovoltaicos ao lado de cada casa. A balsa é uma mini-indústria, com estoques e linha de montagem.

Alguns quilômetros atrás, segue uma segunda balsa, que transporta as placas, as baterias e os demais insumos eletroeletrônicos, além de outro conjunto com 12 lanchas. Essa equipe, com 95 funcionários, é responsável pela parte elétrica do sistema, inclusive instalar toda a fiação na casa do consumidor.

Estão previstos alguns sistemas maiores, em escolas, por exemplo. Porém, a maior parte do trabalho é dedicada à montagem do chamado Sigfi (Sistema Individual de Geração de Energia Elétrica com Fonte Intermitente). Esse kit conta com placa fotovoltaica, inversor e baterias para armazenar a energia que será usada à noite.

Os módulos têm capacidade de 50 kWh (kilowatts-hora), o que permite ligar, por exemplo, três lâmpadas, uma TV, uma antena parabólica, uma geladeira e um ventilador.

"Contei os dias para essa placa chegar aqui", diz Ocilene Costa Cavalcanti, 23. Ela cresceu em Belém e se mudou para o interior de Melgaço quando se casou com um morador local, Joelsio Oliveira da Cruz, 27.

Ela conta que gosta do sossego do lugar. Mostra os pés de açaí que plantou. Lembra com alegria que caçava —paca, tatu, veado— até o nascimento do filho, hoje com um ano. Mas fala que nunca se acostumou com a falta de energia.

"É muito difícil viver no escuro e sem uma geladeira", afirma. "Se caçar, mesmo salgando, a carne não dura muito. Se bater um açaí, precisa comer hoje, porque amanhã vai estar azedo."

Sua mãe, Dileia dos Passos da Costa, 42, que mora numa casa próxima, diz que a energia solar vai ser uma economia numa outra despesa básica na região, o gasto com combustível.

"Do barco não tem como fugir, porque tudo aqui é feito no barco, então você é obrigado a gastar dois litros de gasolina para ir comprar cinco litros", afirma ela. "Mas o gasto para ter um pouquinho de luz era demais. Para ver um filme, gastava dois litros de diesel. Uma vez, fiz a conta. Para ligar o gerador de uma a duas horas por noite, foram R$ 300 no mês."

Continua na pág. A27

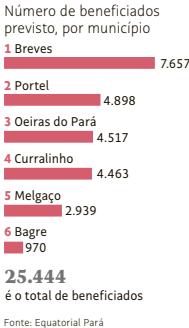
Energia solar em áreas isoladas - Arquipélago do Marajó (PA)

O projeto Mais Luz para a Amazônia, do governo federal, busca levar energia de fontes limpas para áreas isoladas nos nove estados da Amazônia Legal. No Pará, uma força tarefa fluvial trabalha para implantar 25 mil sistemas no Arquipélago do Marajó

Número de beneficiados previsto, por município

Município	Beneficiados
1 Breves	7.657
2 Portel	4.898
3 Oeiras do Pará	4.517
4 Curralinho	4.463
5 Melgaço	2.939
6 Bagre	970

25.444 é o total de beneficiados

Fonte: Equatorial Pará

Entenda a série

A **Folha** publica até a próxima semana uma série de três reportagens especiais sobre os desafios de levar energia sustentável aos moradores da Amazônia. Ao todo, o Brasil ainda tem 1 milhão de pessoas desconectadas da rede de transmissão de energia elétrica. As realidades do Xingu (MT), da Ilha de Marajó (PA) e de Boa Vista são retratadas na série. O projeto foi produzido com o apoio da Rede Energia e Comunidades.

Ocilene Costa Cavalcanti, 23, observa lâmpada recém-instalada em sua casa; meta agora é comprar uma geladeira

Continuação da pág. A26
Mãe, filha e seus maridos plantam mandioca para vender farinha e fazem outros bicos, mas a fonte de renda garantida vem do Auxílio Brasil.

Os ribeirinhos de Marajó estão entre as comunidades mais pobres do país. Os 17 municípios do arquipélago estão entre os que apresentam os piores indicadores socioeconômicos, sendo que Melgaço tem o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil. O indicador está na faixa de 0,4, o mesmo de países como a Etiópia, na África, numa escala em que 1 é o topo do ranking.

A reportagem entrou em várias casas, geralmente palafitas feitas com madeira de árvores retiradas da mata nativa. Muitas tinham apenas um cômodo, no qual móveis eram raridade. Às vezes, havia uma mesa, mas sem cadeiras. Para dormir, o mais usado é a rede.

O fogão nem sempre tem botijão e muitos cozinham no quintal, com lenha. As famílias são numerosas. É comum pessoas na faixa dos 50 anos declararem que têm dez filhos ou mais.

Miguel Dias Moreira, 63, e Benedita Ferreira Carvalho, 54, por exemplo, moram em uma casa de dois cômodos, com um adolescente e duas crianças. Vivem da venda de açaí e peixes, como filhote, dourada e piaba. Entre maio e junho, entra o camarão.

Moreira estava feliz com a possibilidade de agora ter geladeira, para guardar os pescados e poder comprar verduras, algo que não consegue hoje. Eles contam com o Auxílio Brasil, mas, ainda assim, estavam preocupados com a conta de luz que chegará com o novo sistema solar. Isso pode transformar a alegria num transtorno financeiro.

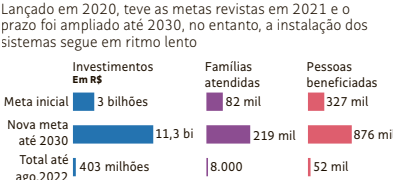
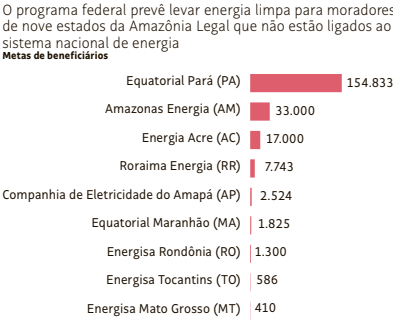
Para ter direito à tarifa social, ou seja, desconto na conta, os consumidores em geral, não apenas no Mais Luz para a Amazônia, devem estar inscritos no CadÚnico (Cadastro Único) ou no BPC (Benefício de Prestação Continuada).

A tarifa na Equatorial para o Mais Luz para a Amazônia é de R$ 44,88. Quem se enquadra na regra da tarifa social paga R$ 18,25.

O casal Lidiane de Lima Gomes, 25, e Edevaldo da Silva Costas, 38, já recebeu o sistema na sua casa, que tem apenas um cômodo, à beira do rio, a cerca de uma hora de barco da cidade de Breves. Como não estão em nenhum programa, não têm direito à tarifa social.

Eles têm cinco filhos. O mais velho está com sete anos; o caçula, com sete meses. A família planta mandioca e vende a farinha, uma renda que oscila.

Vencida a distância e feita a instalação, vem o outro desafio para a distribuidora, a manutenção dos sistemas e a entrega da conta de luz.

A cada quatro meses, uma nova equipe da CGB Engenharia retorna ao lugar onde foi feita uma instalação. No local, monitora o equipamento e entrega um conjunto de contas de luz, que devem ser pagas nos quatro meses seguintes, até a chegada do novo lote. É preciso que haja alguém em casa para recepcionar a equipe.

Maria Raimunda dos Santos Alho, 77, foi uma das primeiras a receber o sistema, em setembro de 2021. Ela lembra que viveu no escuro até os 56 anos, quando comprou um geradorzinho. Mas o equipamento a irritava. "Comprava R$ 100 de gasolina e não dava para uma semana. Aí dava defeito, e tinha de ir para conserto", lembra. "Com a energia solar finalmente veio um freezer."

Satisfeita com a mudança de vida, pagou o lote inicial de contas com gosto, ela lembra. Mas houve falha na entrega das contas seguintes.

Em julho deste ano, ela recebeu oito ao mesmo tempo, referentes aos meses de janeiro a agosto. Há espaço para negociar o pagamento, mas ela contou à reportagem que não sabia como iria ajustar os pagamentos, uma vez que haverá sobreposição com as contas de setembro a dezembro.

A gerente da área de geração da Equatorial Pará, Giorgiana Pinheiro, afirma que a empresa está monitorando diferentes questões nesta fase inicial em Marajó. A distribuidora já promoveu, por exemplo, mutirões para incluir novos consumidores no CadÚnico ou no BPC. A inadimplência ainda é alta, mas não há corte do fornecimento — e ela diz acreditar que o pagamento vai se regularizar com o tempo.

"Como distribuidora, nós levamos a energia, mas a minha percepção pessoal é que, em paralelo, seria importante haver uma integração do Mais Luz para a Amazônia com uma política social mais ampla, que pudesse ajudar essas comunidades a se organizar para obter renda a partir desse acesso à energia."

O programa Mais Luz para a Amazônia foi lançado em 2020 e teve as metas revistas em 2021 — o prazo para cumprimento foi ampliado de 2026 para 2030. A instalação dos sistemas segue em ritmo lento, segundo dados enviados à reportagem pelo Ministério de Minas e Energia.

Desde o lançamento, os investimentos foram elevados de R$ 3 bilhões para R$ 11,3 bilhões. O número de famílias que poderão ser atendidas subiu de 82 mil para 219 mil, e o total de potenciais beneficiados passou de 327 mil para 876 mil.

No entanto, apenas uma fração das metas avançou. Em agosto de 2022, os investimentos já feitos somavam R$ 403 milhões e o número de famílias atendidas, 8.000, atingindo 52 mil pessoas.

A lentidão já era esperada, afirma o engenheiro Donato da Silva Filho, sócio fundador da Volt Robotics. Donato coordenou um estudo preliminar sobre o Mais Luz para a Amazônia, encomendado pelo ICS (Instituto Clima e Sociedade) e pelo Fórum de Energias Renováveis de Roraima, com apoio financeiro da Fundação Charles Stewart Mott.

Segundo ele, a Covid atrasou a largada do programa. Também pesam as longas distâncias para levar e instalar os sistemas, a concentração de atribuições nas distribuidoras que, sozinhas, são responsáveis por todo o processo, do cadastramento à instalação, e até as imprevisíveis reações dos beneficiários.

Ele conta que é comum a multiplicação dos atendidos. Entre os ribeirinhos, por exemplo, quando uma família entra para o cadastro, não raro, um parente já constrói uma casa ao lado. A equipe de instaladores chega no lugar e se depara com uma nova família a ser cadastrada, que exigirá o retorno de outra equipe para cuidar da nova tarefa.

"A descentralização do processo ajudaria a agilizar o programa", afirma. "As próprias comunidades poderiam fazer o cadastramento e repassá-lo às distribuidoras, só para citar um exemplo."

Contudo, independentemente da velocidade, os relatos de diversas comunidades colhidos no estudo apontam que a troca do gerador a combustível pela energia solar traz imensos benefícios.

Indígenas contaram, por exemplo, que geradores enguiçam com certa frequência e, enquanto não é possível fazer o conserto, o bombeamento e o tratamento da água ficam comprometidos. A comunidade consome água contaminada e muita gente fica doente.

Entre ribeirinhos, a possibilidade de energia solar barata foi apontada como um jeito de melhorar a renda, pois é possível guardar peixes nos momentos de fartura, sem ter de vender tudo barato por não ter geladeira ou freezer para armazenar.

Um balanço sobre as vantagens econômicas da energia solar e a sua relação com os sistemas a diesel são os temas da próxima reportagem. A série Energia na Amazônia vai a Boa Vista, em Roraima, a única capital do país que não está ligada ao sistema nacional de energia elétrica e depende de combustíveis fósseis.

Metas do Mais Luz para a Amazônia

O programa federal prevê levar energia limpa para moradores de nove estados da Amazônia Legal que não estão ligados ao sistema nacional de energia

Lançado em 2020, teve as metas revistas em 2021 e o prazo foi ampliado até 2030, no entanto, a instalação dos sistemas segue em ritmo lento

Fonte: MME

Operários levam placas solares por uma trilha na zona rural do município de Portel (PA)

Funcionários descarregam placas fotovoltaicas em uma comunidade ribeirinha de Portel

Tributar dividendo pode mudar remuneração

Empresas buscarão novas formas de alocar capital se proposta, defendida por Bolsonaro, for aprovada, dizem analistas

SÃO PAULO Um tema que surge com frequência no mercado, acompanhado de perto por gestores, é em relação a uma possível tributação dos dividendos pagos pelas empresas, que hoje são isentos de IR (Imposto de Renda).

Na última semana, o presidente Jair Bolsonaro (PL), em campanha pela reeleição, e o ministro da Economia, Paulo Guedes, voltaram a propor a taxação como forma de custear um Auxílio Brasil de R$ 600 no próximo ano.

Na avaliação dos especialistas, é preciso aguardar para entender quais seriam os moldes da eventual tributação, com possíveis contrapesos para compensar a medida, como uma redução no imposto pago pelas empresas.

Rodrigo Santoro, da Bram, prevê que uma taxação dos dividendos tenderia a se refletir em uma mudança nas estratégias das empresas de remuneração aos acionistas.

Em vez de fazerem o pagamento de dividendos aos investidores, uma opção que provavelmente passaria a ser mais avaliada pelas empresas seria promover programas de recompra de ações no mercado.

Dessa forma, explica, a tendência é que o movimento de compra realizado pelas companhias gerasse um aumento da cotação das ações em Bolsa, com o retorno aos acionistas passando a se dar por meio de uma valorização induzida dos papéis, diz Santoro.

"A partir do momento que tem a tributação dos dividendos, as empresas vão buscar outras maneiras de alocar capital e retornar resultados para os seus acionistas", afirma.

Rafael Cota Maciel, da Inter Asset, acrescenta que, caso haja de fato uma medida que passe a tributar os dividendos, a tendência é que as empresas revejam os planos e interrompam, ou ao menos reduzam a distribuição de dividendos, em detrimento à busca por novas frentes de expansão dos negócios.

"As empresas vão fazer contas para entender se faz mais sentido reinvestir no negócio ou distribuir os dividendos, mesmo sendo tributados", afirma o gestor da Inter Asset, acrescentando que a mudança na política de remuneração das empresas tende a provocar alterações nas composições das carteiras dos fundos.

Segundo Marcio Luis Pereira, responsável pela área de pesquisas de ações da Icatu Vanguarda, ainda que a medida da tributação dos dividendos seja aprovada, a expectativa é que ela venha acompanhada de alguma redução na tabela do IR da pessoa jurídica (PJ), de forma a compensar a cobrança do imposto.

"Caso contrário, a tributação exclusiva dos dividendos não seria benéfica para a situação empresarial brasileira, com um desincentivo aos investimentos no mercado de capitais e nas próprias empresas por parte dos seus controladores", afirma Pereira.

Segundo o especialista da Icatu Vanguarda, considerando números que circularam no mercado quando a discussão sobre a tributação dos dividendos ganhou força, uma incidência de impostos entre 10% e 20%, com uma redução do IR em torno de 15%, poderiam até ser benéficas às empresas. "Se por um lado o dividendo passaria a ser tributado, a diminuição do imposto permitiria às empresas apresentarem lucros mais robustos, compensando o efeito negativo", diz Pereira.

Lucas Bombana

ABIMDE – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE MATERIAIS DE DEFESA E SEGURANÇA
Av. Brig. Luís Antônio, 2367 – 12º andar – Conj. 1211 – Edifício Barão de Iguape
Jardim Paulista – São Paulo/SP – CEP: 01.401-000 • Fone: (11) 3170-1860

Consultamos as possíveis empresas nacionais fabricantes do produto: Bateria OCE-152 Part Number: BRM-07A10V-A NCM - Descrição: Bateria para rádios de comunicação recarregável. Aplicação na família de rádios PRC-152, PRC-163, RF-7850S, RF-7850M e RF-7800V. Duração em missão de até 26 horas ininterruptas, com capacidade de 7Ah e 75.6Wh. Tensão nominal de 10.8V. Tensão de carga de até 12.6V. Comunicação integrada para informar ao rádio ou equipamento externo da condição de carga da bateria. Grau de impermeabilidade IP68. Indicador de estado de carga (SoC) integrado por LED com 5 segmentos, ativado por 2 segundos quando pressionado botão do indicador; a se manifestarem com a devida comprovação e em até 5 (cinco) dias úteis após a divulgação deste informe, nos termos de nossa Norma de Emissão de Declaração de Exclusividade. Caso não haja qualquer manifestação em contrário até o fim deste prazo, será expedida a Declaração de Exclusividade. São Paulo, 05 de setembro de 2022.

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DOS MUNICÍPIOS DE SANTO ANDRÉ, MAUÁ, RIBEIRÃO PIRES E RIO GRANDE DA SERRA - CNPJ 04.579.708/0001-08 - **EDITAL DE CONVOCAÇÃO** - Pelo presente edital ficam **convocados** todos os associados da **ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DOS MUNICÍPIOS DE SANTO ANDRÉ, MAUÁ, RIBEIRÃO PIRES E RIO GRANDE DA SERRA**, quites e em pleno gozo de seus direitos estatutários, para se reunirem na **Assembleia** a ser realizada no dia **10 de Setembro de 2022**, sábado, às 09:00 horas, em primeira convocação e às 09:30 horas em segunda convocação, na sede da associação, sito à Rua Gertrudes de Lima, 202, Centro, Santo André, SP, para deliberarem sobre a seguinte **ordem do dia: a)** Alerta sobre crédito consignado para os aposentados; **b)** Pagamentos de benefícios do INSS; **c)** Reajuste anual do plano coletivo do convênio Santa Helena Saúde; **d)** Passeio mensal para colônia de férias; **e)** Parcerias e convênios firmados com a associação; **f)** Aniversariantes do mês. Santo André, 05 de Setembro de 2022. **Cícero Firmino da Silva** - Presidente.

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
Presencial e Online

1º Leilão: 15/09/2022 às 10h30 | 2º Leilão: 22/09/2022 às 10h30

Credor Fiduciário: ITAÚ UNIBANCO S/A • Fiduciantes: DENISE GUEDES RIBEIRO e GUSTAVO HENRIQUE INACIO

LOTE 03 - SÃO PAULO/SP - VILA RÉ

Residência 2 do Condomínio Residencial Coqueta, com acesso na Rua Coqueta, n°124, na Vila Ré, no 3° Subdistrito Penha de França, com área privativa edificada de 86,90m², área de terreno comum de 27,92m², área total de 114,82m², área de terreno exclusivo de jardim e quintal de 3,38m², uma área exclusiva total de terreno de 34,58m², correspondendo-lhes uma fração ideal de 12,50%. **Imóvel objeto da matrícula nº 173.946 do 12° Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. Observação**: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97.

Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 539.937,45 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 322.679,33

O arrematante presente pagará no ato o preço total da arrematação e a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate, inclusive o devedor fiduciante, no caso do exercício do direito de preferência, na forma da lei. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. Edital completo no site do leiloeiro. Leiloeira Oficial: Dora Plat - Jucesp 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL E ON-LINE

1º Leilão: dia 16/09/2022 às 14h 2º Leilão: dia 29/09/2022 às 14h

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10151218709, firmado em 30/09/2020, no qual figura como Fiduciante **BRENO DE FREITAS PIGNATA**, brasileiro, divorciado, empresário, RG nº 35.017.641-3-SSP/SP, CPF/MF nº 312.410.278-97, residente e domiciliado em São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 16 de setembro de 2022, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.359.204,39 (Hum milhão, trezentos e cinquenta e nove mil, duzentos e quatro reais e trinta e nove centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído pelo **APARTAMENTO Nº 92, localizado no 9º pavimento ou 9º andar do "CONDOMÍNIO EDIFÍCIO OCA PERDIZES", situado na Rua Apiacás, nº 724, no 19º Subdistrito – Perdizes, contendo a área privativa 88,040 m², a área comum de 102,660 m², aí já concluído o direito ao uso de 02 vagas indeterminadas para guarda de 02 automóveis de passeio na garagem coletiva localizada no 1º e 2º subsolos e andar térreo do edifício, perfazendo a área total construída de 190,700 m², correspondendo-lhe a fração ideal 4,51368% no terreno do condomínio. Matrícula nº 127.470 do 2º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP**. Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 29 de setembro de 2022, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 872.022,67 (Oitocentos e setenta e dois mil, vinte e dois reais e sessenta e sete centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

CEAGESP - COMPANHIA DE ENTREPOSTOS E ARMAZÉNS GERAIS DE SÃO PAULO
CNPJ nº 62.463.005/0001-08 - NIRE nº 3530002780-9

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO
PROCEDIMENTO LICITATÓRIO Nº 14/2022

Processo: 050/2020. Objeto: Concessão Remunerada de Uso de áreas vagas no Entreposto de Bauru, conforme descrição constante no ANEXO I – TERMO DE REFERÊNCIA. Obtenção do Edital: a partir de 05/09/2022, através do site www.ceagesp.gov.br, opção "Licitações" e na SELIC - Seção de Licitações. Visita: até 19/10/2022. Sessão: em 20/10/2022 às 09h30 na Av. Dr. Gastão Vidigal, nº 1.946, Prédio da Administração (EDSED III), 2º andar, SELIC – Seção de Licitações, São Paulo – SP.

Maria Valdirene Rodrigues da Silva Carlos
Presidente da Comissão Julgadora

CLUBE INDEPENDÊNCIA
Rua Dr. Carlos Guimarães, nº177 - Catumbi – São Paulo-SP - CEP 03020-030
EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL

O **CLUBE INDEPENDÊNCIA**, inscrito no CNPJ sob nº 61.563.920/0001-02, por seu presidente abaixo assinado, convoca os senhores associados para reunião de **Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária**, a ser realizada em sua sede social, situada nesta Capital, na Rua Dr. Carlos Guimarães, nº 177, Catumbi, cidade de São Paulo - SP, no dia 29 de setembro de 2022 as 13:00 hs., em primeira convocação, e às 13:30 hs., em segunda convocação, com a presença de associados que representem, no mínimo 50% mais um dos associados com direito a voto, para discussão e deliberação acerca da seguinte **Ordem do Dia**:

a) Prestação das contas de 2020;
b) Aprovação das contas de 2020;
c) Prestação das contas de 2021;
d) Aprovação das contas de 2021;
e) Alteração e supressão de artigos do Estatuto Social e Aprovação do novo Estatuto;
f) Outros assuntos de interesse social;

Esta assembleia será registrada em ata.

São Paulo, 01 de setembro de 2022.
JAIME AUGUSTO NOGUEIRA
Presidente do Conselho de Administração

PECINI LEILÕES — PDG

EDITAL DE 1º E 2º PÚBLICOS LEILÕES EXTRAJUDICIAIS E COMUNICAÇÃO DAS DATAS DOS LEILÕES ONLINE

DATA: 1º Público Leilão 15/09/2022 às 10h30 | 2º Público Leilão 19/09/2022 às 10h30

ANGELA PECINI SILVEIRA, Leiloeira Oficial, Matrícula Jucesp nº 715, autorizada pela Credora Fiduciária **TRÊS LAGOS EMPREENDIMENTOS LTDA.** - CNPJ nº 06.316.581/0001-51, venderá em 1º ou 2º Público Leilão Extrajudicial, de acordo com os artigos. 26, 27 e parágrafos da Lei Federal nº 9.514/97, e posteriores alterações, o **IMÓVEL: LOTE Nº 23, QUADRA "M", do loteamento RESIDENCIAL TERRAS NOBRES**, Bairro da Posse, Itatiba/SP. Medindo 28,58m de frente para a Rua Marcos Antonio Trevine; 35,00m do lado direito, confrontando com o Lote nº 24; 35,00m do lado esquerdo, confrontando com o Lote nº 22; 28,58m nos fundos, confrontando com o Lote nº 02, com **ÁREA TOTAL DE 1.000,30m²**. Matrícula nº 50.239 do CRI de Itatiba/SP. Contribuinte nº 23434-43-99-02253-0-0029-00000. Consolidação da Propriedade em 16/08/2022. **VALORES: 1º PÚBLICO LEILÃO: R$ 654.120,33. 2º PÚBLICO LEILÃO: R$ 1.265.142,15. Ônus do Arrematante: i)** pagto à vista do valor do arremate e 5% da leiloeira; **ii)** custas cartoriais, impostos e taxas para lavratura/registro da escritura, certidões (inclusive da vendedora); **iii)** quitação dos débitos de IPTU/Condomínio vencidos antes e após os leilões; **iv)** observar as restrições urbanísticas e construtivas do loteamento; **v)** custas/despesas para regularização de eventual benfeitoria/construção; **vi)** custas e despesas com eventual desocupação; **vii)** consta Penhora do imóvel averbada sob nº 05 na matrícula, relativa a taxas associativas do Residencial Terras Nobres, que não impede a venda em leilão, tendo o imóvel sido consolidado em favor da Credora Fiduciária, cuja baixa ficará a cargo do arrematante, bem como todas as custas e despesas para o ato. Venda *ad corpus*. Imóvel entregue no estado em que se encontra. Fica o Fiduciante **GABRIEL RICARDO SCACCHETTI –** CPF: 412.732.328-01, comunicado das datas dos leilões, também pelo presente edital, para o exercício da preferência. **Os interessados deverão, obrigatoriamente, tomar conhecimento do Edital Completo com as regras dos leilões, disponíveis no portal da Pecini Leilões, não podendo alegar desconhecimento. Informações: www.pecinileiloes.com.br. E-mail: contato@pecinileiloes.com.br. Whatsapp: (11) 97577-0485. Fone: (19) 3295-9777. Av. Rotary nº 187, Jd. das Paineiras, Campinas/SP.**

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS PÚBLICAS

AVISO DE REPUBLICAÇÃO
EDITAL DE CONCORRÊNCIA N.º CP/001/2022-SMOP/OPE/FCC

O MUNICIPIO DE CURITIBA, através da SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS PÚBLICAS – SMOP da PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA torna público, para conhecimento dos interessados que, em virtude da necessidade da adequação do cronograma físico-financeiro da obra e por consequência a adequação do orçamento básico da licitação, está promovendo a REPUBLICAÇÃO da CONCORRÊNCIA, que tem por objeto a seleção e contratação de empresa para execução de obras de restauro e ampliação da Casa Portugal, localizada à rua Paula Gomes, nº 375, bairro São Francisco, Curitiba – Paraná. Os envelopes contendo "**proposta de preços**" e "**documentos de habilitação**" deverão ser protocolados simultaneamente no "SERVIÇO DE PROTOCOLO" da SMOP, situado na Rua Emílio de Menezes n.º 450 - Bairro São Francisco – Curitiba – Paraná, até às **09h do dia 11/10/2022.** Os envelopes contendo as "propostas de preços" serão abertos em sessão pública às **09h30 do mesmo dia 11/10/2022,** na Sala de Reuniões desta SMOP, situada no endereço acima mencionado. O NOVO Edital encontra-se disponível para "download" no site www.curitiba.pr.gov.br no ícone "Licitações" ou junto à Gerência de Licitações da SMOP, no endereço acima mencionado.

Curitiba, 5 de setembro de 2022.
Rodrigo Araujo Rodrigues
Secretário Municipal de Obras Públicas

CAIXA — MINISTÉRIO DA ECONOMIA — GOVERNO FEDERAL

AVISO DE VENDA

Edital de Leilão Público nº 3087/0222- 1° Leilão e nº 3088/0222 - 2° Leilão

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - CAIXA, por meio da CN Manutenção de Bens, torna público aos interessados que venderá, pela maior oferta, respeitado o preço mínimo de venda, constante do anexo II, deste Edital, no estado físico e de ocupação em que se encontra(m), imóvel (is) recebido (s) em garantia, nos contratos inadimplentes de Alienação Fiduciária, de propriedade da CAIXA. O Edital de Leilão Público - Condições Básicas, do qual é parte integrante o presente aviso de Venda, estará à disposição dos interessados de 23/09/2022 até 02/10/2022, no primeiro leilão, e de 07/10/2022 até 17/10/2022, no segundo leilão, em horário bancário, nas Agências da CAIXA nos estados AL, AP, BA, CE, DF, ES, GO, MG, MT, PA, PB, PE, PI, PR, RJ, RN, RS, SC, SE e SP e no escritório do leiloeiro, Sr. MARCO TULIO MONTENEGRO CAVALCANTI DIAS, no endereço Rua Francisco Marques da Fonseca, 621, Imaculada, Bayeux/PB, CEP 58.307-002, telefones (81) 99267-6122 e (83) 98787-8175. Atendimento no horário de segunda a sexta das 08:00 às 12:00hs e das 14:00 às 17:00hs (Site: www.lancecertoleiloes.com.br). O Edital estará disponível também no site: www.caixa.gov.br/imoveiscaixa).O 1° Leilão realizar-se-á no dia 03/10/2022, às 13h (horário de Brasília), e os lotes remanescentes, serão ofertados no 2° Leilão no dia 18/10/2022, às 13h (horário de Brasília), ambos exclusivamente no site do leiloeiro, no endereço: www.lancecertoleiloes.com.br).

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO - CN MANUTENÇÃO DE BENS

SINDICATO DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS DE JAÚ E REGIÃO - Edital de Convocação - Assembleia Geral Extraordinária - Campanha Salarial 2022-2023 - Pelo presente Edital, ficam **convocados** todos os trabalhadores nas **Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Jaú e região, com base territorial em, Brotas, Barra Bonita, Bocaina, Boa Esperança do Sul, Dois Córregos, Dourado, Igaraçu do Tietê, Itapuí, Mineiros do Tietê**, para se reunirem em **3 Assembleias Gerais Extraordinárias**, na forma Estatutária e da Legislação Vigente, a saber: **Primeira Assembleia**: será realizada no **próximo dia 22 do mês de setembro do ano 2022, às 18:00 horas,** em 1º convocação e, não havendo número legal, às 19:00 horas, em segunda convocação, na **subsede social da entidade,** sito na **Rua 13 de Maio, nº 1242, centro, Dois Córregos - SP; Segunda Assembleia**: será realizada no **próximo dia 23 do mês de setembro do ano 2022, às 18:00 horas**, em 1º convocação e, não havendo número legal, às 19:00horas, em segunda convocação, na **Rua Rio Branco, nº 147, centro, Barra Bonita - SP; Terceira Assembleia**: será realizada no **próximo dia 24 do mês de setembro do ano 2022, às 09:00 horas**, em 1º convocação e, não havendo número legal, às 10:00 horas, em segunda convocação, na **sede social da entidade,** sito **Rua Amaral Gurgel, nº 140, centro, Jaú - SP.** Nas referidas assembleias, os trabalhadores sócios/sindicalizados ou não, deverão deliberar sobre a seguinte **ORDEM DO DIA: A)** Leitura, discussão e aprovação da ATA da assembleia anterior. **B)** Discussão, apreciação e deliberação da Pauta para a Negociação Coletiva a ser realizada com os Sindicatos de Categoria Econômica, FIESP ou diretamente com as empresas da base territorial, para a fixação do percentual de reajuste salarial e demais reivindicações de natureza econômica, social, sindical e jurídica, bem como, das condições de trabalho, aplicáveis no âmbito da categoria profissional representada por este Sindicato ou instauração de Dissídio Coletivo referente a data base 1º de novembro. **C)** Fixação da forma de custeio, do percentual e autorização de desconto da contribuição de assistência e negociação coletiva por todos os integrantes da categoria profissional, sócios ou não sócios do Sindicato, bem como o percentual de repasse as entidades de grau superior na forma a ser aprovada e convencionada. **D)** Deliberação sobre a concessão de autorização e outorga de poderes especiais à diretoria da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de São Paulo e do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Jaú e Região, para, em conjunto ou separadamente, promoverem entendimentos, objetivando a celebração de Convenção ou Acordo Coletivo de Trabalho, junto aos Sindicatos Patronais, FIESP ou com as empresas da base territorial, instauração de Dissídio Coletivo de interesse da categoria ou Acordo Judicial. Jaú, 05 de setembro de 2022. **Luiz Antônio Gabriel -** Presidente.

---

pine.com

Banco Pine S.A.

CNPJ nº 62.144.175/0001-20 - NIRE 35300525515 - Companhia Aberta
Edital de Convocação - Assembleia Geral Extraordinária

São convocados os senhores acionistas do **BANCO PINE S.A.** a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, como segue: **Data:** 28 de setembro de 2022, às 09:00 horas. **Local:** Sede social, na Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, nº 1830 - Bloco 4 - 6º andar - Condomínio Edifício São Luiz - Vila Nova Conceição - CEP 04543-000 - São Paulo-SP. **Ordem do Dia:** 1. Deliberar sobre as Demonstrações Financeiras-BRGAAP referentes ao 1º semestre do exercício de 2022, acompanhadas do Relatório da Administração, Parecer dos Auditores e Conselho Fiscal, aprovadas pelo Conselho de Administração em reunião de 08.08.2022; 2. Deliberar sobre a proposta da administração para a redução do capital social da Companhia, mediante a absorção dos prejuízos acumulados verificados nas Demonstrações Financeiras-BRGAAP do 1º semestre do exercício de 2022, nos termos do artigo 173 da Lei 6.404/76, acompanhada do Parecer do Conselho Fiscal e aprovada pelo Conselho de Administração em reunião de 01.09.2022; 3. Deliberar sobre a proposta do Conselho de Administração, conforme reunião de 01.09.2022, relativa a alteração do artigo 5º do Estatuto Social da Companhia, para refletir a redução do capital social, caso aprovada na presente Assembleia; e 4. Reformar e consolidar o Estatuto Social para atender os itens acima. São Paulo, 05 de setembro de 2022. **Noberto Nogueira Pinheiro -** Presidente do Conselho de Administração. **Informações Gerais:** Este Edital de Convocação, as Propostas do Conselho de Administração e demais documentos e informações exigidos pela regulamentação vigente, estão à disposição dos acionistas, na sede do Banco e estão sendo disponibilizados, inclusive, no site www.ri.pine.com - Atas e Comunicados, estando também disponíveis nos sites da B3 S.A. - Brasil, Bolsa, Balcão e CVM. **Participação nas Assembleias:** Os acionistas detentores de ações preferenciais não possuem direito a voto nas matérias a serem deliberadas na Assembleia, mas poderão participar, observadas as seguintes orientações: Deverão apresentar, com no mínimo 72 (setenta e duas) horas de antecedência, além do documento de identidade e/ou atos societários pertinentes que comprovem a representação legal, conforme o caso: (i) comprovante expedido pela instituição financeira escrituradora, no máximo, 5 (cinco) dias antes da data da realização da Assembleia Geral; (ii) o instrumento de mandato com reconhecimento da firma do outorgante; e/ou (iii) relativamente aos acionistas participantes da custódia fungível de ações nominativas, o extrato contendo a respectiva participação acionária, emitido pelo órgão competente. **Boletim de Voto a Distância:** Não será disponibilizado Boletim de Voto a Distância, visto que a Assembleia Geral Extraordinária, ora convocada, não se enquadra nas hipóteses elencadas pelo Art. 26, parágrafo 1º da Resolução CVM 81/22.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS PÚBLICAS

AVISO DE LICITAÇÃO
EDITAL DE LICITAÇÃO RDC PRESENCIAL N.º 003/2022-SMOP/OPE

O MUNICÍPIO DE CURITIBA, através da SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS PÚBLICAS – SMOP da PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA torna público, para conhecimento dos interessados, que está promovendo LICITAÇÃO, que será realizada através do Regime Diferenciado de Contratação (RDC) – PRESENCIAL, do tipo MAIOR DESCONTO, modo de disputa FECHADA, pelo Regime de Contratação EMPREITADA POR PREÇO UNITÁRIO, com fundamento legal no Art. 1º, § 3º, da Lei nº 12.462 de 05 de agosto de 2011, visando à seleção e contratação de empresa para a execução de obras de Engenharia Civil, objetivando a demolição e construção da quadra poliesportiva, a serem executadas na Escola Municipal Padre João Cruciani, sito à rua José Gonçalves Júnior, nº 259 - bairro Campo Comprido – Curitiba – Paraná. O envelope contendo a PROPOSTA DE PREÇOS deverá ser protocolado no Serviço de Protocolo da SMOP até às **09h** do **dia 03 de outubro de 2022.** Os envelopes contendo as propostas de preços serão abertos em sessão pública às **09h30** do mesmo dia **03 de outubro 2022**, no Auditório da Sede da Secretaria Municipal de Obras Públicas – SMOP situada na rua Emílio de Menezes nº 450, Bairro São Francisco, Curitiba – Paraná. O Edital, seus anexos, assim como os documentos que integram o ANEXO I – PROJETO EXECUTIVO, encontram-se disponíveis para "download" no site www.curitiba.pr.gov.br no ícone "Licitações" ou junto à Gerência de Licitações da SMOP, no endereço acima mencionado.

Curitiba, 05 de setembro de 2022.
Rodrigo Araujo Rodrigues
Secretário Municipal de Obras Públicas

SICOOB UniMais

COOPERATIVA CENTRAL DE CRÉDITO DO RIO DE JANEIRO LTDA. - SICOOB CENTRAL RIO
CNPJ nº 14.568.725/0001-95 / NIRE nº 33.4.0005168-8

COOPERATIVA CENTRAL DE ECONOMIA E CRÉDITO MÚTUO - SICOOB UniMais
CNPJ nº 73.085.573/0001-39 / NIRE nº 35.4.0002393-7

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONJUNTA

O Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Central de Crédito do Rio de Janeiro Ltda. - SICOOB Central Rio e o Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Central de Economia e Crédito Mútuo - SICOOB UniMais, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelos respectivos Estatutos Sociais, convocam as suas cooperativas filiadas, que nesta data correspondem a 7 (sete) cooperativas associadas do SICOOB Central Rio e 8 (oito) cooperativas associadas do SICOOB UniMais, em pleno gozo de seus direitos sociais, para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária Conjunta, de forma presencial e para melhores acomodações, será realizada no dia 16 de setembro de 2022, no Hotel Hilton Copacabana, situado na Av. Atlântica, nº 1020 - Copacabana, Rio de Janeiro - RJ, CEP: 22010-000, obedecendo aos seguintes horários e quórum para a sua instalação, cumprindo assim o que determinam os Estatutos Sociais: às 09:00 (nove horas), em primeira convocação, com a presença de 2/3 (dois terços) das filiadas do SICOOB Central Rio e do SICOOB UniMais; às 10:00 (dez horas), em segunda convocação, com a presença de metade mais um das filiadas do SICOOB Central Rio e do SICOOB UniMais; ou às 11:00 (onze horas), em terceira e última convocação, com a presença mínima de 3 (três) filiadas do SICOOB Central Rio e 3 (três) filiadas do SICOOB UniMais, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: **1.** Apreciação e deliberação do relatório elaborado pela Comissão Mista; **2.** Deliberação da incorporação da Cooperativa Central de Economia e Crédito Mútuo - SICOOB UniMais, CNPJ nº 73.085.573/0001-39, NIRE 35.4.0002393-7 pela Cooperativa Central de Crédito do Rio de Janeiro Ltda. - SICOOB Central Rio, CNPJ nº 14.568.725/0001-95, NIRE Nº 33400051688; **3.** Desde que aprovado o item "2" acima: **a)** Alteração da Razão Social do SICOOB Central Rio; **b)** Ampla reforma estatutária do SICOOB Central Rio, em razão da incorporação, com destaque para: **b.1)** artigo 1º, caput - alteração da denominação social; **b.2)** Alteração do quantitativo dos componentes do Conselho de Administração; **b.3)** Inserção de novo cargo na Diretoria Executiva; **4.** Eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal, em vista da incorporação; **5.** Fixação do valor das cédulas de presença, honorários e/ou gratificações dos membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal e do valor global para pagamento dos honorários, gratificações e/ou benefícios dos membros da Diretoria Executiva.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 2022
Luiz Antonio Ferreira de Araujo
Presidente do Conselho de Administração do SICOOB Central Rio

São Paulo, 5 de setembro de 2022
Felipe Magalhães Bastos
Presidente do Conselho de Administração do SICOOB Central UniMais

Bons ventos na aviação

Setor, duramente atingido pela pandemia, pode voltar a decolar na Bolsa

Marcos de Vasconcellos
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor de Mercado

O setor da aviação foi levado a um pouso forçado na pandemia. E tem encontrado dificuldades para decolar. Ações como a da Gol (GOLL4) e a da Azul (AZUL4) hoje são vendidas a 21% e 26% do preço que tinham em janeiro de 2020, respectivamente. Agora, as birutas do mercado financeiro anunciam bons ventos para as empresas alçarem novos voos.

A queda na inflação medida em agosto —a maior em 31 anos—; a redução do desemprego —que chegou ao menor nível desde 2015—; e o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) levam analistas a apontar para uma volta do consumo aos níveis pré-pandemia.

Claro que não é algo da noite para o dia. A melhora do cenário não significa que você vai tomar a decisão de voar para a Guatemala na semana que vem. Mas aumenta as chances de sua família discutir um pacote de viagem para as próximas férias.

Para que vocês optem por um tour internacional em vez de ir visitar uma cidade vizinha, de carro ou ônibus, há um ponto essencial: o custo das passagens. Elas encareceram como tudo nesses últimos anos de inflação. Só de agosto de 2021 a agosto de 2022, o preço médio das passagens subiu 77%.

Um dos principais fatores para esse salto nos preços são os custos do querosene de aviação (QAV). Responsável por um terço dos custos das companhias aéreas, esse é o combustível dos aviões e helicópteros com turbinas. Não confunda com a gasolina de aviação —usada em aviões de pequeno porte, como os utilizados na agricultura e na aviação particular.

De janeiro a julho deste ano, o preço do QAV subiu 70,6%, segundo cálculo da Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear), com dados da Petrobras. No ano passado, o combustível praticamente dobrou de preço, com um aumento acumulado de 92%. E obrigaram as empresas a reduzirem suas margens de lucro, para tentar manter algum volume de vendas.

Depois dessa avalanche de aumento de preços, finalmente uma boa notícia: assim como a gasolina comum, o querosene de aviação é afetado pelos preços internacionais do petróleo. A queda no preço do barril do óleo tipo Brent —que chegou a custar US$ 123 (quase R$ 640), em junho, e agora é negociado perto de US$ 93 (R$ 482)— trouxe um alívio para as empresas do setor aéreo.

A Petrobras anunciou no último dia 26 a redução de 10,4% no preço do QAV. Esse é justamente um dos principais pontos para prever melhorias no preço das ações relacionadas ao setor no curto prazo, de acordo com análise assinada pelo BTG Pactual.

O banco, aliás, recomenda a compra de ações tanto da Gol quanto da Azul, apontando que ambas têm a possibilidade de praticamente triplicar de preço.

Ao analisar os números do último trimestre, os especialistas do J.P. Morgan afirmaram esperar uma recuperação contínua das viagens aéreas, globalmente.

Isso também influencia (e muito) papéis como da agência de viagens CVC (CVCB3) e da Embraer (EMBR3). Assim como as ações das aéreas, essas acumulam uma queda de mais de 30% desde o início do ano, enquanto o Ibovespa subiu quase 8%. Desde julho, no entanto, todas têm subido quase juntas, sinalizando uma possível reversão após tantas quedas.

Como tudo no mercado de ações, apostar na retomada do setor aéreo envolve uma série de riscos para os investidores. Uma leitura rápida dos documentos em que Azul e Gol listam seus "fatores de risco" mostram grandes preocupações com a incerteza gerada pelas eleições presidenciais no Brasil, principalmente pela falta de clareza em relação às propostas dos candidatos.

"Se [Jair Bolsonaro] for reeleito, não poderemos prever quais políticas ele manterá", diz a Azul. "Se outro candidato for eleito, não poderemos prever quais políticas poderão ser modificadas ou revertidas", complementa.

Em resumo: não é que estejamos sob céu de brigadeiro, mas a neblina que impediu a decolagem das ações relacionadas ao setor de viagens até agora parece estar se dissipando.

Disciplina fiscal e estabilidade são prioridades de estrangeiros

Diretor da gestora global abrdn diz que comportamento de Bolsonaro e Lula, se eleitos, é uma incógnita

Lucas Bombana

SÃO PAULO Ao longo dos últimos meses, o mercado brasileiro acabou sendo beneficiado por um ingresso de estrangeiros que foi motivado não tanto por méritos do país, mas por uma atratividade relativa maior em comparação aos pares, com a invasão russa à Ucrânia e a desaceleração econômica na China.

A avaliação é de Eduardo Figueiredo, diretor de investimento da gestora global abrdn, com cerca de US$ 469 bilhões (R$ 2,4 trilhões) em ativos sob gestão.

Ele afirma que a disciplina fiscal a partir de 2023, e a estabilidade institucional, estão entre os principais aspectos no radar dos estrangeiros que irão ditar os fluxos de capital direcionados à região.

"Os atores já são conhecidos, mas os personagens ainda não. O que quero dizer é que os investidores já lidaram com os dois candidatos à frente nas pesquisas. Mas a postura que eles vão adotar ainda é uma incógnita", afirma Figueiredo.

Segundo ele, os estrangeiros ainda veem os ativos brasileiros ainda como muito descontados. A esse atrativo se soma as dúvidas de muitos investidores em investir na Ásia em razão do cenário chinês.

"O Brasil é um mercado grande, líquido, em que você consegue expressar bem uma visão mais positiva a setores cíclicos, como commodities e energia. Claro que, conforme as eleições ficam mais próximas, elas se tornam mais importantes e começam a entrar no radar. Mas, frente aos níveis de valuation em que a Bolsa estava, tinha um prêmio de risco muito grande que, no final do dia, justificava esse movimento de entrada dos estrangeiros", afirma.

Veja os principais pontos da entrevista do gestor à **Folha**.

*

Eleições
Os fatores que o investidor estrangeiro vai monitorar para decidir se vai fazer uma alocação mais estrutural no Brasil são os mesmos, independente do candidato, até porque os atores já são conhecidos, mas os personagens ainda não. O que quero dizer é que os investidores já lidaram com os dois candidatos à frente nas pesquisas. Mas a postura que eles vão adotar, tanto em um cenário de reeleição, ou de volta do ex-presidente Lula, ainda é uma incógnita. À medida que essas dúvidas forem ficando mais claras nas vésperas e nas pós-eleições, então os investidores vão poder tomar uma posição um pouco mais clara.

Focos de atenção
Uma disciplina fiscal é super importante para se ter uma visão mais clara de qual a taxa de desconto justa para o país, tendo em vista a saúde das finanças públicas.

Haver respeito aos contratos com o setor privado e estabilidade no ambiente regulatório vai ditar a atratividade de alguns setores, como as estatais, as empresas de infraestrutura, de utilidades públicas, como na área de saneamento. A estabilidade institucional, do ponto de vista da confiança nas instituições, e a percepção de respeito ao compliance com relação à corrupção, são aspectos também muito importantes.

É isso que vai ditar quanto desse capital que vimos entrando nos últimos meses vai se tornar permanente, e até atrair uma alocação mais estrutural dos investidores estrangeiros. Mesmo porque, o que a gente viu de fluxo para o Brasil neste ano não foi necessariamente mérito do Brasil, foi mais um mérito relativo, pela posição que o país se colocava em termos relativos versus os pares.

Apostas da abrdn
Dado o ambiente que a gente tem de incerteza em relação ao cenário econômico, e também eleitoral e político, a gente prefere ter empresas de setores domésticos que dependem muito pouco de regulação e mesmo dos ciclos econômicos, como, por exemplo, a RaiaDrogasil. É um negócio de qualidade, com potencial de crescimento independentemente do que acontecer com a economia no médio prazo.

Também temos a Totvs, que atua no segmento de softwares para pequenas e médias empresas e tem um espaço muito grande de expansão, com aumento da participação de mercado e consolidação no setor.

Gostamos também dos bancos brasileiros, que consideramos que estão com os valuations muito descontados e são relativamente resilientes, principalmente o Bradesco. No segmento de infraestrutura, gostamos de empresas como a Rumo, que se beneficia de ciclos mais longos de investimento na economia e da demanda por commodities.

Desde o início do ano temos privilegiado empresas com capacidade de repassar preços e com maior proteção inflacionária. É o caso de empresas como a Arezzo, que atua no segmento de consumo focada na alta renda, ou da Multiplan, no setor de shoppings, que vemos com valuations atrativos e que proporciona um posicionamento mais defensivo em relação ao cenário econômico.

Bolsa brasileira está sendo beneficiado por conjuntura global, diz gestor Diego Padgurschi/Folhapress

O governo brasileiro foi hackeado?

Grupo cibercriminoso anuncia dados supostamente do país por US$ 85 mil

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Na semana passada circulou a notícia de que o notório grupo cibercriminoso chamado Everest teria invadido os sistemas do governo brasileiro, especificamente, o site Gov.br, utilizado por milhões de pessoas. Essa gangue é conhecida por aplicar o método da dupla extorsão.

Primeiro, aplica a modalidade de ataque chamada ransomware, que sequestra os dados da vítima (criptografando-os) e exige o pagamento em criptomoedas para devolver o acesso. Essa situação em geral paralisa as atividades da organização que foi atacada, especialmente se ela não tiver uma cópia de segurança bem feita.

Na segunda extorsão, o atacante passa então a exigir um novo valor, dessa vez para não divulgar os dados que obteve na internet, especialmente na chamada deep web. É um método tão lucrativo quanto desesperador para quem é atingido.

No caso do Gov.br, a informação que circula é que a plataforma foi atingida na terça-feira com o ataque de ransomware. Na sequência o grupo colocou um comunicado online vendendo um volume massivo de dados (3 terabytes) ao valor de US$ 85 mil em criptomoedas. Os criminosos alegam que nos dados capturados constam senhas de acesso e credenciais do sistema.

Chama também a atenção na mensagem dos criminosos que eles dizem que "a informação é exclusiva e de grande valor, especialmente antes das eleições vindouras". É difícil interpretar a intenção da gangue. No entanto, vale lembrar que nos Estados Unidos, um ataque e vazamento de dados da candidata Hilary Clinton em 2016 teve um impacto significativo nos debates eleitorais.

No Brasil tem sido cada vez mais comum o uso de ciberataques para finalidades políticas. Dá até para dizer que eles são a nova estratégia que sucede as fake news, funcionando para espalhar medo, incerteza e dúvida em contextos eleitorais.

Até o momento o ataque não foi confirmado pelo governo. O Serpro, que processa os dados do governo federal, afirmou "não ter indícios de crimes cibernéticos em nossas bases de dados". É bom cruzamos todos os dedos para que o Serpro esteja correto.

Afinal o Gov.br abriga uma quantidade avassaladora de dados de cidadãos do país. O portal é responsável hoje por facilitar o acesso a serviços como restituição de Imposto de Renda, carteira de trabalho, passaporte, inscrição no ProUni, certificado de vacinação de Covid-19 e assim por diante.

O site nasceu com uma intenção nobre e bem-vinda, de unificar os serviços públicos em uma plataforma só. Esse é o modelo adotado por países como a Estônia, que estão na vanguarda dos serviços públicos digitais.

A questão é que na Estônia os serviços são unificados, mas os dados são descentralizados. São guardados em compartimentos pequenos e estanques. Se um for comprometido, não compromete os demais. Esse, aliás, seria o caminho correto da digitalização dos serviços governamentais: unificar serviços, descentralizar dados.

Além disso, na Estônia existe uma identidade digital única e verdadeira, que permite ao cidadão (e não ao governo) controlar o acesso aos seus dados. É ele quem decide com quem e quando quer compartilhá-los. Enquanto aguardamos por mais esclarecimentos sobre o suposto ataque, vale lembrar que adotar medidas de cibersegurança no âmbito do governo federal continua sendo uma boa e urgente ideia.

READER

Já era *Medo de anunciar na internet*

Já é *Anúncios na internet*

Já vem *Anúncios em games (in-game advertising)*

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, **Cecilia Machado** | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Veja as estratégias de gestores fora do eixo Rio-São Paulo

Real Investor (PR), Quantitas (RS) e AF Invest (MG) somam R$ 10 bi em ativos

SÃO PAULO Distantes do que se convencionou cunhar como os grandes centros financeiros do mercado —a Faria Lima, em São Paulo, ou do Leblon, no Rio de Janeiro—, gestores de fundos de ações de outras regiões do país defendem que, devido à distância física, conseguem ter uma visão mais independente, com menor influência da percepção média dos pares, para construírem carteiras com posições que fogem do consenso.

É bem verdade que os gestores fora do eixo Rio-SP não deixam de apostar em nomes mais óbvios, comumente presentes nas carteiras dos fundos da indústria local, de modo a não desperdiçarem desempenhos destacados de setores em um bom momento conjuntural, como as exportadoras de commodities e os grandes bancos.

Mas é por meio de ações que não aparecem com tanta frequência nos portfólios da maior parte dos fundos que os gestores distantes dos grandes centros têm conseguido entregar aos investidores retornos diferenciados ao longo dos últimos anos.

Veja as recomendações.

Inspiração em Buffett guia gestora do Paraná

A Real Investor, gestora de Londrina com cerca de R$ 3 bilhões em ativos, é uma das principais do mercado brasileiro que não está sediada em uma capital do país.

Sócio e cogestor da Real Investor, Anderson Lueders diz que não vê a distância geográfica como um empecilho. Pelo contrário.

Ele lembra que o investidor americano Warren Buffett, uma das principais inspirações à filosofia de "value investing" perseguida pela Real Investor (de comprar ações sólidas a preços descontados), vive em Omaha, uma pequena cidade do Nebraska com cerca de 500 mil habitantes, e não precisou estar em Nova York para se tornar uma das maiores referências do mercado em escala global.

Para obter um retorno adicional em relação à média de mercado, é preciso identificar vantagens em determinado negócio que a maior parte dos investidores ainda não percebeu, diz o gestor da Real Investor. E, ao não estar presente nos grandes centros no dia a dia, a influência em relação à percepção média dos pares acaba sendo menor, afirma.

"Pelo fato de não convivermos de forma tão íntima com esse círculo, não sofremos a influência de forma tão forte."

Lueders aponta as fabricantes de autopeças voltadas ao setor automotivo Tupy e Mahle Metal Leve entre as posições que carrega nos fundos e que não costumam aparecer tanto entre as principais apostas do mercado.

"São duas empresas do setor automotivo que se beneficiam bastante do cenário atual de restrições logísticas e que, ao mesmo tempo, têm boa parte das receitas dolarizadas", afirma o gestor.

Ele também cita a construtora Even entre as ações na carteira, em um setor que, pelo impacto negativo da alta dos juros para os financiamentos imobiliários, tem sido pouco lembrado pelos pares neste momento, mas que Lueders avalia estar com um desconto além do razoável, frente à robustez operacional do negócio.

Desde o início da estratégia, em março de 2012, até julho de 2022, o principal fundo da gestora, o Real Investor FIA BDR Nível I, acumula a rentabilidade positiva de 302,5%, contra os ganhos de 56,8% do Ibovespa. No ano, o fundo está próximo da estabilidade, com leve alta de 0,1%, contra a queda de 1,6% do índice de mercado.

Longe da manada, mas com entrega de resultados, diz gestor da gaúcha Quantitas

Sócio diretor responsável pela gestão de renda variável da Quantitas, de Porto Alegre, com cerca de R$ 4,7 bilhões em ativos, Wagner Salaverry também vê a distância geográfica em relação aos principais centros financeiros como um fator que contribui para a construção de uma carteira descorrelacionada da média de mercado.

"A gente estuda em escolas diferentes, convive com pessoas diferentes no dia a dia, e, sem dúvida, é algo que contribui para a gente pensar um pouco diferente também", afirma Salaverry.

Ele aponta a fabricante de medicamentos Hypera, a calçadista Grendene e a empresa de soluções logísticas Hidrovias do Brasil entre as apostas que fogem do consenso.

São ações que combinam características como baixo nível de endividamento e forte geração de caixa para atravessar um período de Selic mais alta, com preços em Bolsa considerados muito achatados frente aos resultados reportados recentemente nos balanços trimestrais, afirma Salaverry.

"O fato de estarmos distantes geograficamente ajuda a nos manter afastados da manada", diz o gestor, acrescentando ser importante ter posições que divergem da média, mas, ao mesmo tempo, entregar retornos consistentes aos investidores.

"Não adianta ficar longe da manada se não conseguir dinheiro para o cliente."

Desde o início, em fevereiro de 2011, o fundo FIA Montecristo da Quantitas acumula a rentabilidade positiva de 151,3%, contra a alta de 54,2% do Ibovespa. No ano, o fundo recua 1,8%.

Proximidade contribui para apostas fora do radar, diz mineira AF Invest

Leandro Saliba, sócio e gestor da AF Invest, gestora de Belo Horizonte com cerca de R$ 3,5 bilhões em ativos, diz que o fato de manter uma grande proximidade com os clientes da casa, muitos deles residentes na região e com relacionamento de longa data com a empresa, contribui para um portfólio divergente da média de mercado.

Essa proximidade com a base de cotistas, diz Saliba, permite aos gestores fazer uma seleção de nomes que não necessariamente estão presentes na maior parte dos fundos, e que eventualmente ainda nem estão, de fato, em seu melhor momento operacional, mas que apresentam perspectivas bastante positivas à frente e negociam com as ações na Bolsa em níveis considerados excessivamente descontados.

"Somos muito próximos dos clientes e, por conta disso, temos uma carta branca para fazermos os investimentos que entendemos como os mais apropriados do momento", afirma o gestor.

O Banco ABC Brasil e a BR Partners, negócios que Saliba avalia que tendem a se beneficiar de um processo que ele entende estar apenas no início, de desenvolvimento do mercado de capitais, bem como o Grupo Pão de Açúcar e a elétrica Neoenergia, estão entre as posições que o gestor carrega na carteira do FIA (fundo de investimento em ações) Minas.

"Em vez de comprar as melhores empresas, mais bem geridas do setor, preferimos empresas que têm um desconto muito grande e que, na hora que corrigir, vão ter uma forte valorização das ações", afirma Saliba.

O fundo da gestora de Belo Horizonte sobe 230,15% desde o início, em fevereiro de 2010, contra a valorização de 55% do Ibovespa, com uma queda de 2,8% em 2022.

Lucas Bombana

+ Conheça os fundos das gestoras

Real Investor FIC FIA BDR Nível I
- Aplicação inicial mínima: R$ 5.000,00
- Taxa de administração: 2% a.a.
- Taxa de performance: 15% sobre o que exceder o Ibovespa

Quantitas Fundo de Investimento em Ações Montecristo
- Aplicação inicial mínima: R$ 1.000,00
- Taxa de administração: 2% a.a.
- Taxa de performance: 20% sobre o que exceder o Ibovespa

AF Invest Minas FIA
- Aplicação inicial mínima: R$ 1.000,00
- Taxa de administração: 2% a.a.
- Taxa de performance: 15% sobre o que exceder o Ibovespa

Usuário do OnlyFans posta foto no site Cristian Hernandez/AFP

Dono do OnlyFans ganha US$ 500 milhões com pornografia e famosos

Patricia Nilsson e Alex Barker

LONDRES | FINANCIAL TIMES O dono do OnlyFans faturou US$ 500 milhões (R$ 2,6 bilhões) nos últimos dois anos com o aumento da popularidade do site de conteúdo pago de pornografia e famosos.

Os pagamentos de dividendos a Leo Radvinsky, um pornógrafo e empresário da internet ucraniano-americano, foram divulgados pela empresa com sede no Reino Unido na quinta-feira (1º). Na data, a empresa também revelou um aumento de sete vezes do lucro.

Os pagamentos de US$ 284 milhões (R$ 1,46 bilhão) em 2021 e US$ 233 milhões (R$ 1,2 bilhão) em 2022 fazem de Radvinsky um dos proprietários mais bem pagos de uma startup de internet no Reino Unido e ressaltam o crescimento explosivo do OnlyFans durante a pandemia.

O OnlyFans permite que criadores de conteúdo, como instrutores de exercícios, músicos e estrelas eróticas, vendam vídeos, mensagens e artigos diretamente aos fãs, que pagam entre US$ 5 e US$ 50 por mês (R$ 26 e R$ 260), dos quais o site fica com uma fatia de 20%.

Em seu relatório anual, a empresa revelou que os lucros anuais antes do pagamento de impostos até novembro de 2021 saltaram de US$ 61 milhões (R$ 315 milhões) para US$ 433 milhões (R$ 2,24 bilhões), enquanto as receitas subiram de US$ 358 milhões (R$ 1,85 bilhão) para US$ 932 milhões (R$ 4,8 bilhões).

No total, os usuários do OnlyFans gastaram em 2021 quase US$ 4,8 bilhões (R$ 24,8 bilhões) na plataforma em pornografia, orientações sobre exercícios físicos e dicas de culinária.

O tímido Radvinsky fez fortuna em pornografia online e sites sexo ao vivo para adultos antes de comprar o OnlyFans em 2018. Seus fundadores, Tim Stokely, um empresário de Essex, e seu pai, Guy, ex-banqueiro na City de Londres, deixaram a empresa no final do ano passado.

O OnlyFans cresceu porque permitiu que pessoas com grande número de seguidores nas redes sociais monetizassem conteúdo sem ter que depender de anúncios patrocinados ou ofertas promocionais, um avanço para artistas de conteúdo adulto que lutavam para fazer com que os espectadores pagassem por um produto disponível de graça em muitos outros sites.

Os lucros da OnlyFans excedem em muito os do MindGeek, império de entretenimento adulto por trás de sites como Pornhub e YouPorn.

Nos últimos anos, o OnlyFans tentou criar uma marca mais familiar, alegando que um número crescente de seus criadores vende conteúdo não sexual. Mas ainda não divulgou números sobre a divisão de suas receitas.

A empresa enfrentou uma onda de críticas e zombaria no ano passado, quando proibiu inesperadamente a pornografia no site —para voltar atrás na decisão pouco depois.

O fundador Stokely disse ao Financial Times na época que a mudança foi motivada pelos bancos, que, temendo ser associados à pornografia, recusaram seus pagamentos a artistas de todo o mundo.

Amrapali Gan, sucessor de Stokely como executivo-chefe do OnlyFans, disse: "Nossa abordagem criativa para construir a plataforma de rede social mais segura do mundo impulsionou o OnlyFans a um recorde em 2021".

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Submarino com dois lugares, para uso particular, da companhia holandesa U-Boat Worx, na costa de Curaçau Mohamed Sadek - 1º.jun.2022/The New York Times

Alimento saudável ainda predomina no país, mas ultraprocessado avança

Produtos in natura têm encarecido, em meio a pandemia e fenômenos climáticos inesperados

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO O brasileiro está comendo mais ultraprocessados. Mas a boa notícia é que, pelo menos por enquanto, ainda predomina no país o costume de "comida de verdade", preparações culinárias com alimentos naturais ou minimamente processados, como leite, farinhas e arroz.

O cenário de expansão de ultraprocessados, contudo, é preocupante, segundo especialistas. Essa é a conclusão de um estudo de pesquisadores do Nupens (Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde/USP) e da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) recentemente publicada na Revista de Saúde Pública.

Para o estudo, os cientistas usaram dados das Pesquisas de Orçamentos Familiares, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que correspondem ao período de 1987 até 2018. Eles observaram os produtos que foram adquiridos pelas famílias, e não o consumo em si dos alimentos, apesar de, logicamente, as duas ações terem correlações.

Com isso, puderam agrupar os itens possivelmente consumidos a partir da classificação Nova, desenvolvida no próprio Nupens —e utilizada e reconhecida internacionalmente— e que divide os alimentos em quatro grupos: in natura ou minimamente processados; ingredientes processados (como azeite, manteiga e açúcar); alimentos processados (como conservas de legumes, queijos e pães artesanais); e alimentos e bebidas ultraprocessados.

Comer qualquer coisa excessivamente é prejudicial. Mas, em linhas gerais, é nos ultraprocessados, com seus aditivos, onde mora o maior problema. Nessa classe estão refrigerantes, bebidas lácteas, margarinas, salgadinhos de pacote, doces, sorvetes, pães embalados e uma lista sem fim de produtos.

Já há uma considerável e ainda crescente literatura científica que aponta os riscos envolvidos no consumo em maior volume de ultraprocessados, como cânceres, diabetes e outras doenças crônicas.

Na pesquisa de orçamento do IBGE feita no período 2017-2018, a mais recente existente, quase 49% das calorias disponíveis nos lares de todo o Brasil eram provenientes de alimentos in natura ou minimamente processados. Outros 32% eram derivados de ingredientes e alimentos processados. Por fim, cerca de 19% vinham de ultraprocessados.

"O Brasil tem uma cultura alimentar muito enraizada e isso favorece que a gente mantenha uma alimentação baseada em preparações culinárias", afirma Renata Levy, uma das autoras do estudo e pesquisadora do Nupens. "Há situações como a do Reino Unido e Estados Unidos onde 60% da alimentação vem de alimentos ultraprocessados", afirma.

Apesar da ainda predominante cultura brasileira de comida caseira, a situação tem mudado com o passar das décadas. Os ultraprocessados têm comido o seu espaço na vida dos brasileiros, ao mesmo tempo em que diminui o consumo de alimentos in natura/minimamente processados (conhecidos como grupo 1 da classificação Nova).

Segundo a pesquisa do Nupens, considerando só as regiões metropolitanas no país, em 30 anos, os ultraprocessados (grupo 4 da classificação Nova) saíram de 10% e saltaram para quase 24% de participação na dieta das pessoas. Considerando todo o país, os números passaram de 14,3%, em 2002-2003 (primeira pesquisa para o Brasil inteiro), para cerca de 19%, em 2017-2018

O aumento da presença do grupo 4 também é visto na zona rural brasileira, saindo de 7,4%, em 2002-2003, para 11,5%, em 2017-2018.

Nos últimos anos do levantamento, porém, a expansão dos ultraprocessados perdeu velocidade.

A pesquisa com base nos dados do IBGE mostra que no Sul, Sudeste, áreas metropolitanas, meio urbano e em famílias com maior renda, os ultraprocessados já compõem cerca de 20% do que é comprado como alimento para a casa.

Uma maior presença de ultraprocessados na vida das pessoas é uma tendência —preocupante— mundial.

"Eles trazem uma força muito grande de venda, de mercado, de marketing de multinacionais. São alimentos que têm apelo. Eles estão em todos os lugares, você consegue consumir fazendo diversas coisas ao mesmo tempo, qualquer lugar que você olha você vê. Eles têm essa praticidade que é atrativa", afirma a pesquisadora do Nupens.

O estudo observou que, conforme aumenta a renda, diminui a fatia dos alimentos in natura/minimamente processados e de ingredientes processados na despensa das casas.

Nas últimas pesquisas de orçamento, porém, houve uma estabilização na aquisição de ultraprocessados nas famílias com a maior faixa de renda. Levy diz que isso pode significar uma conscientização em relação aos riscos de uma alimentação prejudicial à saúde.

Mas, ao mesmo tempo, famílias com rendas menores permanecem em uma situação de aumento constante de consumo de ultraprocessados —apesar de, em números totais, ainda consumirem menos produtos do grupo 4, quando comparado à fatia mais abastada.

Os pesquisadores afirmam que isso se relaciona aos preços ainda mais elevados dos ultraprocessados. O problema é que a situação está mudando.

Existe uma tendência que alimentos saudáveis, ou seja, especialmente os in natura/minimamente processados, fiquem mais caros em comparação aos não saudáveis,ultraprocessados.

Pesquisadores esperavam que essa mudança ocorresse só no meio da década, mas a pandemia de Covid e fenômenos climáticos —que devem crescer com a crise climática— aceleraram o passo.

"A nossa estimativa indica que essa transição estaria acontecendo nesse exato momento", afirma Rafael Claro, pesquisador da UFMG e um dos autores do estudo.

A situação será de difícil reversão, diz Claro.

E por que ocorre essa diferença de preços entre industrializados e produtos saudáveis? A situação pode ser explicada pela margem de manobra, ou seja, grandes empresas conseguem amortecer melhor impactos econômicos.

"O Seu João, que vende pimentão, não tem o que fazer. Ele tem três insumos: sementes, fertilizante e água, além da cadeia de transporte. Quando algo der errado, ele não tem outro mecanismo que não seja transferir isso para o preço", afirma o pesquisador da UFMG.

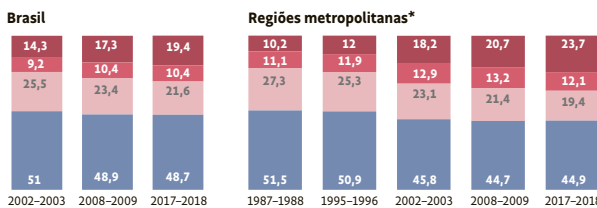
Evolução da compra de alimentos por famílias no país

Apesar de uma alimentação ainda saudável, aquisição de ultraprocessados vem aumentando

Participação relativa, por ano da pesquisa, em %

- Alimentos in natura ou minimamente processados (como arroz, leite, carne, frutas, macarrão e farinha)
- Ingredientes culinários processados (como óleo vegetal e açúcar)
- Alimentos processados (como pães e queijos)
- Alimentos ultraprocessados (como frios, margarina, pães embalados, bebidas açucaradas)

Brasil

Regiões metropolitanas*

*Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Na última pesquisa não houve a inclusão da Região Administrativa de Brasília | Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares/Nupens

Arroz, macarrão, carnes e ovos são parte dos alimentos in natura/minimamente processados, os quais devem ser a base da alimentação Marcelo Camargo/Agência Brasil

Dieta com itens muito industrializados é associada a câncer

SÃO PAULO Duas novas pesquisas vêm reforçar o papel deletério à saúde humana de dietas com elevada participação de ultraprocessados. Os novos estudos, publicados na revista científica BMJ, mostram maiores riscos de câncer colorretal e de mortes em populações com alto grau de consumo desse alimento.

Um dos estudos foi feito nos Estados Unidos, com acompanhamento por mais de 20 anos. Os pesquisadores analisaram como a qualidade da alimentação pode impactar casos de câncer colorretal, segunda maior causa de morte por câncer no mundo.

Nos EUA esse tema é especialmente importante, considerando que cerca de 57% das calorias consumidas por dia pelos adultos do país é derivada de alimentos ultraprocessados, que são ricos em aditivos. O resultado do consumo desses produtos é a alteração da microbiota, maiores riscos de ganho de peso e aumento do risco de câncer colorretal.

Os cientistas usaram grandes bases de dados de profissionais de saúde americanos. As informações começam em 1986 (em um dos repositórios, em 1991). Ao todo, foram analisados dados de 159.907 mulheres e de 46.341 homens.

Segundo os dados levantados, foram documentados 1.294 casos de câncer colorretal entre os homens e 1.922 entre mulheres.

Após ajustar os resultados para diversas variáveis, os pesquisadores concluíram que, entre os homens observados, a fatia com o maior consumo de ultraprocessados tinha um risco cerca de 29% maior de desenvolvimento de câncer colorretal, em comparação com a fatia que menos consumia esses produtos.

Os cientistas foram capazes de observar esses dados por causa de detalhados questionários bianuais que eram aplicados a profissionais de saúde.

Concluindo, dizem os pesquisadores, "o estudo observou que o elevado consumo de ultraprocessados em homens e certos grupos de ultraprocessados em homens e mulheres está associado a um aumento de risco de câncer colorretal".

O outro estudo, também publicado nesta quarta na BMJ, observou dados de 22.895 pessoas (com média de idade de 55 anos), obtidos como parte de uma pesquisa realizada na região de Molise, na Itália. Além disso, foram coletados dados de mortalidade de março de 2005 até dezembro de 2019.

Pesquisadores dizem que o alto consumo de ultraprocessados foi associado a maiores riscos de mortalidade por quaisquer causas, além de maior risco para mortes relacionadas a problemas cardiovasculares.

Segundo Monteiro e Cannon, que citam diversos estudos que mostram o risco trazido por ultraprocessados, simples reformulações e trocas de ingredientes nesses produtos não são a solução para o impacto negativo deles na saúde das pessoas.

"Ultraprocessados reformulados seriam especialmente problemáticos caso fossem propagandeados como 'produtos saudáveis'. Eles permaneceriam parcialmente, principalmente ou totalmente como formulações químicas", dizem os especialistas.

Os cientistas fazem um paralelo dos ultraprocessados com o tabaco e ressaltam que ninguém sensato pode querer comida que traga prejuízos à saúde. "Todo mundo precisa de comida, mas ninguém precisa de ultraprocessados", afirmam Monteiro e Cannon.

A solução, dizem, seriam ações de política pública, com guias alimentares, para reduzir a produção e o consumo, além da regulação da promoção desse tipo de produto.

No Brasil, em 2020, uma nota técnica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, encaminhada ao Ministério da Saúde, buscou desqualificar e reformular o Guia Alimentar para a População Brasileira.

O guia, em linhas gerais, traz orientações de que a escolha dos alimentos seja baseada na classificação Nova, que agrupa os produtos pelo grau de processamento. Segundo o guia, quanto mais processados foram os alimentos, mais eles devem ser evitados, ou seja, trata-se de um documento que orienta o consumo de alimentos saudáveis.

Uma pesquisa recente brasileira mostrou que a aquisição de ultraprocessados tem aumentado no Brasil. **P.W.**

cotidiano exército privado

Estatuto prevê prisão para prestador de serviço de segurança clandestino

Projeto, em tramitação no Senado, garante à Polícia Federal instrumentos para punir empresas

Rogério Pagnan

SÃO PAULO Multa de até R$ 90 mil para infrações cometidas por vigilantes envolvendo discriminação como de origem, sexo ou cor. Detenção de 1 a 3 anos de quem explorar serviço de segurança armada irregular. Punição para pessoa física ou jurídica que contratar empresas clandestinas.

Essas são algumas das mudanças previstas no projeto de lei que cria o Estatuto da Segurança Privada e da Segurança das Instituições Financeiras que, após tramitar por cerca de cinco anos no Senado, poderá ser posto em votação com o fim de divergências entre representantes do setor.

Esse novo marco legal é apontado por especialistas como o principal instrumento para se combater a clandestinidade na área, que avança país afora, ao dar instrumento à PF (Polícia Federal) para punir empresas clandestinas com multa e indiciamento de pessoas envolvidas em exploração irregular de serviços.

A legislação atual, publicada há quase 40 anos, não concede tais ferramentas de controle.

Conforme reportagem da **Folha**, o mercado de segurança clandestina no país tem, atualmente, um exército estimado em mais de 600 mil pessoas, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ou mais de 1 milhão, segundo estimativa de representantes das empresas (Fenavist) e dos empregados (CNTV).

Além de garantir ferramentas de controle à PF, o novo estatuto é considerado importante por regulamentar oito atividades de segurança privada. Entre elas, as guardas de muralhas em estabelecimentos prisionais e, ainda, empresas especializadas em monitoramento eletrônico.

A nova lei abre, ainda, a possibilidade de os vigilantes usarem armas mais modernas, como pistolas e fuzis.

O acordo entre todos os principais representantes do setor foi selado, segundo o presidente da ABTV (Associação Brasileira de Transporte de Valores), Ruben Schechter, com uma carta enviada ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), no final de junho deste ano. Nela, há um pedido conjunto para a "aprovação imediata de um regime de urgência para votação deste parecer em plenário".

Em seu corpo, a carta menciona uma nota técnica, aprovada pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) em março deste ano, fruto de um grupo de estudo, na qual cobra uma maior celeridade do Congresso na aprovação dessa lei, por ser de interesse também da PF.

O presidente da ABTV diz que tem expectativa de uma possível votação ainda neste ano. "Chegamos a um acordo formalizado entre as partes. Que passadas as eleições, que é um período mais delicado no Congresso, a gente converse com o presidente Rodrigo Pacheco para ver se ele consegue, eventualmente, avocar esse processo, por meio de um acordo de lideranças, para ser votado em plenário."

Uma divergência entre as empresas de transporte de valores e os bancos era apontada, por especialistas ouvidos pela **Folha**, como o único entrave para que esse projeto não fosse posto em votação. Ele foi aprovado pela Câmara no final de 2016 e, deste então, tramita no Senado.

O impasse, segundo a ABTV, era porque as empresas de transporte não queriam que os bancos fossem controladores de empresas de segurança, principalmente de transporte de valores, porque essa participação seria prejudicial a uma saudável concorrência.

Os bancos teriam, ainda segundo ele, aceitado esse pedido e, assim, colocou-se fim à celeuma. "As instituições entenderam que não tinha sentido continuar dessa forma", diz Schechter.

A Febraban afirma que o projeto de lei, em sua versão atual, expressa o entendimento de todos os segmentos afetados diretamente pela nova proposta de lei. "Ao mudar o marco legal da segurança privada, o texto terá impacto na segurança da estrutura física das agências bancárias, na logística de guarda e transporte do numerário e na integridade dos clientes", diz nota.

Sobre o acordo feito com os representantes das empresas de transporte de valores, a Febraban diz que "apesar de ter reservas em relação a alguns pontos, a exemplo da restrição aos acionistas das empresas de transporte de valores", o texto "traz mais avanços do que inconvenientes, sobretudo na modernização da segurança física das agências e na adoção de novas tecnologias".

Para o professor Cleber Lopes, coordenador do LEGS (Laboratório de Estudos sobre Governança da Segurança), da Universidade Estadual de Londrina, o atual texto do projeto de lei da segurança privada traz mudanças importantes nessa área, mas deixa de lado um tema relevante.

"Lamento que essa versão final não traga nenhum mecanismo para aumentar a punição quando o prestador de serviço irregular é policial. Isso foi retirado das versões iniciais. Como uma punição maior, a empresa pensaria melhor sobre isso. Seria um avanço", afirma o pesquisador.

Para o vice-presidente jurídico da Fenavist (Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores), Jacymar Daffini Dalcamini, o impasse entre esses dois setores, único entrave para a votação do projeto, causava desconforto por tratar-se de uma questão importante para ambos os lados.

O advogado diz estar otimista com a possibilidade de votação, mas não tanto quanto Schechter. "Eu tenho uma expectativa muito grande de que possamos votá-lo ainda no primeiro semestre de 2023."

O presidente da CNTV (Confederação Nacional dos Vigilantes e Prestadores de Serviço), José Boaventura Santos, diz que a aprovação da lei é importante para reduzir clandestinidade, na qual há uma exploração muito grande dos trabalhadores.

"Esse é um projeto que nós, as empresas, a Polícia Federal, todo mundo defende a aprovação. Nós estamos dependendo da aprovação desse projeto, que é consensual. A única coisa que não é consensual é a questão do transporte de valores", afirma ele.

Por meio de sua assessoria, o presidente do Senado não antecipa se atenderá o pedido feito do setor de segurança privada. Afirma que vai definir a pauta apenas depois das eleições.

"Vamos identificar as prioridades das bancadas, em reunião de líderes que deve ocorrer logo após a realização das eleições, para definirmos a pauta com os projetos que serão apreciados", diz nota.

ESTATUTO DA SEGURANÇA PRIVADA E DA SEGURANÇA DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

O que é?
Projeto de lei que, se aprovado, vai alterar o marco legal da segurança privada no país.

De quando é legislação atual?
A principal legislação que regulamenta o setor é a 7.102, de 1983. É tida como frágil porque, entre outros motivos, não prevê mecanismos efetivos para a PF controlar as empresas clandestinas.

Há muitas empresas clandestinas?
Estima-se que mais de 600 mil pessoas trabalhem irregularmente como segurança no país. O número de empresas clandestinas gira em torno de 5.000, segundo sindicatos.

Quais as principais mudanças previstas?
Torna crime, passível de detenção de 1 a 3 anos (e multa), proprietário ou sócio de empresa que, sem autorização de funcionamento, "organizar, prestar ou oferecer serviços de segurança privada, com a utilização de armas de fogo".

Empresas que "oferecerem ou contratarem" serviço de segurança privada clandestina, sem arma, poderão ser multadas. Hoje, a PF não tem instrumento para multar empresas irregulares.

Fonte: especialistas, representantes do setor e texto do projeto de substitutivo da Câmara nº 6, de 2016, ao projeto de lei do Senado nº 135, de 2010.

PRESTES A REABRIR, MUSEU DO IPIRANGA FAZ ENSAIO COM SHOW DE DRONES
200 equipamentos serão utilizados em apresentação, em alusão ao bicentenário da Independência, na próxima quarta-feira (7) Rubens Crispim Júnior/Divulgação

Pai é baleado e morre em frente ao filho de 13 anos

SÃO PAULO Um homem de 54 anos morreu após ser baleado em frente ao filho de 13 anos. O ataque ocorreu por volta das 22h da última sexta (2) na praça Beethoven, no Alto de Pinheiros, em São Paulo. Os criminosos envolvidos fugiram e, até sábado (3), não haviam sido localizados.

Segundo o boletim de ocorrência registrado no 14º DP, de Pinheiros, a dupla aproximou-se do carro em que pai e filho estavam e anunciou o assalto.

O pai teria levantado as mãos e dito que entregaria tudo, mas foi baleado na cabeça —ele morreu no local. Logo depois, os criminosos fugiram. O garoto não foi ferido.

O celular da vítima foi encontrado no carro. Em nota, a Secretaria de Segurança Pública disse que o local passou por perícia e que "diligências seguem em andamento para identificar e prender os autores".

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Apaixonado pela democracia, deixa legado na FGV

ANTÔNIO IGNÁCIO ANGARITA F. DA SILVA (1926-2022)

Bruno Lucca

SÃO PAULO O jurista Antônio Ignácio Angarita Ferreira da Silva sempre foi um guia, tanto para sua família quanto para seus alunos da FGV (Fundação Getulio Vargas), onde foi fundador de duas escolas: a de Administração de Empresas de São Paulo, em 1954, e a de Direito de São Paulo, em 2002.

"Meu pai tinha alma de professor. O que também levava para casa. Foi uma pessoa muito amada e admirada por todos os seus valores", diz Caio Cavalcante Angarita Silva, um de seus três filhos.

Angarita nasceu no Amazonas em 31 de julho de 1926. Graduou-se em ciências jurídicas e sociais pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), em 1950, e desenvolveu toda a sua carreira em São Paulo.

Além de professor-fundador, foi diretor, de 1963 a 1964, da Escola de Administração de Empresas da FGV.

Deixou amigos por onde passou, e a paixão pela democracia atraiu muitos admiradores. Nunca deixou de dividir seu tempo com todos.

Gostava de uma boa conversa, e ainda mais de divergências que o fizessem refletir. Refletia, nem sempre compreendia, mas sempre dizia aprender algo.

O respeito ao jurista unia a todos, independentemente de posicionamentos, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso à ex-prefeita da capital paulista Luiza Erundina, que descreveu Angarita como um parceiro extraordinário.

Participou, com sua habilidade de conciliação, do esforço para redemocratizar o país.

O anseio democrático o levou à administração pública do estado de São Paulo, ocupando cargos como o de secretário de Governo e Gestão Orçamentária na gestão de Mario Covas (PSDB).

O jurista foi figura destacada no projeto, articulação e autorização orçamentária para a criação dos Poupatempos, em São Paulo.

Oscar Vilhena Vieira, professor da FGV e colunista da **Folha**, por anos conviveu com Angarita. Para ele, o amazonense foi um dos poucos que conseguiu unir o ideal de prosperidade e avanço na área econômica à inclusão e defesa ferrenha dos direitos humanos.

"Já bem velhinho, eu o encontrei. Ele andava meio desanimado, e perguntei o motivo. Ele disse: 'Vejo que no debate político atual falta um pouco de ideal'. Logo perguntei que ideal seria aquele, e ele disse: 'Ainda sou um socialista'. Foi um socialista dos mais críticos, que nunca se conformou com o Estado, mas tinha a graça de se afirmar assim", conta Vilhena.

Antônio Ignácio Angarita Ferreira da Silva morreu no dia 30 de agosto, aos 96 anos. Ele deixa dois filhos, Fábio e Caio. A esposa, Isabel, e sua terceira filha, Marta, já faleceram.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

O engenheiro Claudio de Senna Frederico, 80, em trem no pátio do Jabaquara, na zona sul de São Paulo Zanone Fraissat/Folhapress

1ª viagem de protótipo do Metrô teve ameaça e comando 'fake'

Episódio, que se deu sob os olhares de Médici, completa 50 anos nesta terça

William Cardoso

SÃO PAULO A primeira viagem de um trem do Metrô no Brasil completa 50 anos na próxima terça (6). O evento fez parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência em São Paulo. Era só um protótipo com dois carros, rodou por cerca de 500 metros, sem passageiros, mas representou um salto tecnológico marcante para a época.

Também houve muita tensão, plateia escolhida a dedo, militares por todos os lados e até ameaça de bomba, tudo sob os olhares de Emílio Garrastazu Médici, general que comandou o país nos anos mais tenebrosos da ditadura (1969-1974). Daquela época de chumbo há resquícios por aí, entre os quais os dois carros que serviram de protótipo. Eles já foram reformados e hoje fazem parte da composição I24, ainda em operação na linha 1-azul.

Quem lembra de tudo o que aconteceu naquele dia é Claudio de Senna Frederico, 80, engenheiro responsável pelas operações do Metrô na ocasião e que depois ocupou cargos públicos e secretariados relacionados à mobilidade.

Na semana passada, Frederico voltou ao pátio do Jabaquara, na zona sul da cidade de São Paulo. Pôde, enfim, fazer uma viagem da qual se viu impedido de tomar parte há meio século.

Vestido despojadamente, com jaqueta e tênis, na última terça (30) ele caminhou rapidamente pela passarela de concreto em meio aos trens do pátio, até chegar ao primeiro carro da composição I24.

"A gente iria receber um protótipo. Era completamente novo e a chance de dar problema era muito grande", afirma. "Acabamos com, praticamente, duas semanas entre receber o trem e apresentar a um presidente da República, o qual ainda foi convidado a ir dentro dele."

Frederico diz que o nervosismo dessa situação e a possibilidade de fracasso eram enormes. "Isso com gente que era totalmente nova. Os operadores tinham acabado de entrar." Para piorar, receberam a informação de que havia uma ameaça de bomba para o dia da inauguração, o que mobilizou os militares responsáveis pela segurança de Médici e causou uma série de transtornos para os encarregados de fazer o trem andar.

Segundo Frederico, um general e seus comandados promoveram uma revista nos dois carros, às vésperas do evento.

"Eu estava lá dentro, nervoso, porque estávamos bloqueando a obra. Então gritei para o operador 'fecha a porta e manda bala, porque o general já está dentro'. Os caras [militares] então todos sacando arma, dizendo 'o que é isso'. E eu 'calma, foi uma expressão'", conta Frederico, rindo.

Por fim, decidiu-se que Médici não embarcaria no trem e acompanharia tudo de um belvedere. O general que mandava no Brasil à época promoveu então um acionamento "fake", dando ordem a distância, como se ao apertar o botão de uma sirene o protótipo imediatamente seguisse viagem.

Inexistia tecnologia capaz de fazer isso à época, então a equipe de metroviários se desdobrou para passar a impressão de que o comando que fez as rodas girarem tinha partido de Médici. Primeiro, botaram um responsável pelo planejamento próximo ao presidente, com um radiocomunicador.

A função dele seria ficar de olho no dedo do general e comunicar o pressionamento do botão ao operador do trem. Mas um sujeito com um rádio gigante, falando baixo, perto de Médici, não passaria batido em 1972. "O pessoal 'crau', grampeou [deteve] ele. A sorte é que grampearam tão antes que deu tempo de haver as explicações e ele foi liberado", conta o engenheiro.

O alívio durou pouco. As antenas dos militares cortavam a comunicação dos civis envolvidos no evento, e Frederico conta que teve que se virar com a situação, pedindo, já não tão educadamente assim, que os responsáveis pela segurança do ditador dessem um jeito. "Avise dez minutos antes que a gente 'faz silêncio' [desliga as antenas]", foi o que ouviu de um oficial.

Por fim, Médici apertou o botão, o aviso chegou ao operador Antonio Lazarini e o trem partiu. Sem bomba e sem Frederico. "Eu falei 'tenho que ficar para administrar esses caras'", conta. Frustrado? "Alguma frustração, sim. Mas nunca fui muito de ficar na linha de frente, de dar muita importância a aparecer. A 'briga' da cabine."

Não falta orgulho, porém, para o engenheiro que alternava cabelo comprido ou barba volumosa em fotos dos anos 1970, além de visitar destinos como Machu Picchu. "Aquele dia deu a sensação de que valeria a pena. 'Vai dar certo esse troço, vai dar certo'", conta. "Uma coisa que depois eu vá olhar para trás e dizer 'eu fiz aquele negócio'."

"A gente sonhou mais do que realmente aconteceu, mas o projeto era muito audacioso", acrescenta ele. "A possibilidade de ter sido um péssimo investimento, de nada ter dado certo, era enorme."

Na última terça (30), pouco antes de deixar o trem que entrou para história, Frederico fez uma pausa e se recordou do próprio pai, um almirante que morreu aos 102 anos e, aos 90, teve a oportunidade de voltar a um navio depois de muito tempo.

Até pouco antes de contar sobre isso, seus olhos teimavam em não marejar. "Naquele dia, meu pai disse 'nunca pensei que pisaria num convés novamente'. Eu estou me sentindo assim agora, aqui."

E se seca da Europa fosse no Brasil?

É preciso investir em ciência e tecnologia a longo prazo

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

A Europa enfrenta uma estiagem severa, com efeitos sentidos nos transportes, agricultura, indústria, comércio, energia e abastecimento de água. Outros países do hemisfério norte também sentem os efeitos, como partes dos Estados Unidos, da China, da Índia e do norte da África.

E se essa estiagem extrema fosse no Nordeste do Brasil?

A região Nordeste representa 18% do território brasileiro e 27% da população. Cerca de três quartos do Nordeste são cobertos pelo semiárido, uma área conhecida como o Polígono das Secas devido aos recorrentes períodos de estiagem.

Na grande seca de 1877/79, cerca de 500 mil vidas foram perdidas (5% da população), em torno de 120 mil pessoas migraram para a Amazônia e foram criados abarracamentos para abrigar a população de retirantes no Ceará.

Esses abarracamentos foram mantidos, depois chamados de campos de concentração, e usados durante as secas de 1915 e 1932. Os campos tinham condições insalubres e as pessoas eram submetidas a trabalho forçado.

A pior e mais prolongada seca que a região enfrentou foi em 1979-84. Trabalhadores famintos invadiram cidades, houve saques, cerca de 3,5 milhões de pessoas (a maioria crianças) morreram devido à fome ou a complicações associadas à desnutrição, e mais de 60% das crianças de 0 a 5 anos na área rural enfrentavam desnutrição aguda.

Àquela época, o então presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo declarou que só restava rezar para chover.

A transposição do rio São Francisco (o maior rio inteiramente brasileiro), inicialmente idealizada em 1847, foi aprovada em 2004 e as obras começaram em 2008.

O projeto visa levar água ao Nordeste a fim de mitigar os desafios da seca. Será essa a solução definitiva para a estiagem no semiárido do Nordeste? Provavelmente não.

Segundo dados do Mapbiomas, a bacia hidrográfica do rio São Francisco perdeu 50% da superfície de água de 1985 a 2020. Considerando reservatórios construídos ao longo do rio, a perda foi de 4%.

Vários afluentes do rio São Francisco são temporários. A construção de represas, como a de Sobradinho, visa garantir vazão suficiente para a geração de energia. Entretanto, durante a seca de 2001, Sobradinho chegou a apenas 5,8% de sua capacidade.

Além disso, cerca de 80% da água do rio São Francisco é usada na irrigação, a maioria de forma ilegal, e prolifera a poluição devido ao despejo de esgoto doméstico, pesticidas da agricultura e resíduos de mineração.

Tratar tão mal o São Francisco é inconsequente.

Ao longo de séculos, a resposta do governo aos períodos de seca tem sido reativa, um ciclo que alterna fases de pânico, reação e negligência. É preciso ações inovadoras de mitigação que sejam resilientes a estiagem.

Israel, por exemplo, trata mais de 90% do esgoto, e o tratamento da água residual gera mais de metade da água utilizada na agricultura. No Brasil, o programa Cisternas, criado em 2003 para trazer segurança hídrica a famílias usando tecnologia simples e de baixo custo, foi drasticamente reduzido no atual governo.

É fundamental investir em ciência, tecnologia, inovação e desenvolvimento regional. O Orçamento para 2023, entretanto, cortou a verba para desenvolvimento regional em 48% (o maior corte), para ciência, tecnologia e inovações em 21% e para saúde em 42%.

Rezar, por maior que seja a fé, não basta! Sem investimento de longo prazo, não há como adaptar o semiárido aos desafios que os eventos climáticos extremos por certo trarão.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

cotidiano

Danielle Salles, 42, participou de ações do programa de investimento da prefeitura Rafaela Araújo/Folhapress

Salvador investe R$ 15 mi para valorizar identidade negra com o afroturismo

Com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, ideia é estimular atividades culturais, religiosas, artísticas e econômicas

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO Com uma população composta de aproximadamente 80% de negros, segundo o IBGE, a Prefeitura de Salvador acaba de lançar um plano de reconhecimento desse valor humano e, com um aporte de R$ 15 milhões vindos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, vai promover ações no chamado afroturismo.

Parte do valor —R$ 9 milhões— está sendo aplicada no programa Salvador Capital Afro que envolve, além de infraestrutura e logística para o turismo na perspectiva do negro, apoio ao trabalho dos afroempreendedores locais.

"Em oito meses, foram ouvidas 658 pessoas que participaram diretamente da construção desse plano", diz Simone Costa, gerente de negócios e ações turísticas de Salvador.

O plano prevê estimular atividades culturais, religiosas, artísticas e econômicas, como dança, arte, literatura, música, moda, gastronomia e esporte, inserindo as pessoas que já fazem parte da identidade afro da cidade.

"A cidade é e sempre foi afro, não estamos criando ou apresentando como novidade. A nossa música é afro, a nossa dança é afro, o nosso povo é afro. A estratégia é se reconhecer como tal e se posicionar perante o mercado nacional e internacional com esse destino", diz Simone.

O primeiro passo do programa foi fazer um diagnóstico sobre as demandas da comunidade local, principalmente envolvendo os afroempreendedores. Um dos pontos destacados foi a baixa inserção no mercado. Por meio da plataforma AfroBizz, a prefeitura passou a agregar afroempreendedores, com uma espécie de vitrine para apresentação de produtos e serviços.

"Hoje, estamos com 1.325 afroempreendedores cadastrados na plataforma. Nossa meta, até o final do ano, é chegar a 2.500. Mas essa plataforma vai continuar rodando pela prefeitura", diz a gerente.

Foi por meio da plataforma que a empresária Danielle Salles, 42, turbinou a sua empresa de quitutes baianos congelados. Ela participou de três ações da AfroBizz e passa a colher os frutos. "Uma das ações foi para exportação, e estou em negociação para exportar uma tonelada dos quitutes."

A empresária tem uma estrutura física, uma foodbike e um tabuleiro chamado Rainha do Dendê. Hoje conta com três funcionários, mas diz que na alta temporada, entre novembro e fevereiro, o número chega a dez.

"A história diz que fui escolhida pelos meus ancestrais. Minha avó é baiana do acarajé, tem 90 anos. Teve 12 filhos e cinco são baianas do acarajé convencionais. Com as inspirações das minhas tias que decidi vender esses quitutes congelados", diz ela, que partiu para a culinária há cinco anos.

O ofício das baianas do acarajé, patrimônio cultural imaterial da cidade, também está dentro do plano de ação do programa Salvador Capital Afro. Em novembro, segundo a prefeitura, será divulgado o primeiro censo das baianas realizado em Salvador. Serão entregues, ainda, novos equipamentos às baianas.

O black money, ideia que tem como objetivo incentivar que pessoas negras possam consumir de outras pessoas negras, também foi pensado na concepção do plano, segundo a prefeitura.

"Não adianta fazer esse reconhecimento cultural e a potencialidade turística se a gente não faz a economia desse dinheiro circular entre os negros", diz Simone.

Alan Soares, um dos fundadores da hub digital Movimento Black Money, diz que esse estímulo vai dar um dinamismo à economia de Salvador. Mas faz ressalvas. "O importante é que a cidade, a prefeitura possam, ao final do programa, entregar os insumos para que o indivíduo possa prosperar."

Ligada especificamente ao afroturismo, foram feitas algumas ações, como o Via Black, que visa criar ou fortalecer dez roteiros afrocentrados na cidade de Salvador e mais 30 pontos de visitação. A prefeitura diz que esses locais serão formatados e apresentados aos guias para comercialização e consumo direto.

+ INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela, órgão vinculado à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia, registrou 81 casos de racismo e 37 de intolerância religiosa no estado em 2021. Neste ano, até julho, foram 35 denúncias de racismo e 21 de intolerância.

esporte

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Corinthians decifra, mas não devora o Internacional

Vítor Pereira e Mano Menezes estudaram juntos, num dos módulos dos cursos para treinadores da Uefa, ministrados em Portugal. Abel Ferreira também passou pela mesma sala de Mano: "Vou contar a vocês um segredo. No meu curso, em Fátima, meu parceiro de carteira era o atual técnico do Internacional, Mano Menezes, que por vezes nos deu aulas."

Mano diz que está mais difícil perceber e determinar, com firmeza, qual o sistema tático dos times que disputam jogos de alto nível no mundo.

Muita gente não decifra como joga o Internacional.

Com dois volantes, dirão.

Mas Johnny ocupa o lado direito da linha de quatro homens do meio de campo.

Com dois atacantes, alguém afirmará. Só que Wanderson, o segundo homem de frente, fecha o lado esquerdo e libera Maurício para encostar em Alemão, como segundo avante. É um 4-4-2, duas linhas de quatro. Importante entender as funções e não as posições de cada jogador

Vítor Pereira decifrou, mas não o devorou. Quando achou o antídoto, virou uma partida que começou perdendo aos 48 segundos, falha de Gil, gol do centroavante Alemão.

Daí até as saídas de Giuliano e Ramiro, no minuto 55, o Corinthians teve boa atuação.

Já tinha sido assim na vitória contra o Bragantino, com pressão e recuperações de bola perto da grande área adversária e ritmo intenso como não se viu enquanto Vítor Pereira era obrigado a disputar três competições simultâneas.

Tempo em que Vítor Pereira comemorava estar vivo em três disputas, rodava o elenco, não definia o sistema tático e se contradizia, porque seu discurso de pressionar no campo rival contrastava com longos períodos apenas se defendendo — contra o Boca, por exemplo.

O Corinthians melhorou, quando passou a treinar mais.

Roger Guedes nunca pareceu tão feliz, instalado na sua ponta esquerda.

Contra o Internacional, o Corinthians só caiu de produção pelas entradas de Cantillo e Roni. Então, permitiu ao Internacional tomar as rédeas.

Também por mérito das alterações de posicionamento de Mano Menezes. A entrada de Alan Patrick, como meia, com livre circulação pelo ataque, deslocou Maurício para a ponta direita e Johnny para a faixa central, aí sim como segundo volante, ao lado de Gabriel.

Depois, Edenílson entrou na vaga de Johnny e Pedro Henrique na de Maurício.

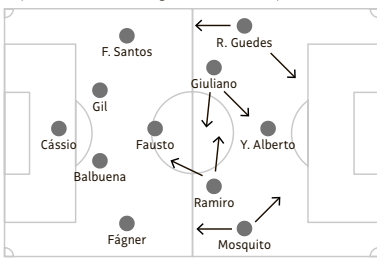
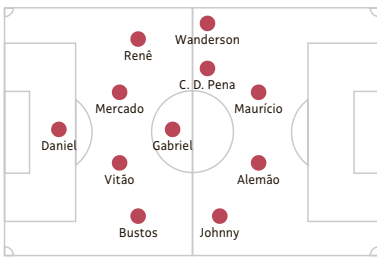
Com o mesmo desenho tático, 4-4-2, o Inter ficou mais agressivo. Empurrou o Corinthians para trás, chegou ao empate numa boa jogada de Alan Patrick, com a colaboração de Gil, que deu três passos para trás, enquanto o meia ajeitava o corpo para o chute.

Nos 15 minutos finais, o Internacional teve chance de vencer, resultado que o levaria à segunda colocação. Seria bom para o campeonato, levando em conta que o time de Mano Menezes terá confronto direto com o Palmeiras, na última rodada, no Beira Rio.

O Corinthians esteve perto de chegar ao segundo lugar, mas o empate manteve o Flamengo como mais direto perseguidor do líder, Palmeiras.

Vítor Pereira vê seu time oscilar dentro dos 90 minutos, mas seus melhores momentos dão otimismo em relação à Copa do Brasil.

Por outro lado, não dá sinal de brigar pelo Brasileirão. O Palmeiras segue favorito.

Papéis defensivos de Roger Guedes e Mosquito

Wanderson volta para o meio: 4-4-2 ou 4-3-3

O PLANO DE ABEL

O Palmeiras empatou em Bragança Paulista e teve sorte de o Flamengo também empatar com o Ceará. Era um risco, não um erro, escalar oito reservas. Abel não fazia isso desde abril. Também seria arriscado desgastar os titulares. O Palmeiras oscila, como todos. Segue forte.

FELIPÃO

Será muito difícil o confronto da Libertadores. Felipão não escala o time com três volantes, mas com Alex Santana na função de meia, para marcar a saída do adversário e tirar espaço de criação. Aos 73 anos, confia em tudo o que aprendeu e pode chegar à sua quarta final continental.

ESPORTE AO VIVO | **16h Valladolid x Almeria** Campeonato Espanhol, *STAR+* | **20h Santos x Goiás** Brasileiro, *SPORTV E PREMIERE* | **20h Oitavas de final** US Open, *SPORTV3 E ESPN2*

Atentado de Munique completa 50 anos com indenização e tensão

Famílias dos atletas de Israel mortos nos Jogos Olímpicos de 1972 relutam, mas aceitam acordo

Marcos Guedes

SÃO PAULO Uma cerimônia marcada para a base aérea de Fürstenfeldbruck, nos arredores de Munique, recorda nesta segunda-feira (5) o atentado que matou 11 membros da delegação israelense nos Jogos Olímpicos de 1972, realizados na capital da Baviera. São esperados cerca de 70 familiares das vítimas, em uma solenidade arquitetada com o intuito de minimizar uma tensão alimentada por décadas.

Foi com bastante dificuldade que se chegou, 50 anos depois, a um acordo para o pagamento de uma indenização aos parentes dos mortos. Eles relutaram em negociações que se arrastaram nos últimos meses, porém aceitaram o pagamento de 28 milhões de euros (R$ 145,7 milhões).

O grosso do valor sairá do governo federal da Alemanha, mas o estado da Baviera e o município de Munique também contribuirão. É um gesto simbólico de reconhecimento de sua responsabilidade nos eventos ocorridos entre as madrugadas de 5 e 6 de setembro de 1972.

Na ocasião, oito membros do Setembro Negro, grupo ligado à Organização para a Libertação da Palestina (OLP) invadiram a vila olímpica e fizeram reféns, entre atletas e treinadores, 11 israelenses. Dois deles foram mortos ali mesmo, pouco após a invasão.

Deu-se nas horas subsequentes uma desastrada negociação de resgate que acabou na base aérea de Fürstenfeldbruck, de onde os terroristas pretendiam fugir de avião. Uma mal-organizada tentativa de emboscada acabou em mais 15 mortes: os outros nove membros da delegação olímpica israelense, cinco terroristas e um policial alemão.

A Alemanha foi bastante criticada por ter ignorado alertas de segurança, por não ter dado a devida proteção aos israelenses e por ter se recusado a paralisar os Jogos após o episódio brutal. Israel se mostrou particularmente irritada porque os alemães não permitiram sua participação na operação de tentativa de resgate.

"Eles não fizeram um mínimo esforço para salvar vidas. Eles não assumiram um mínimo risco para salvar vidas, as deles ou as nossas", disse à época Zvi Zamir, chefe do Mossad, serviço de inteligência de Israel, aos ministros de seu país.

De lá para cá, a tensão a respeito do tema não se dissipou. As famílias das vítimas sempre reclamaram de falta de transparência por parte dos alemães, que mantiveram secreta boa parte dos arquivos sobre o episódio de 1972.

Placa em tributo às vítimas é renovada no local onde ficava a vila olímpica *Wolfgang Rattay/Reuters*

Alguns detalhes vieram à tona apenas 20 anos mais tarde. Em 1992, duas das viúvas tiveram acesso a fotos cuja existência era negada pela Alemanha. Elas comprovavam que houve tortura com os reféns e ao menos uma castração.

"O que eles fizeram foi cortar seus órgãos genitais e torturá-lo", disse Ilana Romano.

Seu marido, o levantador de peso Yossef Romano, tentou reagir à invasão e levou um tiro, ainda na vila olímpica. Em seguida, foi torturado e largado para morrer. "Você consegue imaginar os outros reféns sentados ao redor, amarrados, vendo isso?", afirmou Ilana.

Ela e outros parentes das vítimas também sempre se queixaram da ausência de uma indenização mais substancial. Ao longo dos anos, de acordo com um memorando do governo alemão obtido pelo jornal The New York Times, foram pagos 4,8 milhões de euros (R$ 25 milhões, na cotação atual) como compensação. Em rodadas mais recentes de negociação, foi feita uma oferta de 5,4 milhões de euros (R$ 28,1 milhões), algo que Ankie Spitzer, viúva do técnico de esgrima Andre Spitzer, chamou de "piada".

O impasse ameaçou que o evento programado para os 50 anos da tragédia se tornasse um fiasco, sem a participação de familiares dos mortos ou de membros do governo israelense. Foi só na última quarta (1º) que houve um acordo, anunciado em conjunto pelo presidente de Israel, Isaac Herzog, e o presidente da Alemanha, Frank-Walter Steinmeier.

As famílias hesitaram, mas, pressionadas por Herzog, acabaram aceitando os termos do acerto. Os membros do governo alemão, nos últimos dias, têm procurado demonstrar que finalmente assumem o papel de seu país no episódio de cinco décadas atrás.

"É um importante passo", disse Steinmeier, que deu crédito ao líder maior do país, o premiê Olaf Scholz, pelo esforço na tentiativa de um acordo.

"O governo alemão, liderado pelo chanceler Scholz, está assumindo responsabilidade e fazendo reparações pela injustiça histórica cometida com as famílias", acrescentou. "Após 50 anos, chegou a hora de finalmente dar algum alívio às famílias de luto e reafirmar as lições dessa tragédia, inclusive a importância de lutar contra o terror, para as próximas gerações."

Além da compensação financeira, a Alemanha diz que pretende estabelecer uma comissão conjunta com Israel e abrir acesso a todos os arquivos do caso, para que haja "escrutínio de todas as fontes" e uma "avaliação acadêmica".

Ainda há alguma desconfiança. A expectativa é de palavras duras na solenidade em Fürstenfeldbruck.

Amanda Perobelli/Reuters

COM EMPATE, CORINTHIANS E INTERNACIONAL PERDEM CHANCE DE ASSUMIR VICE-LIDERANÇA

O Corinthians e o Internacional empataram em 2 a 2 em partida agitada na Neo Química Arena, em São Paulo, pela 25ª rodada do Campeonato Brasileiro. O Inter abriu o placar com menos de 1 minuto de bola rolando; em seguida, levou dois gols do Corinthians e conseguiu igualar no segundo tempo. O resultado manteve o Flamengo na vice-liderança, e os dois clubes chegaram aos 43 pontos, 8 atrás do líder, Palmeiras. Na Arena Pantanal, o Cuiabá e o São Paulo empataram em 1 a 1, com pênalti marcado por Deyverson e gol do clube paulista com dez jogadores em campo. O Internacional recebe o Cuiabá no sábado (10), e o Corinthians enfrenta o São Paulo no domingo (11)

Uma rodada alviverde

Mesmo sem vencer, Palmeiras segue tranquilo na liderança do campeonato

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Se considerarmos que o Bragantino ganhou do Flamengo no primeiro turno, em Bragança, e o Ceará ganhou do Palmeiras, na casa verde, os resultados da 25ª rodada do Campeonato Brasileiro compensaram os pontos perdidos por alviverdes e rubro-negros, com vantagem para os paulistas.

Porque os cearenses devolveram dois pontos ao Palmeiras ao empatar 1 a 1 no Maracanã com os cariocas e os alviverdes recuperaram um ponto na casa do Braga ao reagir e empatar 2 a 2 depois de saírem dois gols atrás.

Em resumo, tudo ficou como estava entre Palmeiras e Flamengo, sete pontos de diferença, com vantagem para o líder que tinha tarefa muito mais complicada, fora de seu domínio, obrigado a poupar mais que o rival da Gávea e contra adversário mais qualificado.

Não nevou em Fortaleza, como aqui se cogitou na coluna de ontem, mas o futebol aprontou mais uma de suas surpresas para diversão dos palmeirenses.

E para demonstrar que as certezas do ludopédio morrem todas quando as bolas começam a rolar, principalmente, aliás, quando param, ao apito final.

Abel Ferreira deve ter passado um domingo feliz, embora preocupado com o Athletico Paranaense, osso duro de roer pela Libertadores, nesta terça-feira (6), e único time do G6 a vencer na rodada que despertou tanta expectativa e quase não mudou nada no campeonato.

Empata inóquo

Corinthians e Inter deveriam ter jogado pela disputa do quarto lugar no Campeonato Brasileiro e acabaram jogando pela vice-liderança.

Porque o Flamengo tropeçou no Ceará, no Rio, e o Fluminense se perdeu do Athletico Paranaense, no Paraná, alento, por sinal, aos alvinegros paulistas que disputarão vaga na final da Copa do Brasil, em São Paulo, com os tricolores cariocas.

Vencer o Colorado em Itaquera estava nos planos de quem tem sabido usado o fator casa contra times de seu nível.

Além do mais era rara oportunidade para Vítor Pereira mostrar a diferença que faz uma semana só para treinar.

Antes do clássico que virou guerra desde 2005, má notícia: Renato Augusto fora, de novo, agora por lesão na panturrilha.

No começo, com menos de um minuto, gol colorado, de Alemão.

Mas o frescor do time corintiano, para usar o vocabulário do treinador lusitano, falou mais alto e permitiu a virada em 18 minutos, com Balbuena e Yuri Alberto, em belo primeiro tempo.

O segundo, porém, foi quase todo do Colorado e o empate em 2 a 2 num golaço de Alan Patrick fez justiça ao melhor desempenho gaúcho.

Ficou no ar a frustração pela inutilidade de tanto esforço dos dois lados, apesar do bom espetáculo.

Eterna Serena

Aos 40, a maior tenista de todos os tempos se aposentou.

Perdia por 5 a 1 no terceiro set, estava esfalfada depois de perder o primeiro por 7/5, e vencer o segundo por 7/6, mas, mesmo assim, não desistiu.

Salvou cinco match points, como se não quisesse se despedir do tênis, ou melhor, como se o tênis não quisesse se despedir dela.

Perdeu e chorou lágrimas de alegria.

Seu legado é tão imenso em todos os sentidos, dentro e fora das quadras, que torna secundário relembrar os números extraordinários amealhados na carreira.

Serena Williams é o Pelé, o Michael Jordan, o Muhammad Ali do tênis!

Medo

Não se vê um carro com propaganda de candidatos aos cargos majoritários como antigamente. O que dá a medida do quanto a extrema direita conseguiu atemorizar o cidadão comum.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo V. Coelho | **TER. Renata Mendonça, Walter Casagrande Jr.** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo V. Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro, Walter Casagrande Jr.

BAÚ DO CINEMA | *Hanuska Bertoia*
www.folha.uol.com.br/blogs/bau-do-cinema

No centenário de Vittorio Gassman, saiba onde ver filmes do ator

O mês de setembro marca o centenário de Vittorio Gassman, um dos maiores atores italianos de todos os tempos.

Nascido em Gênova, no dia 1º de setembro de 1922, foi para Roma com a família aos seis anos de idade. Na juventude, se interessou pelo teatro e estudou na Academia Nacional de Arte Dramática da Itália. Estreou nos palcos em 1943, mas sua carreira tomou impulso no final da Segunda Guerra Mundial, quando clássicos da comédia se tornaram populares nos teatros italianos.

Seu primeiro trabalho no cinema data de 1946, mas Gassman se destacou três anos depois, em 'Arroz Amargo' (1949). Em 1958, dividiu a cena com Marcello Mastroianni em 'Os Eternos Desconhecidos', de Mario Monicelli, com quem trabalharia em outras oportunidades. Conquistou o público italiano com sua interpretação do ex-boxeador Peppe, iniciando um vínculo que se manteve após sua morte, em 2000.

Foram os anos iniciais de uma carreira no cinema com mais de cem filmes, transitando da comédia italiana para Hollywood e para trabalhos com grandes diretores como Vittorio de Sica, Roberto Rossellini, Robert Altman e Alain Resnais. Ganhou o prêmio de melhor ator do Festival de Cannes de 1975 por 'Perfume de Mulher', de Dino Risi.

Décadas depois, uma nova versão do longa daria o Oscar a Al Pacino. Infelizmente, esta obra, assim como 'Nós que Nos Amávamos Tanto' (1974), de Ettore Scola, dois de seus filmes mais marcantes, não estão disponíveis no streaming. A seguir, veja onde assistir alguns longas do ator. Os preços e a disponibilidade foram pesquisados no dia 3 de setembro.

*

RAPSÓDIA (1954)
Onde ver
NetMovies grátis
Looke para assinantes

Gassman faz par romântico com Elizabeth Taylor neste filme dirigido por Charles Vidor ('Gilda'). Ele é o violoncelista Paul Bronte, objeto do amor da jovem e rica Louise Durant (Elizabeth Taylor). Os dois vão para Zurique, onde Bronte se dedicará à música, em ensaios no conservatório da cidade. Logo Louise percebe que o rapaz não conseguirá amá-la tanto quanto a música.

O INCRÍVEL EXÉRCITO DE BRANCALEONE (1966)
Onde ver
Oldflix para assinantes

O longa do diretor Mario Monicelli ('Parente é Serpente') é uma sátira aos filmes sobre a Idade Média. Gassman é Brancaleone, um cavaleiro que arregimenta um exército de desajustados e parte para conquistar o feudo a que acha ter direito. Em sua jornada, encontra donzelas, uma vila tomada pela peste e um religioso fanático com seus seguidores. Além de Gassman, faz parte do elenco Gian Maria Volontè, da Trilogia do Dólar, de Sergio Leone. Quatro anos depois, uma sequência do filme levou Brancaleone para as Cruzadas.

BRANCALEONE NAS CRUZADAS (1970)
Onde ver
Belas Artes à La Carte
para assinantes

BARRABÁS (1961)
Onde ver
Oldflix para assinantes

Este é um drama bíblico sobre a vida do criminoso Barrabás, que segundo o Velho Testamento foi absolvido por Pôncio Pilatos após o público optar pela crucificação de Jesus Cristo. Gassman integra um elenco de peso, encabeçado por Anthony Quinn no papel título e que inclui Silvana Mangano, Ernest Borgnine e Jack Palance. O ator italiano é o escravo Sahak, que conhece Barrabás em uma mina, onde ambos trabalhavam além de suas forças, e acompanha parte da trajetória do criminoso.

O PROFETA (1968)
Onde ver
Belas Artes à La Carte para assinantes

Gassman interpreta o personagem título, Pietro Breccia, homem que vive como ermitão em uma montanha na Itália, após abandonar a vida de classe média que levava em Roma. Descoberto por uma TV, é obrigado a voltar para a cidade para resolver questões com a Justiça. Lá, vai parar em uma comunidade hippie onde vive a jovem Maggie (Ann-Margret). Neste retorno, Pietro será confrontado com 'prazeres' que havia abandonado, colocando suas convicções à prova.

TEMPESTADE (1982)
Onde ver
Apple TV R$ 11,90 (aluguel) e R$ 24,90 (compra)

Outro longa com elenco estrelado, baseado na obra de William Shakespeare. O personagem principal é interpretado pelo ator e diretor John Cassavetes. Ele é o arquiteto Phil, em crise da meia-idade. Ele se separa da mulher Antonia (Gena Rowlands) e pede demissão ao chefe, o dono de cassinos Alonzo (Gassman). Phil vai com a filha adolescente Miranda (Molly Ringwald) para a Grécia, onde conhece Aretha (Susan Sarandon). Os três se refugiam em uma ilha, onde todos os personagens acabam se reunindo.

QUINTETO (1979)
Onde ver
Oldflix para assinantes

Robert Altman dirigiu uma distopia cinematográfica muito antes da onda das séries Jogos Vorazes e Divergente, entre outras. O longa é estrelado por Paul Newman, em sua segunda colaboração com o diretor. Na trama, a humanidade se resumiu a sobreviventes em uma nova era do gelo. Eles jogam o mortal jogo de tabuleiro Quinteto —quem perde morre. Gassman interpreta o personagem Christopher, jogador que faz parte da engrenagem desta sociedade. Também foi a segunda parceria do ator italiano com Altman. Eles haviam trabalhado juntos em 'Cerimônia de Casamento' (1978).

ESCOLAS ESTÃO FECHADAS NO AFEGANISTÃO
Crianças afegãs se esforçam para continuar estudando e assistem a uma aula ao ar livre no distrito de Achin, no sul da província de Nangarhar; Talibã mandou fechar escolas de meninas AFP

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

Telescópio Webb produz suas primeiras imagens diretas de exoplanetas

O Telescópio Espacial James Webb continua, ainda na largada de sua missão científica, produzindo resultados extraordinários. Na semana que passou, dois novos artigos trouxeram as primeiras imagens diretas de exoplanetas obtidas pelo satélite.

É importante lembrar que, embora elas sejam raras, já tínhamos, graças a outros observatórios, um punhado de fotografias de exoplanetas. O principal desafio em registrá-los de forma direta é a disparidade de brilho entre eles e suas estrelas-mães, combinada à proximidade entre si. Dessa forma, imagens de exoplanetas costumam, neste momento, se restringir àqueles mais jovens (que ainda retêm bastante calor de formação, o que os torna mais brilhantes em infravermelho) e, ao mesmo tempo, mais distantes dos astros centrais.

As novas observações seguem esse padrão, mas o que elas trazem de novo é uma qualidade sem precedentes. O primeiro trabalho, divulgado no repositório arXiv e submetido a um periódico da Sociedade Astronômica Americana, reporta as imagens feitas do exoplaneta HIP 65426 b, o primeiro oficialmente fotografado pelo Webb.

Graças a um coronógrafo, capaz de barrar a luz da estrela central, o telescópio conseguiu capturar uma imagem daquele mundo em todos os sete filtros usados. Trata-se de um exoplaneta gigante gasoso com massa sete vezes maior que a de Júpiter, orbitando a cerca de 90 UA (1 unidade astronômica é a distância Terra-Sol, 150 milhões de km). A idade é estimada em 14 milhões de anos (compare com os 4,5 bilhões do Sistema Solar).

Os astrônomos constataram que o desempenho real do Webb é até dez vezes superior ao predito, o que entusiasma para futuras observações e abre espaço para que mais planetas sejam registrados de forma direta.

Já o segundo artigo diz respeito ao exoplaneta VHS 1256 b, que tem menos de 20 vezes a massa de Júpiter e orbita a cerca de 150 UA de uma anã marrom (nome que se dá a "estrelas abortadas", que se formaram como estrelas, mas não ganharam massa suficiente para manter o processo de fusão nuclear em seu núcleo). O próprio VHS 1256 b pode ser outra anã marrom, dada a incerteza de sua massa (costuma-se separar as anãs marrons dos planetas gigantes gasosos na faixa de 13 vezes a massa de Júpiter).

Fato é que o Webb obteve o espectro (a "assinatura de luz") de mais alta fidelidade já captado de um objeto do tipo. Foi possível detectar a presença de água, metano, monóxido e dióxido de carbono, além de sódio e potássio, na composição do astro. Ademais, há um sinal que indica nuvens de silicatos na atmosfera (ele é tão quente que rochas são vaporizadas por lá), a primeira vez que se faz uma detecção do tipo em um companheiro de massa potencialmente planetária.

E esses são apenas os dois primeiros resultados da observação direta de exoplanetas. Muito mais virá por aí, aumentando o álbum de fotos —para não mencionar a compreensão— desses mundos estranhos e fascinantes.

ACERVO FOLHA
Há 100 anos **5.set.1922**

SP tem 3 dias de ponto facultativo devido a festas da Independência

Por causa das festas de Sete de Setembro, que neste ano celebrarão o primeiro centenário da Independência do Brasil, o governo de São Paulo resolveu decretar o ponto facultativo nos dias 6, 8 e 9 nas repartições e escolas públicas.

A Prefeitura de São Paulo adotará idêntica medida para que os funcionários se associem aos festejos. O Congresso do estado de São Paulo não funcionará do dia 6 ao 11.

Nesta terça-feira (5), chegaram à capital as forças militares aquarteladas em Pirassununga, Caçapava e Rio Claro, no interior paulista, para participar da festa. A parada do Exército está marcada para ocorrer no dia 8.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

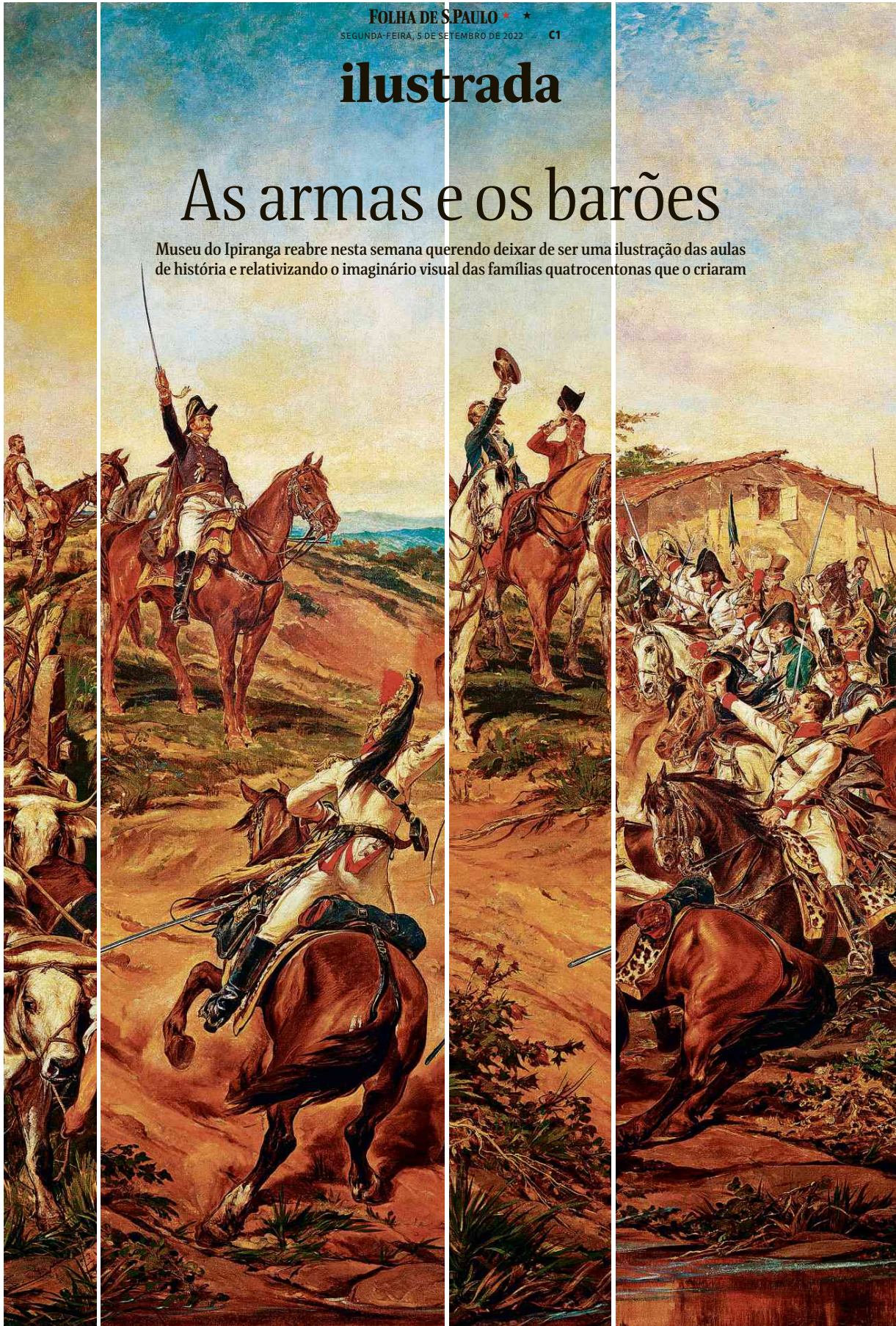
Folha da Noite

O EXERCITO E O CENTENARIO

Pela Sociedade

ilustrada

As armas e os barões

Museu do Ipiranga reabre nesta semana querendo deixar de ser uma ilustração das aulas de história e relativizando o imaginário visual das famílias quatrocentonas que o criaram

Montagem com a obra 'Independência ou Morte', tela de Pedro Américo exposta no Museu do Ipiranga Reprodução

Guilherme Genestreti

SÃO PAULO Ladeado por um bronze de dom Pedro 1º, o bandeirante da tela de Henrique Bernardelli ganha ares de majestade, apoiado no arcabuz e com o braço recostado na cintura como se fosse um monarca do Antigo Regime.

Ele contempla os mármores de outros dois sertanistas —Raposo Tavares, que protege os olhos do sol enquanto mira horizontes sem fim, e o caçador de esmeraldas Fernão Dias, que prestou "serviços imensos à obra do desbravamento", segundo diz a inscrição no pedestal.

Quem sobe as escadarias do Museu do Ipiranga, que volta a abrir as portas na próxima quarta-feira depois de nove anos fechado, vai encontrando outros desses capitães do mato, homens sempre brancos trajando longas botas, embora a história crave que na realidade fossem caboclos que corriam o sertão descalços.

As datas emolduradas abaixo do nome das províncias marcam os anos em que Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná foram se desmembrando daquela que já foi a capitania de São Vicente.

Fica evidente que aquele saguão de entrada conta a história do Brasil a partir da visão dos paulistas. Mesmo quando o Nordeste dá as caras, numa tela sobre a expulsão dos holandeses de Pernambuco, são os bandeirantes que surgem como salvadores e fiadores da unidade nacional.

"É uma visão 'paulistocêntrica', de como se a civilização brasileira tivesse começado a partir daqui", diz o curador Paulo Garcez Marins, apontando para o projeto expositivo idealizado por Affonso de Taunay no começo do século passado, quando as mesmas elites cafeeiras que abasteceram aquele acervo moldaram para si um passado mitológico, ancorado nesses sertanistas.

Ressalvas como essas, que questionam o imaginário construído pela historiografia, estão por toda parte no museu agora reaberto. Seja em painéis explicativos ou na disposição de novas peças, a proposta é refletir sobre o que há por trás da construção de narrativas visuais, mas sem atear fogo a Borba Gato.

> **"O Salão Nobre mostra que a ideia era costurar um imaginário de que tudo foi na base dos consensos, de uma história pacífica. Batalhas só de palavras**
>
> **Paulo César Garcez Marins**
> curador

Assim, se o saguão ainda exalta capitães do mato, agora um totem multimídia faz um contraponto e expõe em vídeo a visão de indígenas massacrados e desterrados. Noutra galeria, a ampliação de fotografias centenárias sobre a construção de uma estrada permite saber que grande parte da mão de obra daquele trabalho pesado era formada por mulheres. Van Emelen, o retratista belga, ganha uma parede só para ele com um mosaico dos tipos brasileiros que pintou.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Carolina Ferreira/Divulgação

MARTELO BATIDO

O Tribunal de Justiça de São Paulo condenou a Associação dos Agentes Fiscais de Rendas paulista (Afresp) a reembolsar a família da poeta Leide Moreira, morta em 2018, depois de se recusar a custear o tratamento psicológico da artista. Moreira sofria de esclerose lateral amiotrófica, doença degenerativa que leva à paralisia.

OLHAR O diagnóstico ocorreu em 2005. Em novembro daquele ano, ela perdeu a fala após ser submetida a uma traqueostomia. Com o avanço da esclerose, Leide deixou de se movimentar e passou a se comunicar com o piscar dos olhos.

NÃO Por ter sido casada com um fiscal de rendas, ela era beneficiária do plano de saúde administrado pela Afresp. Em junho de 2016, o neurologista que fazia seu acompanhamento solicitou tratamento psicológico para uma depressão —que foi negado pela associação. Na ocasião, a Afresp sustentou que Leide Moreira era incapaz de se comunicar e que não haveria benefícios.

VIDA SEGUE A decisão do plano de saúde foi refutada pela psicóloga que acompanhava a poeta. "Leide está viva. E sempre há o que fazer quando o ser humano está vivo", dizia um parecer de agosto de 2016. Mas a entidade não cedeu.

REPROVAÇÃO "Na época, a gente achou um absurdo. Mesmo se a minha mãe não se comunicasse, se tivesse perdido totalmente o movimento ocular, não seria humano [negar o atendimento]", afirma a cineasta Leide Jacob, filha da artista.

CUMPRA-SE Diante da recusa, Jacob desembolsou cerca de R$ 50 mil com o acompanhamento psicológico nos últimos anos de vida de sua mãe. Em primeira e em segunda instância, os magistrados da corte paulista foram unânimes ao reconhecer que não cabia ao plano de saúde negar um atendimento recomendado expressamente por um médico.

JUNTOS Leide foi representada na ação pelo advogado José Adriano Cardoso Filho, que atuou ao lado das advogadas Priscilla Gadelha e Tais Pires. "O mais importante de tudo isso não é a questão econômica, mas a questão humanitária", diz Cardoso sobre a decisão.

O cantor Samuel Samuca se apresentará com a sua big band, Samuca e a Selva, na Casa Natura Musical, em São Paulo, na terça (6). O show de lançamento do álbum "Ditados Populares Dançantes" será gravado ao vivo e disponibilizado em vídeo. Produzido a partir de palavras enviadas por fãs por meio das redes sociais, o disco traz faixas com participações dos cantores Illy e Onã

À MESA O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) participará de um encontro com dirigentes de 900 cooperativas de todo o país no próximo dia 14, em São Paulo. Na ocasião, será entregue ao candidato petista uma carta com propostas para um eventual governo.

BANDEIRAS O combate à fome por meio da produção de alimentos junto à agricultura familiar, a regulação da exploração de recursos naturais e a expansão da reciclagem de materiais serão algumas das sugestões apresentadas a ele.

PARCERIA "O encontro com Lula tem como objetivo reforçar o papel das cooperativas para enfrentar o problema emergencial da fome e do emprego", afirma o presidente da União Nacional das Organizações Cooperativistas Solidárias, Francisco Dal Chiavon, um dos realizadores do evento.

SENTIDOS O Museu do Ipiranga, que reabrirá na próxima quarta-feira (7) após nove anos fechado, vai oferecer uma visita guiada multissensorial em sua primeira semana de estreia. Os visitantes serão vendados e percorrerão as mais de 350 peças acessíveis da instituição. Entre elas estão telas e reproduções de metal e diorama, que poderão ser tocadas. Há legendas em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para os visitantes.

SENTIDOS 2 A ação, feita com patrocínio da empresa Shell, será gratuita e ocorrerá de quarta até domingo (11). O passeio receberá cerca de 200 visitantes por dia.

MEMÓRIA A série documental "O Silêncio que Canta por Liberdade", que investiga o impacto da repressão da ditadura (1964-1985) sobre a música e a cultura do Nordeste, vai estrear em circuito nacional no dia 16 de setembro, no canal por assinatura Music Box Brazil.

VOZ Idealizada por Úrsula Corona, que assina a direção, e Omar Marzagão, a produção reúne depoimentos de artistas como Moraes Moreira, Alceu Valença, Gilberto Gil, Gal Costa e Chico César sobre o período. A série será composta por oito capítulos, e terá trilha assinada por Daniel Gonzaga.

INTERCÂMBIO O escritor alemão Timo Berger realizará uma oficina de tradução de poesias nos dias 6, 7 e 8 de outubro, no Goethe-Institut, em São Paulo. O resultado do trabalho será apresentado num sarau na feira Burburinho Literário, promovida pela instituição no último dia do curso. Berger é autor do livro "Moldávia e Outras Histórias".

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

As armas e os barões

Continuação da pág. C1

No Salão Nobre, os sete metros de extensão de "Independência ou Morte", a visão edulcorada de Pedro Américo sobre o Sete de Setembro, ganharam um restauro sem que a obra deixasse a sala onde está afixada. Saiu o tom arroxeado que o céu sobre dom Pedro ganhou no sesquicentenário da Independência e sobreviveram cores mais próximas às da data de sua pintura, em 1888.

Uma tela translúcida que custou cerca de R$ 400 mil exibe um vídeo didático sobre o quadro, destacando os três blocos de personagens retratados —o séquito do imperador com a sua espada empunhada, a guarda real, que lança ao chão os emblemas lusitanos do uniforme ao som do grito, e o carro de bois conduzido por um caipira atônito.

Noutra tela, a imperatriz Leopoldina posa perto dos filhos, todos crianças, e o marido, tendo ao fundo a baía da Guanabara, ordena com um gesto a retirada da esquadra portuguesa da costa do novo país. Não há nenhuma guerra, não há confronto físico naquelas imagens, ao contrário do que a iconografia oitocentista consagrou lá fora ao pintar o marco zero de outras nações.

"Essa sala mostra que a ideia era costurar um imaginário de que tudo foi na base dos consensos, de uma história pacífica", diz Garcez Marins.

Continua na pág. C3

'Independências' traz Dom Pedro falível, mas sem vilanizar realeza

Série de Luiz Fernando Carvalho para a TV Cultura aborda costuras da elite e adota tom crítico sobre o pré-1822

Naief Haddad

SÃO PAULO Há uma cena representativa do Brasil do início do século 19 no primeiro episódio de "Independências", minissérie dirigida por Luiz Fernando Carvalho, que estreia na quarta-feira na TV Cultura.

Então regente do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves —ele se tornaria rei alguns anos depois—, dom João 6º, vivido por Antonio Fagundes, ocupa a ponta de uma mesa no Rio de Janeiro, onde a família real tinha desembarcado havia poucas semanas. Os convidados, entre representantes da polícia e da Igreja Católica, se servem de pedaços de carne de forma abrutalhada.

Um dos comensais é Elias Antônio Lopes, vivido por Luís Mármora, conhecido como Turco, um milionário traficante de escravos. Dom João 6º se dirige a ele para agradecer pelo presente —não uma joia nem um vinho, o Turco havia dado à família real a Quinta da Boa Vista, o local onde aqueles homens confraternizam. "Minha casa é a vossa casa", responde o Turco, sorrindo, ao monarca. Todos brindam.

O jogo de oportunismos que paira sobre a mesa em desordem é um sinal do que virá. "Não temos nada para celebrar. São 200 anos de quê? De injustiça, de fome, de racismo, de opressão? Estamos repetindo os mesmos erros e só há pequenas medidas paliativas, não mudanças estruturais", diz o diretor.

"É o meu trabalho mais triste", afirma Carvalho. A frase não teria grande significado se fosse alguém de pouca experiência. Não é o caso aqui. O diretor de 62 anos começou a trabalhar em funções técnicas no cinema com menos de 20.

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

“Batalhas sempre de palavras, nunca de sangue”, prossegue o curador, apontando para o óleo sobre tela de Oscar Pereira da Silva, de 1920, que mostra deputados brasileiros se atracando com os europeus nas cortes de Lisboa. O único signo bélico vem de Maria Quitéria, a baiana que se fingiu de homem para lutar contra a metrópole lusitana.

Garcez Marins diz que a nova cara do museu ligado à Universidade de São Paulo busca superar a fama de “uma ilustração das aulas de história” e que isso fica evidente nas “exposições não enciclopédicas” que despontam no espaço reaberto, com complemento de 70 materiais audiovisuais e mais de 300 recursos táteis para pessoas cegas.

Cerca de 3.700 itens —de um acervo que abriga em torno de 450 mil— estão dispostos em 12 circuitos pelo museu, divididos em dois eixos. Um deles busca destrinchar a sociedade brasileira a partir de aspectos como o território, o cotidiano e o trabalho, enquanto o outro se volta a explicar a própria instituição e seu ciclo curatorial de aquisição de objetos, catalogação e conservação.

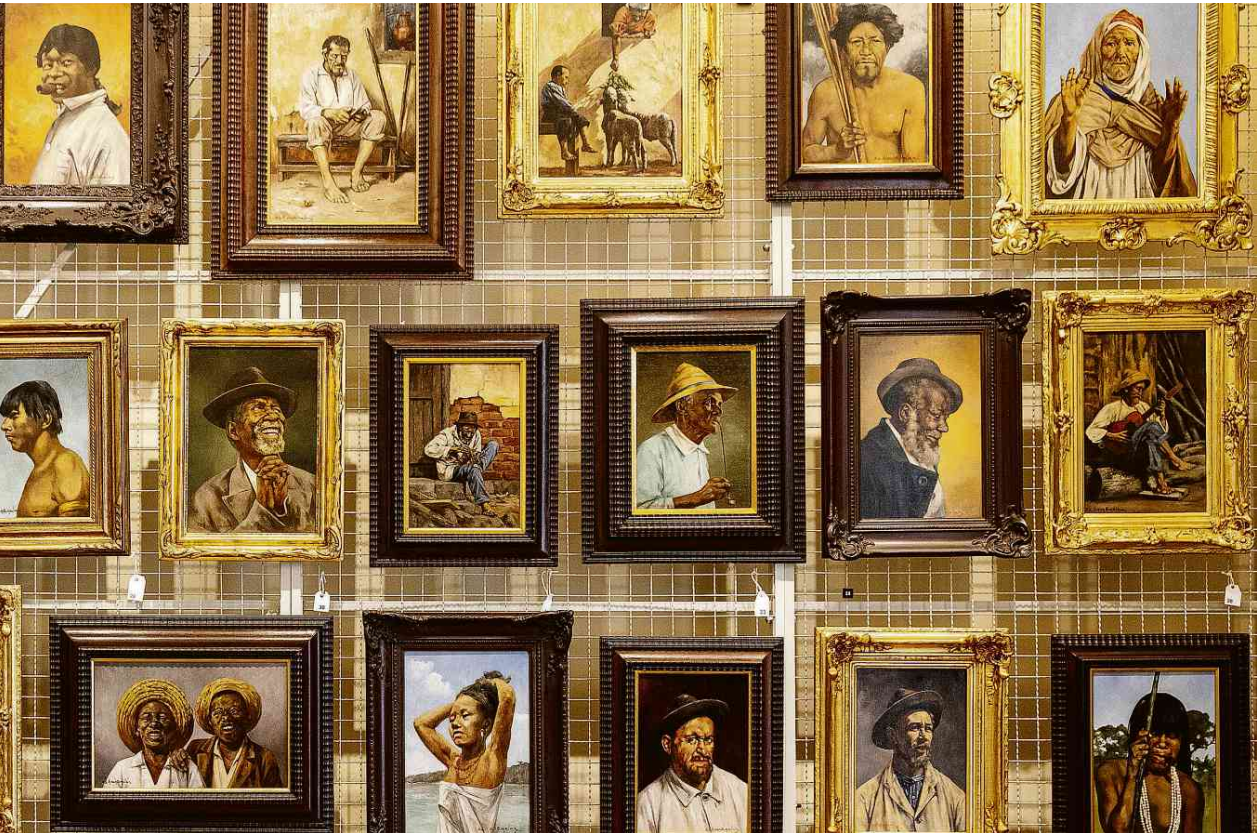
“Esse museu foi criado como um memorial das elites, mas estamos nos abrindo para mostrar que a nossa sociedade é mais complexa”, afirma o curador e pesquisador.

As louças brasonadas doadas por famílias quatrocentonas há mais de cem anos agora ganham a companhia de conjuntos de pratos e copos amarronzados da Duralex, onipresentes nas casas da classe média por volta dos anos 1980.

Bibelôs de porcelana convivem com brinquedos de lata que perderam espaço para seus congêneres de plástico ao longo das décadas. E uma sala faz uma reunião de rótulos de produtos de tempos imemoriais, caso da pomada Minancora, do chocolate branco Galak, de um precursor do Guaraná Antarctica, do logotipo das lojas Mappin.

De volta ao saguão, entre as ânforas que guardam as águas dos rios de todas as bacias hidrográficas do país, colunas jônicas pintadas em amarelo ocre e as novíssimas escadas rolantes, o barulho não para. São os funcionários da obra, indo de lá para cá, descerrando telas, fazendo retoques no piso, trabalhando a fiação e serrando madeira, às vésperas da inauguração.

Às dezenas, eles labutam sob o olhar atento de uma pintura do cacique Tibiriçá, o tupiniquim que teria abandonado as crenças de seu povo para ser batizado pelos jesuítas e ajudar os portugueses a conquistar o planalto paulista.

Museu do Ipiranga
R. dos Patriotas, 100, São Paulo. Ter. a dom., das 11h às 16h (a partir de 13/9, das 11h às 17h). Ingressos disponíveis em museudoipiranga.org.br. Grátis

Pinturas do artista belga Van Emelen, que pintou tipos brasileiros no começo do século, em exposição no Museu do Ipiranga Eduardo Knapp/Folhapress

Verônica Múcuna, que vive Maria Felipa na série 'Independências' Divulgação

Continuação da pág. C2

Na TV Globo, dirigiu novelas premiadas, como “Renascer” e “O Rei do Gado”. A renovação da linguagem teledramatúrgica conduzida por ele ficou ainda mais evidente em séries como “Os Maias”, “Capitu” e “Dois Irmãos”, exibidas na mesma emissora. No cinema, lançou “Lavoura Arcaica”, outro sucesso de crítica.

Como tem ocorrido na maior parte dos seus trabalhos, houve em “Independências” uma preparação longa do elenco e da equipe técnica. Ensaios, oficinas e conversas com especialistas —como a ensaísta Leda Maria Martins, grande conhecedora da tradição banto— se estenderam de setembro a dezembro de 2021.

Para Daniel de Oliveira, que interpreta dom Pedro 1º, foi marcante nessa fase inicial uma atividade com máscaras da commedia dell'arte, coordenada pela atriz e diretora Tiche Vianna. “Eram muitas horas por dia descobrindo os personagens pelas beiradas, sem acesso ao texto. Demorou para que a gente recebesse o texto”, afirma o ator, que havia trabalhado com Carvalho nas duas jornadas de “Hoje É Dia de Maria”, em 2005.

Em fevereiro deste ano, começaram as gravações para os 16 episódios, que foram concluídas em maio. Ao longo de todo o processo, diz o diretor, a perplexidade o guiou. “Em vários aspectos, ainda estamos nos século 19. O racismo é um exemplo”, afirma.

Essa expressão de crítica e indignação permeia toda a minissérie, mas a produção não se restringe a isso. Nos instantes iniciais do primeiro episódio, em meio a imagens de ondas, uma voz feminina entoa na língua africana quimbundo —com legendas— comentários sobre kalunga, palavra com diversos significados, como mar, imensidão e morte.

Em seguida, grafismos de cores diversas ocupam a tela enquanto continuamos a ouvir o texto baseado na cultura banto. Ou seja, a originalidade do ponto de vista visual e narrativo, que caracteriza os trabalhos de Carvalho, é outra marca de “Independências”.

A essa altura do texto, o leitor já deve ter percebido que a minissérie “Independências” vai ao Brasil das primeiras décadas do século 19, mas não se contenta em retratar apenas a família real e as elites políticas e econômicas do Rio de Janeiro que a cercam.

Estão lá, entre outros, dom Pedro 1º, a imperatriz Leopoldina, vivida pela inglesa Louisa Sexton, Carlota Joaquina, interpretada por Ilana Kaplan, e dona Maria 1ª, a Louca, papel de Walderez de Barros.

Mas também ganham vida nomes que participaram dos levantes contra o despotismo e que foram relegados a um segundo plano da história, como a negra baiana Maria Felipa, vivida por Verônica Múcuna, que combateu os portugueses na ilha de Itaparica.

“Independências” se inspira em fatos reais, o que não impede a dramaturgia de criar figuras da ficção. Uma delas é Pelegrina, que conduz a narrativa de maneira onipreste. Vivida por Alana Ayoka na juventude e Isabél Zuaa quando adulta, Pelegrina é uma espécie de griote, como são chamadas as contadoras de história na África Ocidental. Representa ainda um conjunto de saberes que foram apagados ao longo da colonização.

O texto é assinado por Luiz Alberto Abreu, antigo parceiro de Carvalho, Melina Dalboni e o próprio diretor. Eles contaram, no entanto, com diversos colaboradores. O pesquisador e poeta Tiganá Santana, a escritora Cidinha da Silva e a historiadora Ynaê Lopes dos Santos contribuíram para aprimorar os diálogos e o gestual desse núcleo africano. O também escritor Kaká Wera ajudou na construção dos personagens indígenas, como Inaiá, papel de Zahy Guajajara.

Abrir espaço a essa variedade de vozes, em geral esquecidas, não implica retratar os membros da família real como repugnantes, segundo o diretor. “Tentei me aproximar de dom Pedro 1º por meio das suas forças contraditórias, as luzes, as escuridões, as fraquezas. Não quero vilanizá-lo.”

Será, de qualquer forma, um imperador incomum. “Me agrada saber que não é um dom Pedro normal. Ouvi Luiz orientando outro ator a fazer o personagem de modo estranho e trouxe a dica pra mim. Resolvi fazer de um jeito estranho”, diz Daniel de Oliveira.

Nos 200 anos do grito, vem a calhar um imperador insólito e falível, sem a pose de herói do quadro de Pedro Américo.

Independências
Brasil, 2022. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Com: Antonio Fagundes, Daniel de Oliveira, Louisa Sexton. Qua., às 22h, na TV Cultura. Classifiação indicativa não informada

Lovato levanta dia fraco de pop antes de Bieber

Primeiro domingo de Rock in Rio foi tomado pelas mulheres, mas shows de Iza e Luísa Sonza tiveram recepção morna

Lucas Brêda e Marina Lourenço

RIO DE JANEIRO Mesmo com a expectativa pelo show de Justin Bieber, marcado por incertezas até o último segundo, o primeiro domingo de Rock in Rio foi das mulheres.

Afinal o cantor canadense subiu ao palco pontualmente às 23h, após uma introdução de viés religioso e motivacional. A plateia lotada se esgoelava enquanto ele abria o show com "Somebody", hit recente de seu álbum "Justice".

Mas o temor de que o astro cancele as suas demais apresentações no Brasil segue firme, com rumores cada vez mais concretos de que o show do Rock in Rio seja o único de sua passagem pelo país.

O tom anticlimático também marcou os shows anteriores. Com uma programação voltada ao pop, a noite começou morna com as apresentações de Iza e Luísa Sonza. Em seguida, Demi Lovato, em sua fase roqueira, levantou o astral enlouquecendo a geração Z com seu repertório cheio de nostalgia da época da Disney.

A cantora abriu o show com "Holy Fvck", faixa que dá nome ao seu novo disco, lançado semanas atrás com letras que atravessam temas como sexo, religião e vício em drogas.

Os lovatics, fãs fervorosos da cantora, tiveram a memória afetiva acesa em canções como "La La Land", hit de sua fase de estrela da Disney, quando foi protagonista de "Sunny entre Estrelas" e "Camp Rock".

A atmosfera lembrou o show de Miley Cyrus no Lollapalooza, em março, outra ex-atriz da Disney que engrenou pelo rock mais pesado sem deixar de agitar seus fãs com sucessos da década passada.

Mais cedo, Iza, primeira mulher preta do país a cantar no maior palco do festival, fez um show seguro, em que reverenciou personalidades negras no telão e no repertório. Ela surgiu do meio do público para cantar "Pesadão", que marcou sua transformação de cantora de covers no YouTube em estrela do pop nacional.

A cantora aproveitou o momento histórico para reverenciar artistas como Dona Ivone Lara, Martinho da Vila e Ludmilla em fotografias. O momento mais emocionante foi quando exaltou sua ancestralidade exibindo no telão mensagens com mulheres negras —entre elas, Taís Araujo, Zezé Motta e Djamila Ribeiro, colunista deste jornal. Isso logo antes de cantar "No Woman, No Cry" com sua mãe, Isabel Cristina, que tocou piano e depois colocou uma coroa na cabeça da filha, numa cena muito aplaudida.

O show teve momentos quentes com "Gueto", "Ginga" e "Meu Talismã", hits mais antigos de Iza, que o público acompanhou cantando junto.

Não foram todas as canções, porém, que tiveram recepção calorosa. Apesar de fazer um pop dançante, Iza deixou arrastadas algumas das suas performances, como "Droga", uma faixa inédita que foi recebida com alguma indiferença.

Antes, Luísa Sonza fez um show anticlimático em que acabou desafinando. Conhecida por apresentações e canções animadas, ela tinha potencial para entregar mais do que fez em sua primeira participação no festival, na qual optou por crescer só mais para o fim do show no palco Sunset.

Sonza abriu a apresentação ao som de "Intere$$eira" e, depois, engatou em "VIP *_*" e "Toma". Também cantou "Boa Menina", "Sentadona", "Cachorrinhas" e "Modo Turbo".

Como esperado, chacoalhou bastante a bunda —ora vestida com uma calça, ora com uma minissaia— e provocou gritos empolgados dos fãs, que cantavam junto e faziam dancinhas do TikTok.

Revelação do pop em 2021, Marina Sena subiu ao palco e dividiu o microfone com Sonza numa curta participação, que contou com canções como "Por Supuesto" e "Voltei pra Mim". O som do microfone da convidada estava baixo e, em vários momentos, não foi possível ouvir sua voz, sobretudo na área mais afastada do palco. Ela também não ofereceu grande empolgação.

Um momento emocionante foi em "Melhor Sozinha :-)-:", que fez em parceria com Marília Mendonça, sertaneja morta ano passado. Mas Sonza desafinou na canção, assim como tinha feito em "Primeiro de Julho", de Cássia Eller, ao se arriscar em melismas.

Mais cedo, o rapper Matuê fez uma verdadeira celebração do skate e se posicionou contra o presidente Bolsonaro. Ícone do trap nacional, o artista havia sido a primeira atração do espaço no domingo, à tarde.

O trapper homenageou Chorão, emocionado, e convidou dois ex-integrantes do Charlie Brown Jr. —o baterista André Pinguim e o baixista Heitor Gomes—, para acompanhá-lo durante o show.

Já aquela que parecia ser a atração menos esperada do Rock in Rio deste ano, o Jota Quest ofereceu um pop dançável e uma mensagem em prol da Amazônia, revertendo a antipatia do público. Isso porque o grupo foi escalado como substituto de última hora de The Migos, trio americano de trap que cancelou a participação, desagradando boa parte dos fãs, que esperavam outro rapper no lugar.

Rogério Flausino abriu o show com "Além do Horizonte", e o público, que parecia mais velho, cantou uma previsível sequência de sucessos da banda —"O Sol", "Mais uma Vez", "Amor Maior", "Blecaute, e "Planeta dos Macacos".

Durante "Dias Melhores", Flausino levantou uma bandeira do projeto Amazônia Livre, mas foi incapaz de dizer uma palavra sobre quem incentiva o desmatamento. "Essa é uma questão que não tem lado", disse, de cima do muro.

A partir da esquerda, as cantoras Luísa Sonza e Iza e o rapper Emicida durante os shows do terceiro dia de Rock in Rio, neste domingo (4) Fotos Eduardo Anizelli/Folhapress

Emicida exalta voto contra Bolsonaro, e Gilberto Gil emociona

Leonardo Lichote e Carlos Albuquerque

RIO DE JANEIRO Com um cenário de projeções simulando enormes vitrais, Emicida ergueu no palco Sunset do terceiro dia do Rock in Rio, neste domingo, uma catedral em celebração à cultura negra brasileira.

Logo depois, o rapper ironizou pessoas que dizem que palco não é lugar para política, numa possível alfinetada nos organizadores do festival, que têm dado declarações nesta linha. Roberta Medina, chefe do Rock in Rio Lisboa, disse a este jornal que "política não se faz em cima do palco".

Quando a plateia entoou um coro de "ei, Bolsonaro, vai tomar no cu", Emicida fez graça pedindo para falarem mais alto porque não conseguia ouvir. Então emendou um recado eleitoral: "Dia 2 de outubro, por favor, façam isso na urna."

O rapper iniciou seu show com "Triunfo", incendiada pelo excelente naipe de metais e recebida com empolgação pela plateia. A apresentação teve o calor do público como contraponto ao frio da noite carioca. O único momento em que a temperatura baixou no palco foi na etérea "Você Aprendeu a Amar?", de Priscilla Alcântara.

O repertório certeiro passou por hits de diversos períodos, como "Levanta e Anda", "Pantera Negra", "Amarelo" e "Gueto", que teve citação ao clássico "Rap da Felicidade", de Cidinho e Doca. "Música preta brasileira é isso", sintetizou o rapper a certa altura.

As rimas de Emicida —em suas diferentes maneiras de cantar as mil camadas de penetração do racismo na sociedade e nas mentes brasileiras— tiveram forte apelo sobre a plateia. O público, em sua maioria branco, cantou com vontade versos de valorização de autoestima negra, ecoando um "nós" que na verdade era "eles". A contradição carrega algo de belo pelo que anuncia de futuro, mas também expõe certa perversidade da estrutura social brasileira.

Emicida não ignora nada disso. O tempo todo sua música aponta essa perversidade e essa beleza —temperadas pela pressão dos metais e pelas sugestões de rítmicas brasileiras na percussão, como o maracatu em "Boa Esperança".

Depois de Alcântara, a primeira a ser chamada ao palco, Emicida lembrou com Rael canções como "A Chapa É Quente" e "Levanta e Anda". Sozinho, o convidado fez o hit "Envolvidão", com direito a drible na rima machista. Em vez de "Nem combina com as mulheres vulgares/ Uma noite e nada mais", cantou: "Nem combina com aquela rima antiga/ Que eu nem rimo mais."

Com os dois homens ao lado, Drik Barbosa, apresentada por Emicida como "nosso cristal brilhante", se saiu bem com sua "Luz", que citou "Andar com Fé", de Gilberto Gil, atração seguinte no palco Sunset.

O ícone da tropicália fez de sua apresentação uma celebração da música brasileira ao lado de sua família, num show que atravessou os mais de 50 anos de carreira do patriarca, com um emocionante desfile de sucessos que se mantêm atuais, como a oportuníssima "Andar com Fé", que cantou ao lado da filha Preta.

Com Gil elegante, usando óculos e blusa florida, o show foi aberto com a sugestiva "Palco", do álbum "Luar", de 1981. O astro saudou a plateia: "Obrigado pela presença. Na outra vez, tinha mais lama", numa referência à sua apresentação na primeira edição do festival carioca, em 1985.

Ao lado de Gil, o neto guitarrista João garantia o ritmo da banda, enquanto a filha Nara, entre as backing vocals, reforçava as notas que, eventualmente, o pai não alcançasse mais. Os metais surgiram reforçados pelo trombone de Marlon Sette, e a percussão ficou a cargo de Marcelo Costa.

Os dois reggaes do repertório, "Nao Chore Mais" e Vamos Fugir", vieram cercados por patrimônios da MPB, como "Aquele Abraço", "Expresso 222" e "Garota de Ipanema" —com a voz da neta Flor Gil, de 13 anos, que não conteve as lágrimas ao encontrar o avô.

No fim, Gil emendou "Tempo Rei" e "Toda Menina Baiana", enquanto a plateia entoava o coro "Gil, eu te amo", provando que, mesmo aos 80 anos, ele não costuma faiá.

Quando eu fechar meus olhos

Delma me trouxe a garrafa símbolo da fragilidade dos objetos, não das relações

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Era uma garrafa antiga, vermelha, de pescoço comprido e tampa em formato de bola. Dessas que foram moda, mas que agora são cada vez mais raras de se encontrar, pois quebram à toa. Passou toda a minha infância em cima da pia do banheiro —até que se perdeu durante uma mudança.

Consegui reencontrá-la quase três décadas depois, no fundo de uma foto postada no Facebook. Ao lado de uma bandeja de cajuzinhos, na festa de aniversário de 96 anos de dona Izabel, mãe de Delma. Não se tratava da mesma garrafa. A nostalgia provocada por ela é que me deu essa noção emotiva de continuidade. "Ah, você adora essas coisas. Um dia eu falo com mamãe. Quem sabe?"

Delma me conhece bem. Desde o primeiro lar da minha vida adulta, sempre a tive por perto. Uma vez por semana. A semana inteira. Eu sem filho. Eu com filho. Atravessando meus diferentes estados civis. E com uma flanela na mão, sendo testemunha de todos os badulaques que já garimpei, troquei e dos quais me desfiz. Repetindo seu mantra: "Ah, você adora essas coisas".

Até que realmente falou sobre a garrafa com dona Izabel —que não só mandou recado, como me pôs em seu testamento. "Quando eu fechar meus olhos, pode contar. É tua! Na idade em que eu estou? Não vai tardar..."

Aí é que está. Torci muito para tardar, dona Izabel. Perspectivas de fim eram justamente o que me atormentavam àquela época. Internada havia meses, minha própria mãe não dava sinais de melhora. E o vaivém constante do hospital fazia com que eu mal encontrasse Delma em casa.

Um dia, de surpresa, ela me apareceu trazendo algo enrolado num pano de prato. Havia encarado uma van, um ônibus e o metrô com aquele volume, se escorando com toda a delicadeza. "Minha mãe te mandou esse presente adiantado, desejando melhoras para a tua." Era a garrafa, igualzinha à da minha infância. Conforme eu me lembrava, em cada detalhe. Tão frágil quanto eu, naquele momento.

Mamãe morreu logo depois. Já dona Izabel teve outras festinhas, com mais cajuzinhos e celebrações digitais. Hoje pela manhã, tive a notícia de que se despediu do mundo aos 101 anos. Cercada pela família, mas sobretudo por Delma. Como era de se esperar.

Quando eu também fechar meus olhos, seguirei revendo aquele gesto no tal filmezinho da vida. A garrafa passará adiante. Enquanto isso, obrigada, Delma. Por tudo. Frágeis são os objetos, não certas relações. E como eu adoro essas coisas.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Independência do Brasil é tema de minissérie documental

Insurgentes

History, 23h05, livre

Conduzida pelo historiador Ricardo Carvalho, esta produção original do canal lança luz sobre as batalhas pela Independência travadas entre brasileiros e portugueses em estados do Norte e do Nordeste do país, como Pará, Pernambuco e Bahia. Os cinco episódios serão exibidos até sexta-feira, ao ritmo de um por dia, sempre no mesmo horário.

Portinaris Raros

Site do CCBB, grátis

A exposição que já foi vista por mais de 100 mil pessoas no Centro Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro agora também pode ser visitada virtualmente. Ainda é possível baixar o catálogo completo da mostra, de graça.

Mulheres na Literatura de Cordel

YouTube do Museu do Pontal, 18h

A pesquisadora Ana Carolina Nascimento conversa ao vivo com as poetas e pesquisadoras da literatura de cordel Rosário Pinto e Dalinha Catunda.

Edição das 18h

GloboNews, 18h, livre

Fernando Gabeira e Nilson Klava lançam o quadro Estação Congresso. Em oito episódios, os jornalistas explicam o papel do Legislativo e a importância da escolha de um bom candidato.

Roda Viva

Cultura, 22h, livre

No Dia Mundial da Amazônia, o programa recebe o líder indígena Beto Marubo, integrante da Unijava, a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari. Entre os assuntos, o abandono da Funai pelo governo federal e o assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips.

Bohemian Rhapsody

Globo, 23h05, 14 anos

A emissora reprisa a cinebiografia de Freddie Mercury, vocalista do Queen. O filme também está disponível na Netflix e no Star+.

As Estranhas Origens das Guerras Culturais

Site bbc.com/brasil, YouTube da BBC News Brasil e plataformas de áudio, grátis

O jornalista Thomas Pappon narra a versão brasileira do podcast "Things Fell Apart", de Jon Ronson, contando como questões como o aborto e os direitos das pessoas trans dividiram a sociedade americana.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

5			2	6		9	3	
		9	3		7	5		
				4		8		2
		8					6	
	5					4		
1		6		8				
		7	6		5	2		
	4	5		7	2			8

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com novelacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

5	7	4	2	6	8	9	3	1
2	8	9	3	1	7	5	4	6
6	1	3	5	4	9	8	7	2
9	3	8	4	2	1	7	6	5
4	6	2	7	5	3	1	8	9
7	5	1	8	9	6	4	2	3
1	2	6	9	8	4	3	5	7
8	9	7	6	3	5	2	1	4
3	4	5	1	7	2	6	9	8

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Palavra usada em despedidas / (Pop.) Tranquilo **2.** Sigla do estado de Garanhuns e Petrolina / Iguaria italiana a base de arroz **3.** Os frutos da parreira / Filtrar **4.** Argamassa que se aplica a uma parede para lhe proporcionar uma superfície lisa e uniforme / Região Militar **5.** Peça em que se adapta o pneu da bike / Caminho ladeado de árvores **6.** Área ocupada por uma só espécie de plantas nativas **7.** Atividade que atrai muitos caçadores para a África **8.** Dinheiro devido **9.** Prejuízo / Interjeição usada ao telefone **10.** Interjeição de surpresa / Que tem duas partes ou dois elementos **11.** Conjunto de montanhas que formam um bloco contínuo / Pois não! **12.** Relato rápido e engraçado de um fato **13.** Anfíbio semelhante à rã / (Fig.) Ponto central dos acontecimentos.

VERTICAIS

1. Contar votos de uma eleição / Pouco mais ou menos (fem.) **2.** Obrigações morais / O nome da princesa de Gales, falecida tragicamente (1961-1997) **3.** Tola, estúpida / Dígitos que indicam um endereço postal **4.** Um animal como Zé Colmeia / Aquele que recebeu ou sofreu dano **5.** A última nota da escala musical / Qualquer lugar fechado, escuro e úmido **6.** O técnico de futebol, campeão do mundo em 2002, Luiz Felipe / Recipiente de boca larga e com tampa, para acondicionar cosméticos **7.** (Red.) Parque onde podem ser vistos onças e camelos / Ordem oficial que se afixa em local próprio e visível ao público / Grito de dor física ou moral **8.** Diz-se de faixa de idade / (Pop.) Aguardente de cana **9.** Regra de comportamento / O nitroso é também chamado de gás hilariante.

HORIZONTAIS: 1. Adeus, Zen, **2.** PE, Risoto, **3.** Uvas, Coar, **4.** Reboco, RM, **5.** Aro, Aleia, **6.** Rebolada, **7.** Safári, **8.** Débito, **9.** Dano, Alô, **10.** Ui, Duplex, **11.** Maciço, Oi, **12.** Anedota, **13.** Sapo, Eixo. **VERTICAIS: 1.** Apurar, Umas, **2.** Deveres, Diana, **3.** Abobada, CEP, **4.** Urso, Ofendido, **5.** Si, Calabouço, **6.** Scolari, Pote, **7.** Zoo, Edital, Ai, **8.** Etária, Óleo, **9.** Norma, Óxido.

Ricardo Cammarota

Quem tem medo da Michelle?

Como pode evangélica com ideias machistas faturar votos entre mulheres?

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Quem tem medo da Michelle? De repente, a esquerda descobriu que existem mulheres que não odeiam as famílias, os maridos e que ainda pensam em ter filhos. E que, ainda pior, acreditam que a vida seja atravessada por lutas espirituais que nos parecem —refiro-me aqui à população secular e descrente —coisa da pré-história. Quem ainda acredita numa luta do bem contra o mal?

Correm a mostrar estudos para alimentar a campanha de Lula a fim de que a esquerda aprenda o perdido vocabulário das pessoas que têm apenas a família para cuidar dos doentes e do dia a dia. A verdade é que a esquerda está acostumada a luxos básicos e descarta a família como valor.

São tantos os anos em que a academia tem demonizado a instituição da família, acusando-a de patriarcal e opressora, repressiva da sexualidade feminina, que é difícil crer num discurso "progressista" que valorize a família a esta altura.

Desde Karl Marx (1818-1883), a intelligentsia acusa a figura do pai como representante da opressão. Eis um clássico e um clichê. Até hoje, a maioria dos trabalhos em ciências sociais sobre família continuam nessa toada. O pai é sempre candidato a estuprador.

Mas mudemos o assunto, falemos de algo mais sexy, já que estamos em clima de eleições. Será que as feministas gozam mais do que as evangélicas? Alguma pesquisa nessa área? Será que a crença no pecado ainda é um fetiche melhor do que conceitos como a biopolítica do "meu corpo, minhas regras"?

Agora que a eleição está chegando, a intelligentsia está começando a prestar atenção ao fenômeno social mais importante do país nas últimas décadas, a tomada do poder social pelos grupos evangélicos. O Brasil vive, séculos depois da Europa, a ameaça de uma guerra religiosa nas urnas.

Os seculares acostumados a ter seguro de saúde, psicanalista, clube, casa no litoral norte, hotel fazenda à mão para seu único filho e seus pets, restaurantes descolados e aulas na universidade, onde discursos sobre o caráter regressivo da família são oferecidos aos jovens perdidos na maionese, acordaram um dia depois de um pesadelo e se perguntaram: quem é essa Michelle?

Como pode uma evangélica com ideias machistas faturar votos entre mulheres? Alguém tem que impedir essa mulher de avançar no eleitorado evangélico com essas ideias absurdas! Mas, cuidado, lembrem-se que ela é evangélica raiz!

A operação da esquerda é medida pela régua de quanto se pode convencer uma evangélica a comprar o pacote feminista. Mas como fazer isso sem fazê-la aprender a achar que o marido dela é um estuprador potencial? A esquerda "defende" a família despedaçando-a em elementos vítimas e elementos culpados. Nunca é o conjunto. Parte-se do pressuposto de que toda família é doente, até que se prove o contrário. Talvez seja verdade, não?

Até dá para entrar em campo na disputa pelos corações evangélicos falando que a família é uma unidade de cuidado de idosos, mulheres e crianças e convencer esse povo de Jesus de que, na falta de um Estado melhor, a família pode até ser tolerada, mesmo sendo atavicamente indesejável pelos inteligentinhos.

Os protestantes, quando se põem a trabalhar, são uma peste, seja lá para o que for. Alguns acham que eles inventaram o capitalismo em larga escala, com essa tal de redenção intramundana que dá em acordar cedo, trabalhar para cacete e não gastar muito para não dar espaço para essa natureza humana depravada ganhar terreno dentro da sua alma.

Sabe-se que nas eleições vale tudo para ganhar. Vale um cara que se diz Deus e fala coisas que nada têm a ver com a conhecida teologia cristã do amor ao próximo, como o Bolsonaro, e vale toda uma horda de seculares que despreza a fé dos evangélicos engatinhar na linguagem de Deus versus o Diabo para ganhar votos desses pobres diabos.

A dimensão circense da democracia abre nova temporada. Mas que os idiotas da direita não se animem —ruim com o circo, pior sem ele. Não há nenhum sistema de governo melhor do que a democracia.

Porém, voltando ao medo, já pensou se essa mina machista de Jesus sair para presidente em 2026? Imagina o estrago?

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Lago artificial em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos; país tem projeto que injeta substâncias químicas em nuvens para tentar forçar a precipitação Fotos Bryan Denton - 5.mar.2022/The New York Times

Oriente Médio disputa nuvens para tentar 'plantar' chuvas

Técnicas são vistas com ceticismo por cientistas; Israel abandonou programa

MUNDO

Alissa J. Rubin

ABU DHABI | THE NEW YORK TIMES Há anos o Irã teme que vizinhos estejam privando o país de uma de suas fontes vitais de água. Mas a preocupação não era dirigida a uma barragem ou a um aquífero que estaria sendo drenado. Em 2018, com uma estiagem grave e temperaturas em alta, autoridades concluíram que alguém estava roubando sua água das nuvens.

"Israel e outro país estão se mobilizando para impedir nuvens iranianas de dar chuva", disse em discurso em 2018 o general Gholam Reza Jalali, alto funcionário da poderosa Guarda Revolucionária do Irã.

A nação não citada era os Emirados Árabes Unidos, que lançaram um projeto ambicioso de semeadura de nuvens, injetando substâncias químicas para tentar forçar a precipitação. As suspeitas do Irã não são surpreendentes, dadas suas relações tensas com a maioria dos países do Golfo Pérsico, porém o verdadeiro objetivo dos esforços não é roubar água, mas simplesmente fazer com que chova em terras esturricadas.

Diante do ressecamento crescente do Oriente Médio e do norte da África, países da região se lançaram numa corrida para desenvolver produtos químicos e técnicas que permitam arrancar gotas de chuva de nuvens que, de outro modo, apenas flutuariam no céu.

Aeronave lança nanomaterial experimental em demonstração nos Emirados Árabes Unidos

Com 12 das 19 nações com média de menos de 25 centímetros de precipitação pluviométrica por ano, queda de 20% nos últimos 30 anos, os governos estão desesperados por qualquer fonte adicional de água doce.

Enquanto países ricos como os Emirados Árabes injetam centenas de milhões de dólares no esforço, outros entram na corrida procurando evitar ficar sem sua parcela justa de chuva antes que toda a umidade seja drenada do céu. Tudo isso apesar de questionamentos sobre se a técnica gera precipitação suficiente para justificar o esforço e a despesa.

Marrocos e Etiópia já têm programas de semeadura de nuvens. O Irã também. A Arábia Saudita acaba de iniciar um programa em grande escala, e meia dúzia de outros países estudam fazer o mesmo.

A China tem o projeto mais ambicioso do mundo, visando a estimular chuva ou a impedir granizo em metade do país, e tenta forçar nuvens a produzir chuva sobre o rio Yangtze, que sofre com a seca.

20%
foi a queda dos centímetros de precipitação pluviométrica nos últimos 30 anos em países no Oriente Médio e norte da África

670 litros
de água per capita são consumidos diariamente pelos habitantes dos Emirados; média mundial é de 214 litros

A semeadura de nuvens é praticada há 75 anos, mas especialistas dizem que sua eficácia científica ainda não foi comprovada. Eles rejeitam especialmente a ideia de que um país possa drenar as nuvens e desse modo prejudicar outros situados na direção dos ventos.

Segundo cientistas, o tempo de vida de uma nuvem, especialmente as do tipo cúmulo, raramente supera duas horas. Elas podem durar mais tempo, mas raramente o suficiente para chegar a outro país. As nações do Oriente Médio rejeitam essas dúvidas.

Atualmente, o líder inconteste no esforço é Abu Dhabi. Ainda em 1990 a família governante do país reconheceu que manter um suprimento abundante de água seria tão importante quanto as enormes reservas de óleo e gás para conservar seu status de capital financeira e de negócios do Golfo Pérsico.

Havia água suficiente em 1960, quando seus habitantes não chegavam a 100 mil pessoas, mas em 2020 a população já crescera para quase 10 milhões —e a demanda seguiu a trajetória. Hoje os habitantes dos Emirados consomem 670 litros de água per capita por dia; a média mundial é de 214 litros.

A demanda está sendo suprida por usinas de dessalinização, mas cada uma custa US$ 1 bilhão (R$ 5,1 bilhões) ou mais para ser construída e requer volumes altíssimos de energia para operar. Após 20 anos de pesquisas, o Centro Nacional de Meteorologia e Sismologia opera seu programa de semeadura de nuvens com protocolos quase militares. Nove pilotos se alternam em plantão, prontos para decolar assim que os meteorologistas avistam uma formação meteorológica promissora.

O país usa duas substâncias para a semeadura: o tradicional iodeto de prata e uma substância que acaba de ser patenteada, desenvolvida na Universidade Khalifa, em Abu Dhabi, que utiliza nanotecnologia e seria mais adaptada às condições secas e quentes do Golfo Pérsico.

Os pilotos injetam os materiais na base da nuvem, deixando que as correntes ascendentes os elevem para dezenas de milhares de pés.

Na teoria, o material de semeadura, composto de moléculas higroscópicas (que atraem água), liga-se a partículas de vapor que compõem a nuvem, atraindo mais partículas até formar gotículas, que eventualmente ficam suficientemente pesadas para cair sob a forma de chuva —os materiais da semeadura, de acordo com os cientistas, não têm qualquer impacto ambiental relevante.

Isso na teoria. Muitos membros da comunidade científica questionam a eficácia da tática, apontando entre os obstáculos a dificuldade —ou impossibilidade— de documentar aumentos concretos na precipitação. "Depois de semear a nuvem não dá para saber se ela teria produzido chuva de qualquer maneira", diz Alan Robock, da Universidade Rutgers.

Israel, pioneiro na semeadura de nuvens, suspendeu seu programa em 2021, após 50 anos, porque ele pareceu proporcionar ganhos apenas marginais. "Não foi economicamente eficiente", diz Pinhas Alpert, professor emérito da Universidade de Tel Aviv.

Apesar das dificuldades de colher dados, o centro dos Emirados defende que os métodos estão gerando um aumento de pelo menos 5% na precipitação anual —mas reconhece a necessidade de dados que cubram mais anos para satisfazer a comunidade científica.

Tradução Clara Allain

LEIA TAMBÉM

mercado
➔ Empresa holandesa investe em submarinos particulares *p. 2*

independência, 200
➔ Mercenário francês liderou tropas da Independência na BA *p. 3*

f5
➔ Inspirada em memórias, 'Pistol' mostra primórdios da banda *p. 4*

Submarino se aproxima de navio naufragado perto da costa sul de Curaçau; máquinas vem sendo usadas em cruzeiros de lazer Fotos Mohamed Sadek/The New York Times

Empresa holandesa investe em submarinos particulares

Com nova versão de dois lugares, U-Boat Worx espera popularizar máquinas

MERCADO

Kevin Koenig

Homem maneja os controles de um dos submarinos feitos pela holandesa U-Boat Worx

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Na protegida costa sul de Curaçau, uma ilha tropical nas Antilhas, 64 quilômetros ao norte da Venezuela, fica um enorme navio da Marinha holandesa da época da Guerra Fria, que abriga algo notável. O barco serve como posto avançado no Caribe da U-Boat Worx, uma construtora de submarinos pessoais com sede na Holanda, que espera levar suas máquinas subaquáticas às massas. Este repórter estava lá para testar uma experiência extraordinária que, até recentemente, estaria fora do alcance de todos, exceto os mais ricos.

Esta praia em particular, com seu mar constantemente calmo, era ideal para um mergulho até um leito marinho tão escuro e estranho quanto a superfície oculta da Lua.

O submersível que o New York Times deve acesso (Super Yacht Sub 3 da U-Boat Worx) seguiu uma corda-guia coberta de algas pelo relevo íngreme da ilha, até que a luz do Sol desapareceu. A cor da água mudou de verde-esmeralda para um azul arroxeado, depois um cinza-tempestade e, finalmente, uma escuridão inflexível com a "neve marinha" rodopiando (partículas de matéria orgânica).

Desde a sua invenção, no século 17, os submarinos foram usados principalmente para guerra, comércio e ciência. Agora eles se tornaram a última fronteira dos cruzeiros de lazer.

"Em 2007, fomos ao Monaco Yacht Show para apresentar nossos submarinos aos velejadores e as pessoas acharam que era uma piada", disse Erik Hasselman, diretor comercial da U-Boat Worx.

"Eles pensaram que éramos um grupo de estudantes malucos com um protótipo e ninguém achou que fosse real. Então, um punhado de proprietários de superiates começou a comprá-los e agora todos que têm um iate de mais de 150 pés (45 metros) estão pelo menos considerando comprar um."

Até o momento, a U-Boat Worx vendeu 40 submarinos e tem mais 15 em produção. Dependendo da marca e do modelo, os submarinos pessoais tendem a variar de US$ 2,5 milhões a US$ 3,5 milhões (R$ 12,9 milhões a R$ 18,1 milhões, na cotação atual) —excluindo o preço do iate de US$ 35 milhões (R$ 181 milhões).

Mas a U-Boat Worx lançou recentemente uma série de modelos mais baratos de dois lugares, chamados Nemo, com recursos padronizados e um sistema operacional mais simples que não requer um profissional.

A U-Boat Worx oferece aos proprietários do Nemo um curso de treinamento de duas semanas que inclui teoria e 20 mergulhos de experiência. Custa US$ 1 milhão (R$ 5,17 milhões) —o preço de uma casa muito boa nos subúrbios de Nova York, nos EUA.

Em sua missão de vender mais submersíveis, a empresa está lançando um programa de propriedade compartilhada com base em Curaçau e Bonaire, nas Antilhas holandesas, e no sul da França, que permite aos clientes dividir o custo de propriedade em oitavos (mais treinamento), por cerca de US$ 154 mil (R$ 796 mil) cada um.

Em outras palavras, a propriedade do submarino pode agora ser desfrutada por um dentista bem-sucedido. Hasselman sugeriu que as embarcações U-Boat Worx estão entre os meios de transporte mais seguros do mundo. "Fizemos 3.700 mergulhos sem incidentes", afirmou.

> Você não precisa mais de tanques de oxigênio para ver todas as coisas que há lá embaixo. Você toma um coquetel, escolhe sua música, desce algumas centenas de metros [com o submarino] e se diverte
>
> **Carl Allen**
> dono de uma submarino da Triton Submarines, principal concorrente da holandesa U-Boat Worx

O catalisador improvável para o sucesso do submarino pessoal foi a indústria de cruzeiros. "Em 2015, fizemos nossa primeira entrega para uma linha de cruzeiros", disse Hasselman, "e isso mudou a percepção geral porque é um grande negócio. Se uma empresa de cruzeiros está fazendo algo, então deve ser comprovado e infalível."

Hoje, várias linhas de cruzeiro usam submarinos para satisfazer os desejos de aventura de seus hóspedes. Por exemplo, a Seabourn Cruise Line trata suas excursões ao Ártico e à Antártida como safáris —levando ornitólogos, biólogos marinhos, geólogos e outros especialistas no pacote.

Os submarinos desempenham um papel vital nessas experiências. Um lugar a bordo de um mergulho polar de 45 minutos custa a partir de US$ 899 (R$ 4.650). Num momento em que um vídeo causador de inveja postado nas redes sociais é uma espécie de moeda, para alguns, esse é um bom investimento.

Submarinos pessoais não são apenas para passear. Carl Allen, empresário que vendeu a companhia de sua família em 2016, é dono de uma embarcação construída pela Triton Submarines, principal concorrente da U-Boat Worx.

A Triton, com sede na Flórida (EUA), é mais conhecida por levar o financista e aventureiro Victor Vescovo à parte mais profunda da Fossa das Marianas —11 quilômetros abaixo do nível do mar— em um modelo com casco de titânio, em 2019. A embarcação de Vescovo quebrou um recorde de profundidade antes detido pelo cineasta James Cameron, de "Titanic".

Allen também é dono de Walker's Cay, uma ilha no norte das Bahamas, e a usa como base para uma operação de caça ao tesouro equipada com submarinos. "Uma vez que você chega abaixo de cerca de 45 metros, há uma boa chance de ver algo que ninguém nunca viu", disse Allen.

Ele conta entre seus achados balas de mosquete, barras de ouro e uma grande esmeralda que acredita ser parte do tesouro do famoso naufrágio do Nuestra Señora de las Maravillas. Allen abriu um museu marítimo em Freeport, nas Bahamas, em conjunto com o governo.

Para Allen, um mergulhador com bastante experiência, mergulhar num submarino tem um ar de camping chique. "Você não precisa mais de tanques de oxigênio para ver todas as coisas que há lá embaixo", disse ele. "Você toma um coquetel, escolhe sua música, desce algumas centenas de metros e se diverte."

Nem todo mundo se sente assim sobre a experiência. Para alguns novatos em submarinos, a claustrofobia é um grande problema.

Os compartimentos de passageiros na maioria dos modelos são apertados pela definição de qualquer pessoa. Allen disse que recentemente teve um piloto de F-16 a bordo de seu submarino que o comparou ao cockpit de um jato de combate. E não há banheiro, o que significa que os viajantes devem pensar duas vezes sobre aquele coquetel.

Mas não é apenas a claustrofobia. A maneira particular como a luz refrata através da água do mar e a bolha de acrílico de 10 centímetros de espessura que separa os passageiros da água pode induzir um medo de cair do barco. "Tivemos alguns problemas com ataques de pânico", admitiu Hasselman, "mas geralmente podemos dizer se algo está acontecendo antes de realmente começarmos."

A curvatura da janela também distorce os objetos debaixo d'água, então eles parecem menores e mais próximos do que realmente são. Por exemplo, o Stella Maris, um cargueiro de 90 metros afundado intencionalmente em Curaçau, parecia um brinquedo de banheira para mim enquanto o submarino o rodeava.

Mas estar a centenas, ou até milhares, de metros de profundidade no oceano é sentir-se engolido por algo impossivelmente grande e incessantemente desafiador. Pode haver uma estranha paz nisso. Depois que o mundo lá fora fica preto, o piloto muitas vezes pergunta se os passageiros gostariam de desligar os faróis do submarino e ficar parados por um momento no escuro, no fundo do mar.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Mural de Carybé 'A Batalha de Pirajá', de 1978, que retrata o primeiro grande combate campal da guerra pela Independência na Bahia, em 1822 Reprodução/'O Sequestro da Independência' (Companhia das Letras)

Mercenário francês liderou tropas da Independência

Na Bahia, Pierre Labatut organizou batalhões e ganhou fama de violento

João Pedro Pitombo

SALVADOR Quatro colunas em estilo neoclássico formam a fachada do Panteão de Labatut, monumento erguido em 1914 no bairro de Pirajá, periferia de Salvador. Ali, todos os anos no dia 1º de julho, flores são depositadas em homenagem a um dos personagens mais controversos das guerras pela Independência no Brasil.

No monumento, estão os restos mortais de Pierre Labatut, mercenário francês que desembarcou na Bahia em outubro de 1822 para liderar as tropas de brasileiros que se organizavam para tomar uma Salvador dominada pelos portugueses.

Ele organizou batalhões do Exército Libertador, mandou matar escravizados que se uniram aos portugueses, foi preso após sublevação de oficiais brasileiros, voltou à capital baiana já com idade avançada e morreu em 1849 cercado por uma aura de herói da Independência.

Nascido em 1776 em Cannes, cidade do sul da França às margens do Mediterrâneo, Labatut teve trajetória no meio militar e participou das Guerras Napoleônicas na Península Ibérica. Anos depois, foi para a Colômbia, onde lutou ao lado de Simon Bolívar pela Independência da América espanhola.

Veio para o Brasil em 1819 e, três anos depois, foi contratado pelo príncipe regente dom Pedro de Alcântara para reforçar as tropas que lutavam pela Independência do Brasil na Bahia.

Depois de conflitos entre portugueses e nascidos no Brasil em Salvador, em fevereiro de 1822, e em Cachoeira, em junho do mesmo ano, os baianos organizavam uma contraofensiva a partir da região do Recôncavo para tomar a capital baiana, que ainda vivia sob jugo português.

Comandadas pelo coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque de Ávila e Pereira, que depois ganharia o título de Visconde de Pirajá, as forças milicianas e de voluntários organizaram um cinturão de defesa, fincando bases em áreas como a Ilha de Itaparica, São Roque, Saubara e Ponta de Nossa Senhora.

Pierre Labatut, em retrato feito por Oscar Pereira da Silva em 1925 Acervo do Museu do Ipiranga

Entre junho e outubro, foram formados diversos batalhões. Mas dom Pedro decidiu mandar reforços: navios que partiram do Rio de Janeiro em 14 de julho trouxeram seis canhões, 5.000 espingardas, 2.000 lanças, 500 pistolas, 500 sabres, 260 soldados e 38 oficiais, dentre eles, o general Pierre Labatut. Desembarcaram na Bahia em 28 de outubro, após incorporar à tropa 250 homens vindos de Pernambuco que formariam o Exército Pacificador.

O mercenário assumiu o comando das tropas e passou a se dedicar à organização dos batalhões improvisados formados por brancos pobres, negros libertos e escravizados enviados por seus senhores. Nenhum filho de proprietário de terras se apresentou como voluntário.

"Labatut foi uma figura muito importante porque ajudou a organizar as tropas, fez os regimentos e definiu as estratégias e táticas para a luta", afirma a historiadora Antonietta D'Aguiar Nunes, associada do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

> "Labatut foi uma figura muito importante porque ajudou a organizar as tropas, fez os regimentos e definiu as estratégias e táticas para a luta
>
> **Antonietta D'Aguiar Nunes**
> historiadora

Como aponta o historiador Luís Henrique Dias Tavares (1926-2020) no livro "História da Bahia", uma das primeiras medidas de Labatut foi enviar carta ao brigadeiro português Inácio Luís Madeira de Melo, que comandava a resistência portuguesa na capital baiana, para que deixasse Salvador.

"Temos plenos poderes para tratar convosco acerca de vossa retirada e da tropa com permissão de prestar-vos todo o necessário para a boa comodidade do transporte", disse Labatut na carta.

A proposta não foi aceita por Madeira de Melo, que dobrou a aposta e reforçou as suas tropas para lutar contra os baianos. Labatut respondeu organizando três brigadas para tomar Salvador: uma na região de Pirajá, uma no centro e outra mais ao norte, nas proximidades de Itapuã.

O acirramento das tensões desencadeou na primeira grande batalha campal da guerra pela independência na Bahia: a Batalha de Pirajá, que se desenrolou em 8 de novembro na região onde hoje é o Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Labatut não participou da batalha, mas elogiou os soldados baianos em carta, chamando os portugueses de "fracos e indignos de temor".

Onze dias depois da batalha, cerca de 200 escravizados armados dos engenhos da Mata Escura e Saboeiro atacaram Pirajá. Segundo Luís Henrique Dias Tavares, foram enganados pela suposta promessa de Madeira de Melo de libertá-los da escravidão caso aderissem aos portugueses.

Os brasileiros prevaleceram no ataque, que resultou na prisão de escravizados. Labatut mostrou sua face mais cruel e mandou fuzilar os 50 homens e chicotear as 20 mulheres que haviam sido presas.

Em escritos na revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em 1913, o jornalista e abolicionista negro Manoel Querino definiu Labatut como um militar que abusou do seu poder, tinha "um rigor que tocava à desumanidade" e "mandava fuzilar sob qualquer pretexto".

A rigidez nos métodos, a fama de violento e o fato de o general não se reportar ao governo provisório da "Bahia brasileira", em Cachoeira, criaram indisposição com oficiais brasileiros. Também houve críticas dos proprietários de terras quanto ao uso de escravizados como soldados.

"A libertação de escravos para a sua incorporação às fileiras do Exército aparecia para os grandes proprietários baianos como uma ameaça não só de desorganização produtiva, mas, principalmente, de desarrumação da ordem social clientelistas", aponta em sua tese de doutorado o historiador Sérgio Guerra Filho, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Em maio de 1822, ao ser informado sobre uma suposta conspiração, Labatut mandou prender o coronel Felisberto Gomes Caldeira, comandante de uma das brigadas, que foi enviado para uma fortaleza na Ilha de Itaparica.

A prisão resultou em uma sublevação dos oficiais brasileiros, que passaram a não mais cumprir as ordens do mercenário francês e decidiram depô-lo. Labatut foi preso em 20 de maio e em setembro foi mandado para o Rio de Janeiro, onde acabou sendo absolvido.

As tropas passaram a ser lideradas pelo coronel brasileiro José Joaquim de Lima e Silva. Labatut não participou da batalha final contra os portugueses e viu da prisão a vitória após a tomada de Salvador em 2 de julho de 1823.

Depois de deixar a prisão, o mercenário permaneceu no Brasil e ainda atuou no combate a revoltas na época da Regência brasileira, período entre a renúncia de dom Pedro 1º e a ascensão de seu filho, dom Pedro 2º.

Em 1832, chefiou uma expedição ao Ceará com 200 homens para enfrentar o proprietário de terras Joaquim Pinto Madeira, que comandou uma rebelião no Crato após a abdicação de dom Pedro.

A violência na empreitada fez com que ele se tornasse figura mítica do folclore local, uma espécie de bicho-papão: o monstro Labatut.

Seis anos depois, o mercenário francês ainda foi designado para combater na Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, onde sofreu uma derrota.

Depois de deixar o serviço militar, o francês Labatut trocou o Rio de Janeiro por Salvador, onde morreu em 1849.

A rua que abrigava a casa do mercenário, no bairro do Barris, foi batizada com seu nome. Além do Panteão em Pirajá, Labatut também foi homenageado com um busto no Largo da Lapinha, de onde todos os anos sai o cortejo comemorativo do Dois de Julho.

Este texto integra a série Perfis da Independência, que destaca nomes relevantes —muito conhecidos ou não— do período da emancipação do Brasil em relação a Portugal.

Da esquerda para direita, Steve Jones (Toby Wallace), Sid Vicious (Louis Partridge), John Lyndon (Anson Boon) e Paul Cook (Jacob Slater) em cena de 'Pistol' Fotos Miya Mizuno/FX

'Pistol' mostra primórdios da banda britânica

Memórias do guitarrista do Sex Pistols serviram de base para série dirigida por Danny Boyle, entusiasta do conjunto

F5

Vitor Moreno

SÃO PAULO Danny Boyle, 65, era bem fã do The Clash na juventude, mas admite que é outra a banda que mais teve influência sobre tudo o que viria depois, inclusive sobre ele. "Eu não estaria aqui sem os Sex Pistols, tenho absoluta noção disso", afirma o diretor em bate-papo com a imprensa, do qual a **Folha** participou.

Vencedor do Oscar por "Quem Quer Ser um Milionário?" (2008), o britânico dirige os seis episódios da minissérie "Pistol", disponível serviço de streaming Star+. A produção é baseada nas memórias de Steve Jones, guitarrista da banda.

"Venho de um histórico muito ordinário, da classe trabalhadora", lembra Boyle. "Querendo ou não, [antes dos Pistols] você iria se transformar no seu pai, você ia seguir os passos dele. Minhas irmãs seguiriam os passos da nossa mãe. Não tenho dúvidas de que essa revolução que eles criaram mudou o destino de muitas pessoas."

O diretor compara o espólio da banda ao deixado por Elvis Presley entre os adolescentes americanos. "Foi algo que libertou as pessoas dessa idade para se expressarem", diz. "Era como se você não precisasse mais colocar os sapatos e seguir o seu pai na fábrica, você podia fazer o que quisesse. Isso é a própria contracultura, foi um ponto de ignição."

"Eles literalmente derrubaram os portões do poder", admira-se. "Lembro muito claramente, havia um senso de: 'Uau, ok, isso está mesmo mudando, somos livres, somos mais livres do que antes'. Então, sim, foi algo que significou muito para mim."

A série mostra a gênese da banda, que foi a precursora do movimento punk, cujos ecos foram ouvidos muito além da cena musical. Também houve impactos na moda e no comportamento a partir da metade da década de 1970.

Apresentação da banca Sex Pistols em cena da minissérie dirigida por Danny Boyle e disponível no Star+

Os primeiros episódios mostram como se chegou à formação inicial, com Steve Jones assumindo o posto de guitarrista, além de Paul Cook como baterista e Glen Matlock como baixista. Posteriormente, John Lydon, o Johnny Rotten, chegaria para ser o vocalista principal e, em 1977, Matlock seria substituído por Sid Vicious.

Criador e roterista da série, Craig Pearce (da recente cinebiografia "Elvis") conta o que, para ele, fazia dos Sex Pistols revolucionários. "A sociedade britânica tinha a monarquia e um sistema de classes que garotos como os da banda cresceram aprendendo que deveriam reverenciar", avalia. "O lugar deles no sistema estava muito bem estabelecido: lá embaixo, na base."

"O que os Sex Pistols fizeram foi dizer: 'Nós não ligamos para isso, não vamos ser bonzinhos, não vamos tentar agradar vocês, vamos nos expressar'", continua. "Eles inspiraram toda uma geração, que percebeu que não importa se você não tem formação, se não tem dinheiro, vantagens ou um histórico familiar, se você tem algo a dizer, dá para achar um jeito de dizer."

Intérprete de Steve Jones, o ator Toby Wallace, 27, contou que o elenco passou cerca de dois meses praticamente imerso na criação de seus personagens. Ele também conversou com o próprio músico e ainda teve a ajuda de Karl Hyde e Rick Smith, da banda Underworld, para aprender como se comportar como um astro do rock.

"Nós éramos uma banda completa", afirma. "Os shows que aparecem na série são bem loucos, porque nós tocávamos em lugares de verdade, com uns 100 figurantes. E o Danny dava uns discursos antes de começar para animá-los. Eram bem poéticos e empoderadores, então todo mundo ficava louco. Eles amavam."

Louis Partridge, que faz o papel de Sid Vicious, conta que em alguns momentos eles começaram a se misturar com os retratados. "Chegou ao ponto de nós falarmos ao público como se fossemos os personagens", conta. "Foi muito surreal."

"Uma coisa que eu achei muito única sobre a série é que nada era pré-gravado ou feito em estúdio", acrescenta Christian Lees, que vive Glen Matlock na produção. "Era tudo muito cru. O que você ouve na série é o que a equipe e os figurantes ouviram. Acho que isso ajuda muito, porque é como os Sex Pistols eram: crus."

Para Anson Boon, que interpreta John Lydon, mergulhar nesse universo foi uma surpresa. "Eu não os conhecia tão bem quanto agora", admite. "Eles podiam não ter formação musical, mas faziam algo único e muito impressionante. Uma boa medida é que a primeira música deles, "Lazy Sod", só usava três cordas da guitarra, enquanto nas últimas tinham várias mudanças de escala. Só isso já mostra a jornada pela qual eles passaram. Como ator, isso foi maravilhoso de explorar."

Jacob Slater, o Paul Cook da série, diz que aprendeu com os roqueiros que é preciso se arriscar. "Mesmo que não dê certo, pelo menos você tentou", diz. "Espero que os jovens de hoje possam assistir e pensar que podem fazer as coisas de modo diferente dos demais, seguindo suas próprias ideias, porque é isso que os Sex Pistols representam para mim."

Além dos integrantes da banda, a série também dá destaque a nomes dos bastidores, como o empresário Malcolm McLaren, vivido pelo ator Thomas Brodie-Sangster. "Nunca interpretei ninguém tão afrontoso", conta. "Ele era bem extrovertido e meio maluco, na verdade. Foi um desafio divertido tentar encontrá-lo e torná-lo real. Tivemos semanas e semanas de ensaio para experimentar, mas foi algo que continuou até o final das gravações."

As mulheres que foram importante na vida dos integrantes da banda, bem como do movimento punk, também estão representadas lá.

São nomes como o da cantora Chrissie Hynde, o da estilista Vivienne Westwood e o da modelo Pamela Rooke, além de Nancy Spungen, a namorada problemática de Sid Vicious. Elas são vividas por Sydney Chandler, Talulah Riley, Maisie Williams e Emma Appleton, respectivamente.

"Vivienne é um ícone por si só", lembra Riley. "Em termos de impacto e reconhecimento, dá para dizer que ela é tão grande, se não maior, que os Sex Pistols. Ela era incrível, porque enquanto o Malcom dizia: 'Caos é criatividade', quem botava a mão na massa era ela, para fazer a visão dele criar vida. Acho que ela foi a contraparte dessa filosofia, o que foi legal de interpretar."

Chandler lembra que Chrissie Hynde também é parte viva da história. "O foco na série é mostrar esses garotos antes de se tornarem as lendas que viraram", conta. "Ao procurar a personagem, o importante para mim foi tentar me identificar com essa jovem que não era conhecida por ninguém, mas que ajudou o barco a zarpar. Ela deixou uma marca muito importante. E eu aprendi muito vivendo alguém assim."

Já Appleton lembra que, apesar de ser uma série centrada em figuras masculinas, as personagens femininas foram igualmente bem desenvolvidas. "São figuras que não parecem criaturas mitológicas, mas com várias facetas e ancoradas nas emoções humanas", elogia. "Eram pessoas reais, com suas relações e dinâmicas, já no roteiro. Nós só precisamos agarrá-las e mergulhar fundo."

Pistol

Dir.: Danny Boyle. Com Toby Wallace, Anson Boon, Jacob Slater, Christian Lees, Louis Partridge, Sydney Chandler, Emma Appleton, Maisie Williams, Talulah Riley e Thomas Brodie-Sangster. Disponível no Star+